

A ilusão de sermos pais: lições de etnopsicologia da infância.

Raúl Iturra

ISCTE/CEAS-CRIA/AMNISTIA INTERNACIONAL

lautaro@netcabo.pt

Para a minha neta Maira Rose, filha de Cristan e Paula van Emden (née Iturra) e irmã do Tomás.

PRELIÇÃO E AGRADECIMENTOS

Longe de mim imaginar que as crianças procuravam ou viviam uma intensa libido erótica entre os quatro meses de concepção e os quatro, quatro anos e meio de idade, como define Wilfred Bion, no seu texto (citado à frente) de 1966. Ainda mais longe das minhas ideias e sentimentos, que esse ser começasse, desde aquele período, a desenvolver o entendimento do que mais tarde se designa capacidade da criança de entendimento do real. Orientado pelas ideias da cultura social, pensava que o bebé no ventre da mãe mexia por ser parte da sua fisiologia.

A mãe da minha descendência costumava dizer: "anda cá, apalpa, está a mexer..." e, cheio de orgulho e felicidade, beijava a barriga, evidentemente, com paixão, desejo e com um profundo carinho que até aos dias de hoje sobrevive no amor e cuidado que dedicamos aos nossos netos, comia com beijos e abraços a minha mulher. Como dizem os Terapeutas não Antropólogos: o bebé nasce no olhar de dois namorados, frase citada e contextualizada no presente texto. Andava como os putos babados, a contar a linda história aos que me suportavam quer as palavras, quer o nunca parar de dizer o mesmo. Adulto já para tanta brincadeira, a minha próxima paternidade era a minha delícia, a da minha mulher eram as caixas de rosas vermelhas e chocolates com leite. Os beijos para a minha mulher até a hostilizavam: "deixe-me em paz...", eu, pretendo bom pai, não a queria provocar e largava-a. Escrevia extensos textos, preparava imensas aulas, tratava de todos os casos do meu Gabinete de Advogado desses tempos...com imensa distração porque, a criança que estava no ventre da minha mulher, estava a invadir a minha cabeça e a preencher toda a minha aprendizagem sócio cultural de macho. Adorava quando íamos à rua passear apenas os dois, eu a abraçar, a segurar e a exhibir a barriga da minha mulher, que eu tinha ajudado a encher e, tanto quanto

possível, acariciar em frente de todo o grupo social, o querido volume da feminilidade da minha paixão, essa mulher que me tinha cativado e levado a não parar até fazermos esse, para mim de certeza, filho.

Proibido tricotar cor-de-rosa, proibido pensar em nomes de rapariga, não tolerava mencionar nomes femininos para o nosso primeiro descendente, feito no meio de um terrível ataque de paixão.

Grande déspota, este pai. Muito direito, muitas culturas de outras sociedades, muito trabalho de campo..., na mais absoluta ignorância de que os saltos dentro do ventre eram a resposta zangada do meu sonhado rapaz, que defendia o que eu não sabia: a sua paz, a calma, a tranquilidade dentro da mãe, o alimento amniótico, alimento umbilical, a zangar-se com uma outra química que lhe tirava a comida quando eu entrava na mãe, a tentar por todos os meios possuir por completo a base da sua vida: o quente, flutuante, calmo e silencioso ninho no qual morava, num curto espaço de tempo. Grande déspota a mãe, ao defender a criança de qualquer perigo externo e, por vezes pôr, o marido, ainda não pai, de parte, pela dificuldade de ser grávida e conjugue.

E...no entanto, nem ela, nem eu, nem os avós pensávamos estar a travar-se uma batalha entre as ilusões do amor progenitor e a falta de afectividade do futuro adulto. Ou a afectividade dividida mais tarde entre o homem de casa se fosse rapaz, ou a mulher, se fosse rapariga: os ciúmes nasceram com o primeiro pranto de respiração no dia do parto.

Tinha que ser esse médico de Viena de Áustria a advertir-nos, em 1905, da existência, do Eros e Thanatos, na mais pequena das moléculas humanas do nosso grupo. Os calafrios que causou entre os austríacos, e no resto do mundo da época, entre os entendidos e mais ainda entre os não entendidos, e que se manifestam até aos nossos dias. Que a criança procura satisfazer o seu erotismo ao brincar com os seus genitais ou ao procurar o dos seus adultos? Que ser amamentado é parte do comer e da libido com orgasmo? Que o pénis erecto do pai passa a ser o brinquedo a seguir ao abandono das mamas? Que, se não é evitada, a pedofilia sem ritual acontece, como a pedofilia ritual de outras etnias não europeias?

Que a criança brinca com a sexualidade própria e a dos outros ao ser comandada pela fisiologia, que imensas vezes as pessoas adultas berram e punem porque o pequeno

agarra o seu corpo e, mal pode, os genitais dos seus adultos? O que é tanto beijo e a emotividade são, querida, normal, dentro da libido que esse futuro adulto traz consigo ao nascer, tal como amígdalas, apêndice, emotividade e profundos sentimentos de se colar ao pé dos seus íntimos? Não é para ser defendido de qualquer espécie de perigo, é porque essa emotividade é a que divide o mundo entre os meus e os outros, os que me amam sem dúvida nenhuma, porque os desejo, e os que não conheço e não sei se serão interessantes. Na sua obra denominada *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud relata, analisa e prova, pela primeira vez, o processo de desenvolvimento do instinto sexual do ser humano desde a infância até à vida adulta. Texto que, até hoje, é a base do entendimento da nossa interacção e da nossa empatia simpática ou antipática. Freud, é simultaneamente o autor de outros trabalhos, denominados "textos profanos" – procurando contrariar a ideia que toda a doença psicológica, nervosa, ou dos sentimentos é resultado de castigo divino –, como o de 1913: *Totem and taboo. Resemblances between the Psychic Lives of Savages and Neurotics*, com enfoque nas análises feitas no terreno, por outros autores, sobre as psiques de Java (Kraepelin, em finais de 1700; Johan Jakob Bachofen que analisa o Direito Materno, em 1863; James George Frazer e o seu estudo sobre mito, tabu, rito e religião na actividade mental, em 1890; Ernest Jones e a sua disputa ou debate com Bronislaw Malinowski sobre exogâmia e Édipo), direccionado pelo temor do incesto, que existia entre os grupos sociais não europeus e as proibições religiosas e civis na Europa. É, pois, assim, que (em colaboração com Jean Charcot) nasce o Complexo de Édipo, em 1885. Todavia, só em 1914, com o ensaio *Narcisismo* e, em 1915, com o texto sobre as vicissitudes do instinto, começa a desenvolver lentamente o erotismo infantil, dentro de formas analíticas psicológicas, que ele próprio emprega numa criança mencionada sempre por Fritz - o seu filho Hans morto aos 4 anos - e Melanie Klein durante dois anos de psicanálise de Richard (entre os 3 e os 5 anos de idade). Todos estes ensaios – e não há outros, porque François Dolto analisa o resultado das ideias religiosas no comportamento das crianças e Alice Miller foge de modelos e usa teoria e factos históricos, não o inconsciente nem a História Religiosa Universal (Freud o primeiro, Bion o segundo), para explicar as condutas perversas de Hitler e de Mussolini, como o ultrapassar de depressões problemáticas em Pablo Picasso e Buster Keaton. Estes, e o primeiro ensaio de 1905 de Freud, estão, hoje na ribalta, por causa do nosso jornalismo pobre que orienta a sua pesquisa para o que mais dói aos europeus: o comércio e prostituição de crianças, como já referi, exaustivamente, em livros e textos. No entanto,

entre os comportamentos que no Século XIX se denominavam "*aberrações sexuais*", existem, actualmente, alguns considerados comportamentos íntimos permitidos, pouco punidos e rejeitados como crimes entre nós, enquanto são ritos de iniciação na sexualidade entre não europeus, como o ritual pedófilo Baruya da Nova Guiné analisado por Maurice Godelier, ou estudado por Malinowski entre os Massim do Arquipélago das Ilhas Kiriwina, por David Herdt entre os Sambia das terras altas do Sudeste da Papua da Nova Guiné e os Picunche, que fazem parte do meu estudo entre os Mapuche Picunche das terras baixas da Cordilheira dos Andes, situados em Penuhue, Talca, Chile. Freud baseia as suas análises nas etnografias e estudos etnológicos e semióticos de Sir James George Frazer e Johann Jakob Bachofen, especialmente as ideias existentes sobre o Mito de Édipo e o de Electra. A pedofilia, a homossexualidade masculina e feminina – hoje admitida como uma nova forma matrimonial, a masturbação retirada da lista das aberrações e dos denominados pecados pelos grupos religiosos e das ideias de fraqueza mental de muitos membros da população europeia, enquanto é um rito de inseminação, público e colectivo, em grupos sociais estudados pelos Antropólogos. Em *Psicanálise e medicina* (de 1927) e *O Mal Estar na Cultura* (de 1930), defende a possibilidade de pessoas eruditas sabedoras, entendidas em emoções e boas ouvintes, poderem actuar como clínicas da mente, independentemente de terem ou não formação médica. Muitos discípulos de Freud e Klein agiram assim. Bion era médico, mas alargou os estudos ao contexto do ser humano, para entender as partes psicopatas que todos temos e as partes de inteligência, o mesmo trilho seguiu Georges Devereux, húngaro – franco – norte-americano, discípulo de outro húngaro, Geza Röhheim e do revolucionário francês, Marcel Mauss. O sábio Marcel Mauss, com Robert Hertz, e o seu professor Émile Durkheim, que, em conjunto, contribuíram, partindo das teorias de Wundt, Tönnies e Marx, para o entendimento, análise e mudança do tratamento das crianças. É o que eu designo de Etnopsicologia, teoria, por mim criada, retirada do saber da Etnopsiquiatria, organizada por Georges Devereux. Teoria analítica e interpretativa que me orgulho de praticar, com duas colaboradoras que menciono no final destas páginas. O próprio Freud usa o contexto para explicar a mente que sofre, a origem do seu sofrimento e, se possível, a mudança no sofrimento. Num texto de 1925, consagrado à educação, Freud propõe acabar com o método repressivo, normalmente utilizado para "civilizar" os "pequenos homens". O que procura é o método de ensinar o comportamento conforme os tempos e o grupo social, no entanto fica um problema: que fazer com as pulsões anti-sociais que todo o ser humano tem? Reprimir ou sublimar?

Age-se de forma violenta, ou orientam-se as pulsões anti-sociais para formas valorizadas e acolhidas pela vida social? É esta segunda parte que interessa a Freud, desenvolvendo toda uma teoria para orientar os comportamentos infantis, ensinando os adultos que é através da doçura e da paciência que se orienta o comportamento dos mais novos, desta forma as pulsões anti-sociais passam a pulsões positivas. Face a este avanço teórico, novas interrogações se colocam: quais são as pulsões socialmente aceitáveis? Qual o grupo social, o século, o ano ou o tempo do qual falamos? De facto, não há nem tempo nem espaço para falar da teoria da educação de Freud (tema a abordar no meu próximo livro). Mas, pelo menos – e desculpe o leitor - farei uma síntese do que pensava aquele autor sobre as pulsões e a forma de as travar ou de as dinamizar: *Une violente répression d'instincts puissants exercée de l'extérieur n'apporte jamais pour résultat l'extinction ou la domination de ceux-ci, mais occasionne un refoulement qui installe la propension á entrer ultérieurement dans la névrose. La psychanalyse a souvent eu l'occasion d'apprendre á quel point la sévérité indubitablement sans discernement de l'éducation participe á la production de la maladie nerveuse, ou au prix de quel préjudice de la capacité d'agir et de la capacité de jouir la normalité exigée est acquise. Elle peut aussi enseigner quelle précieuse contribution á la formation du caractère fournissent ces instincts asociaux et pervers de l'enfant, s'ils ne sont pas soumis au refoulement, mais sont écartés par le processus dénommé sublimation de leurs buts primitifs vers des buts plus précieux. Nos meilleures vertus sont nées comme formations réactionnelles et sublimations sur l'humus de nos plus mauvaises dispositions. L'éducation devrait se garder soigneusement de combler ces sources de forces fécondes et se borner á favoriser les processus par lesquels ces énergies sont conduites vers le bon chemin (...). Qui n'a jamais subi les brimades parentales s'exprimant sous la forme d'un catégorique "ne fais pas ça" accompagné, pour tout justificatif, d'un laconique " ce n'est pas bien " ? Cette conduite, parfaitement compréhensible – les parents veulent protéger leurs enfants - est loin, cependant, de recevoir l'approbation de Sigmund Freud, qui doute que la répression de toute pulsion infantile soit bénéfique aux futurs adultes qu'elle est pourtant sensée aider á se construire», efectuada a partir do texto, de 1895, que define *O Inconsciente*, em: <http://www.webphilo.com/reponses/voir.php?numero=453061140>.*

Esta seria a síntese das lições sobre a educação de crianças, de acordo com Freud e seus discípulos. Teoria, elo central de toda a teoria analítica na nossa sociedade, que

aborda a necessidade de combinar as chamadas de atenção sobre o comportamento e as permissividades, desde que os adultos saibam agir na emotividade coordenada pela razão e não apenas pelas suas conveniências, ou por causa delas. O que os adultos querem é manter uma certa paz, tendo por finalidade o entendimento ou, ainda, que a criança se torne num adulto sóbrio, calmo e conhecedor, no dia da sua autonomia. Nada mais direi neste parágrafo, deve passar a ser outro livro, de Durkheim a Cyrulnik...

É sobre esta temática, não organizada nas salas de clínica, que falo neste livro, fruto de longas conversas com a minha orientada e amiga Angélica Espada, nos Seminários de Doutoramento do Departamento de Antropologia do ISCTE, contando com a participação e debate de todos os membros do Seminário, e com a imensa, incrível, até sacrificada colaboração da minha discente do ano 2003-2004, Idalina Alves Lopes, futuramente membro do meu Seminário de Doutoramento em Etnopsicologia da Infância. Idalina aprendeu teoria e factos, fixou o meu português e corrigiu várias das ideias defendidas por mim, defendidas de forma ou pouco claras ou enganadas. Sem elas, este livro não existiria. Três anos de trabalho meu, vinte anos de trabalho de campo, textos sobre a matéria citados no livro e três meses de revisão, do que fui escrevendo, por Idalina Alves Lopes. Devo a Idalina, praticamente, a feitura do livro, a Angélica as ideias e ao meu discípulo, amigo e orientado para o doutoramento, José Manuel Filipe, uma profunda revisão das ideias. Ele queria mais, mas há limites.

A minha observação desta temática é muito complexa e delicada. Assim, como afirmo no livro *O Saber Sexual das crianças*, sou como uma árvore que vê, ouve, cala e responde apenas quando perguntado; manipulo a minha própria ética para não intervir na proibição de factos que, na minha cultura, são delitos; recorro aos poucos Antropólogos que se dedicaram ao estudo da sexualidade das crianças, invocados no livro e "agarro-me" a Simund Freud, Jean Charcot, Wilfred Bion, Melanie Klein, François Dolto e, especialmente à minha interlocutora, Alice Miller. Daniel Sampaio tem sido um excelente crítico escrevendo na Net a sua opinião acerca do que eu estudo e Idalina, a mais feroz censora deu-me a entender estas lides. Os membros do meu Seminário de Etnopsicologia da Infância na Licenciatura do ISCTE, mais próximos da minha geração, têm apoiado os mais novos ou proporcionado ajuda e ideias, com os seus sentimentos do que é escândalo.

Parafrazeando Victor Hugo, o livro não é meu, é do povo. Assinei, com Jean Marie Tremblay, da Universidade de Quebec, a acta que retira os direitos de autor. O editor deve aconselhar...

Quanto a mim, com Idalina e Angélica...vamos continuar como companheiros de rota dentro desta temática da qual apenas a imprensa fala, com grande escândalo..., mas sem soluções.

Obrigado a todos pelo empurrão para a análise destas ideias, especialmente a pioneira Angélica Espada e a agora, profunda conhecedora, Idalina Alves Lopes que, enquanto fixava o meu livro, lia, aprendia mais do que eu tinha ensinado, incrementou o meu saber e soube corrigir os enganos de entendimento teórico. Devo-lhes uma parte imensa do texto...., especialmente o ânimo e o espírito para não travar a escrita e a pesquisa que o apoia.

Raúl Iturra

Natal de 2004

INTRODUÇÃO

Falar de crianças é uma temática complexa. Primeiro, porque o conceito, às vezes, é usado como substantivo para definir um comportamento, outras, como adjectivo se quisermos denegrir indivíduos do nosso grupo social, esses que não gostamos, revelando dessa forma a existência de um pensamento negativo sobre pessoas pertencentes ao mesmo grupo social. Por outras palavras: o conceito criança é um conceito manipulável. Assim, a sua definição torna-se complexa: não é um conceito que faça referência sempre à mesma idade, tanto pode ser denominada criança um bebé ao nascer, ou nos seus cronológicos quatro anos, ou, como é definido na lei positiva e canónica para o caso português, pode-se tornar a ser criança por diminuição da capacidade de entender o real, ou o desenvolvimento da capacidade de usar a razão E, finalmente, o conceito criança muda conforme a definição usada nas várias ciências que

falam dos mais novos, no senso comum – o mais usado – e na cultura que é referida. Muda conforme for permitido agir dentro de um Estado, uma Nação, Etnia, ou Grupo Social *tout court*. Apenas pode entender-se, neste ponto, que ser criança é estar sujeito aos adultos com capacidade de opção e gerir recursos que rendem lucro e mais-valia, o cerne da nossa interacção social, essa corrida concorrencial entre seres humanos para demonstrar através do saber ser-se melhor que os outros, pela maturidade da capacidade de pensar. A lógica dos mais novos, parece-me ser, como tenho definido noutros textos, uma estrutura de ideias em processo de formação, de acumulação de novos pensamentos, experiências e formas de pensar: uma epistemologia em crescimento. A relação adulto – criança começa pela simpatia dos mais velhos ao festejar, com encorajamento e carícias, a primeira vez que um ser humano pequeno pronuncia um som que parece uma palavra, ou quando começa a distinguir entre os mais próximos que ama e a desdenhar aqueles de quem aprende a não gostar ou de quem, na sua emotividade, aprende a ter medo começando-se a afastar. Todos estes sentimentos, são o objecto científico do meu interesse para analisar, entender uma emotividade em crescimento, uma epistemologia em formação e assim a amar ou colocar a prudente distância. Ou, simplesmente, para a ensinar a reproduzir a nossa cultura, os nossos pensamentos, língua, costumes, amostra de amor permanente para os mais pequenos. Ou, contrariamente, desenvolver um processo educativo que permita a sua liberdade de entender, desenvolver livremente o seu imaginário, criar uma fantasia, entender disciplina, carinho, emotividade sedutora, formas de comportamento para ser pessoa com identidade própria entre tantos seres humanos diferentes. Comportamento com a criança na base de processos diferenciados de formas de ser alternados que existem, no meio de tanta cultura de várias gerações em coexistência a partir de contextos históricos em tempos cronológicos desiguais. Em síntese, a criança é uma entidade desconhecida que pensamos saber orientar porque nasce, ou, melhor dizendo, porque a concebemos na base da paixão. O tal senso comum anteriormente referido.

Eu próprio fiquei surpreendido no dia do nascimento do nosso primeiro rebento, esse dia em que fui pai: adorei a minha própria criação, com um certo tremor no meu comportamento pois não sabia muito bem como e o que fazer para desenvolver essa capacidade de amar a minha descendência e entender a nova emotividade. Cada mês ou ano que passava, era preciso pensar e organizar uma estratégia diferente a ser empregue na minha interacção com eles, a minha cónjuge, os parentes, amigos e vizinhos e

comigo próprio, processo de estrutura emotiva e material mutável dia após dia. O trabalho de sermos pais, a ilusão de sermos pais. Não esqueço factos que apoiam esta dificuldade da onnipotência humana, esse agir que nos faz deuses perante as nossas divindades, mas deuses de pés de barro: às vezes as crianças não queriam almoçar ou jantar por se terem fartado de guloseimas durante o dia. Guloseimas que dão conta do apetite, mas não de alimentação ao longo do dia. Fiquei preocupado. Qual o milagre a aplicar? Solução: íamos juntos às compras, juntos a seleccionar o que íamos comer e, se bolachas, chocolates, rebuçados eram escolhidos, eu lembrava docemente, com palavras simples por causa da idade, que a seguir íamos ter um debate sobre a compra...sem chicotadas, bem entendido, mas à distância que o carinho pela nossa criação, permite e por causa da alimentação. Perante palavras firmes, explicativas e comportamento militante de crescimento livre mas bem nutrido, os nossos pequenos decidiam não escolher, começando assim a exercer domínio sobre si, a pensar, a optar...a comer guloseimas. A trocar o prazer efémero por um crescimento sustentado para um futuro de adulto que sabe ser e dizer. Em troca, nós próprios aprendemos a ter o prazer de fazer o nosso pão, batatas esmagadas com azeitonas, pratos de comida decorados com o imaginário, desenhos nas cascas dos ovos, tudo a ser engolido enquanto analisávamos a colaboração ou a preguiça do outro nas artes culinárias, *voir*, na interacção afectiva entre progenitores, obra humana para os pequenos, temas interessantes para falar, conforme a idade. Os presentes de guloseimas ficaram proibidos de ser aceites, em troca de bolos feitos em casa por todos nós. Eu diria, perante este facto sofrido, tivemos que aplicar o senso comum.

É assim que entendemos as crianças? Com esse trabalho de imaginação do adulto, que nem sempre está feliz consigo próprio e os outros por causa da estreita economia que devemos aplicar para viver ou as impaciências amorosas que acontecem dentro de um grupo em permanente movimento de crescimento dentro da História? Por outras palavras, um grupo social em permanente mudança emotiva ou abstracta e material ou simbólica. Serão esses mais novos os anjos prometidos e sonhados pela paixão e a cultura social? Anjos silenciosos e submetidos aos seus adultos, que sabem cantar e recitar? Que desenham, gatinham com a baba a escorregar da dentada desde a nascença? Sermos pais, é brincarmos? Ou ver, ouvir e calar até a necessidade de falar para alimentar o crescimento de filhos e, especialmente, dos pais?

São estes os temas que trato no livro que lê. Mas, trato de duas temáticas, no meu ver, bem mais interessantes. No meu pensamento, para entendermos *criança*, esse "subentendido", como referirei mais à frente, esse ser que...está aí...anda por aí...berra por aí...é preciso saber ser adulto que, com serenidade e sabedoria saloia ouve, vê, cala e fala quando perguntado... e nada mais a fazer para ser progenitor. Escolas de pais, até hoje, existem apenas as que frequenta a descendência e só para acompanhar a subordinação dos futuros cidadãos a uma lei que obriga a um comportamento regulamentado pela lei codificada e pelo costume que vive na nossa mente. Sermos pais, é passar os nossos "concebidos" pelo saber social, com carinho e certas palavras estritas de disciplina, com compreensão que não se confessa pelos actos cometidos pelos pequenos, para comentar na mesa de jantar com calma e sinceridade aberta. Sermos pais é uma obrigação que dura apenas os anos que decorrem entre a concepção e o desenvolvimento da capacidade de entender, na inteligência dos mais novos, dentro de um imaginário nunca recalcado. Até ao dia em que a criança é o adulto que nos substitui enquanto nós ficamos a reorientar a nossa vida de sermos pais sem filhos, quer na nossa casa, quer num lar. Nunca em casa deles: mora nela a sua família a ser criada, a crescer, a entender e continuar a nossa obra durante gerações vindouras. Até ao dia em que os nossos pequenos preencherem, adultos anciões, o nosso lugar vago porque o corpo não resiste até à eternidade.

Mas, um segundo ponto interessa-me definir e entender: essa descoberta de Sigmund Freud em 1885, sobre a existência de vida libidinosa erótica no corpo e mente das crianças. Como diz um autor moderno, do nosso Século – Boris Cyrulnik –, estamos em frente de pequenos patinhos vilãos. Que manipulam, que gritam, que trocam beijinhos por um objecto do seu desejo, que nos fazem correr. É entre a concepção e o começo do entendimento de si própria da criança, que acontece entre nós na estudada e analisada idade dos quatro anos, a paternidade/maternidade transpira, corre, cala, amua, dá carinho, tudo talvez durante o mesmo dia, ou por épocas. Às vezes, especialmente nos Séculos XX e XXI, um dos adultos pensa que este comportamento é por causa do outro cônjuge e vai-se embora e abandona a sua ninhada, às vezes, para sempre. Faltou-lhe saber o que Freud andava a dizer e a desenvolver a partir de 1909 [2]. Este autor não analisa apenas o caso do pequeno Hans, como toma emprestado, ou é-lhe dado por Ferenczi, o caso da criança indonésia Arpád [3], ou ainda a psicanálise de Richard realizada pela discípula de Freud, Mélanie Klein, como a de tantos outros que ela relata

na sua obra. Registo resultante, também, da troca de ideias entre Freud e Ferenczi, começada em 1900, a qual lhe permitiu escrever um livro específico sobre o erotismo das crianças, especialmente sobre as aberrações sexuais [4]. O livro analisa o nascimento da libido erótica no corpo dos mais novos, o seu desenvolvimento ao longo da infância e as aberrações cometidas por adultos com a dita pequenada. Temática de toda a actualidade nos nossos dias, o que me levou a optar pela escrita deste difícil texto. Difícil, pelo debate entre autores e correntes, especialmente os deterministas da conduta, os conductistas, ou do comportamento, que Malinowski usou em Antropologia, ou da abstracção psicanalítica, essa escola de Freud contra a qual Malinowski e outros Antropólogos se rebelaram. Contudo, surgiu um autor importante na análises dos símbolos, ideias e conceitos, que soube e conseguiu converter a pesquisa de Freud sobre a procura do prazer em procura de verdade, e a sua fuga de Thanatos, ou a morte, em aceitação da realidade dura e dolorosa que vivemos, a aceitação do sofrimento como maneira de entender a verdade de forma religiosa - religiosa, quer dizer, com ideias éticas, rituais, míticas, sem necessidade de uma divindade que intervenha no comportamento, muito embora seja analisada pelos Antropólogos e Terapeutas como forma de estratégia perante o sacrifício que é a vida. Este autor é Wilfred Bion, exaustivamente tratado neste texto.

O texto não é fácil. Freud, Klein, Miller, Bion, Malinowski, Godelier, Sampaio, Sá e eu próprio, somos dos poucos, que dentro de um texto com este objectivo, capazes de entender. Como os casos de Hans, Arpád, Richard e os que eu próprio tenho estudado entre o povo Picunche, analisados no meu trabalho de campo, assim como os estudados na Europa, Vilatuxe na Galiza e Vila Ruiva na Beira Alta de Portugal.

É, pois, este livro que entrego para debate entre todos nós e para sabermos, finalmente, que a vida erótica existe desde o primeiro dia de um ser humano, tratando-se de um processo em diversos contextos, factos entre nós crime, entre outros rituais. Entre nós, denominadas "birras" das crianças que, conforme Bion, ainda não entraram no desenvolvimento da razão, pelos 4 anos de idade, "birras" essas devidas à insatisfação sexual, emotiva, de sentimentos da libido. O anjo é preparado pelas Igrejas, porque é necessário tomar conta do facto mais complexo entre nós: o incesto, actividade existente há séculos e, hoje em dia, analisada e julgada na praça pública... por nós, os encarregados de orientar a vida, além do incesto do nosso lar. Sermos pais

disciplinadores e educadores, é uma ilusão. Sermos pais atentos aos factos eróticos do nosso lar e especialmente à pedofilia, masturbação, violação, adultério, é, em conjunto com o incesto, o objectivo da paternidade de todo o progenitor.

Raúl Iturra, 11 de Setembro de 2004

Primeira Lição

A MATERIALIDADE DOS AFECTOS

As crianças observam-nos. As crianças sabem de nós. As crianças descortinam-nos. Esses pequenos seres, entre os 12 meses e os cinco anos de idade, imitam-nos. Procuram em nós uma satisfação sentimental das suas emoções e colmatar os seus desejos de uma resposta simpática no difícil processo de amar. Um processo que requer um parceiro, processo de ida e volta, conjugado no verbo amar: de simpatia, de antipatia, com raiva, ou, simplesmente, não amar. Em síntese, uma complexidade entre as relações baseadas nas emoções, nos sentimentos e na intimidade do desejo. Esse descortinar dos nossos afectos que permite aos mais novos aprenderem a ser adultos, com bem ou mal-estar na cultura, como referia o nosso mestre Freud no seu texto de 1930 [5], ao definir as aberrações sexuais do seu tempo. Os mais novos escrutinam o nosso agir, decidem se é bom ou mau para eles e não vão a votos, é um observar sem democracia. Ditadura dos mais novos que obriga os mais velhos, a um comportamento adequado aos seus sentimentos definidos pela epistemologia cultural, que os mais novos desconhecem. Há uma procura de empatia simpática, a mais primária das emoções, referidas no meu livro de 2000 – *O saber sexual da infância* e no anterior de 1998, *Como era quando não era o que sou* ou *O Crescimento das Crianças*, para os quais remeto o leitor, por falta de espaço. Ditadura, essa, referida ao adulto como uma entidade que ensina, predica, pratica sentimentos agradáveis e é observada com toda a atenção pelos mais novos. Observação, capacidade baseada na existência de uma expressão material dentro da qual os sentimentos adquirem uma forma para serem tocados, toque que facilita o descortinar dos sentimentos.

Materialidade emotiva, como e porquê? A primeira ideia que me ocorre, é a da relação adulto criança, esse carinho imenso que leva ao contacto físico, no dormir juntos, esse sadio relacionamentos de beijos, abraços, apertos que, eventualmente, poderiam levar ao prazer do orgasmo no mais novo pela sua natural procura de erotismo afectivo. Ou, toque dos mais velhos no corpo de crianças, facto definido pela lei, que poderá levar ao crime da pedofilia. Esta materialidade também acontece noutras sociedades, como a referida pelo antropólogo Maurice Godelier [6] entre os Baruya da Nove Guiné, no texto de 1981. Apenas, entre os Baruya ela é ritual. Etnia de pensamento analógico, *sabe* que a reprodução é possível quando acontece nos factos: quem já tem sémen, transfere-o a um pré púbere por meio de amamentar o pénis do púbere, é materialmente inculcado para a continuação social da vida na História. A consequência é quase evidente, que eu definiria como um cerimonial de casamento empolgado pela circulação do sémen. O jovem Baruya que dá a beber o seu sémen, deve casar com a irmã do iniciado, mulher que passa a ser a mãe dos seus filhos. Esses beijos e abraços entre irmãos de qualquer idade, são designados na nossa lei europeia delito de incesto, caso acabe, como tenho observado no meu trabalho de campo, em prazer erótico. Jogo comum entre a nossa criançada. Jogo com prazer libidinal noutras sociedades, não é delito. Refere Bronislaw Malinowski – conhecido heterogâmico como relata no seu diário íntimo, disponibilizado pela sua viúva Valentina Malinowska e guardado na Cátedra William Wyse de Cambridge, Malinowski ia dizendo [7], o fundador da Antropologia Social Britânica, no seu texto de 1928, que entre os grupos sociais da Melanésia, não há incesto se as relações eróticas acontecerem entre parentes de clãs diferentes: os filhos, emotiva e materialmente o são apenas da mãe por lei costumeira. O homem, parceiro da mulher, necessariamente de outro clã, não é o pai da descendência fisiologicamente conjunta. É, sim, a autoridade masculina dos filhos da sua própria irmã. Autoridade do irmão da mãe, que é de facto, se a palavra existir, o pai das crianças. O parceiro da mulher é apenas um semental e guardião dos filhos do irmão da mulher. Onde, não existe pai. Porém, o incesto conhecido por nós não existe dentro do que denominamos grupo doméstico: homem, mulher, descendência. Para nós, mundo ocidental, o incesto é punido para travar o seu corrente acontecimento no processo da prolongada permanência sob o mesmo tecto de pessoas de família consanguínea. A nossa reprodução é pelo sangue. A de outros povos, incluindo os Maconde de Moçambique – facto que Jorge Dias não quis referir, mas que me foi transferido pelo seu colaborador, o geógrafo e etnógrafo José Manuel Viegas Guerreiro – é pelo sémen.

Ocorre-me também pensar noutra materialidade de afectos descortinados pelas crianças, como a masturbação ou formas de auto erotismo, aprendidas de qualquer espécie de código falado em família, notícias comentadas, ensinada na catequese e na confissão, questões que o Sacerdote pergunta, pergunta que desperta a curiosidade dos mais novos e acorda o seu apetite libidinal, já existente no seu corpo. Conversas que levam a interrogar se a criança tem "*acarinhado as partes proibidas do corpo*", ou definições de catecismos anteriores ao actual, sobre debilidade mental consequência do auto erotismo. Costume social que intima a fazer parte do *fair-play* ou divertimento erótico entre adultos que a criança pode não ver, mas sabe que a porta do quarto, sempre aberta, ocasionalmente se fecha e fica a proibição de entrar. Relação sexual íntima que passa a ser social porque os adultos falam dessa relação, sem explicar, em conversas de mesa, em frente dos mais novos que são apenas um subterfúgio... Diferente das formas referidas por Freud em 1913 [8] entre os nativos australianos, os Arunta ou Aranda, ou por Georges Devereux [9] ao analisar os nativos da Europa, em 1932, e compará-los com os Mohave dos EUA, em 1961. Libido, toda ela, usada para os ritos de passagem organizados por adultos do mesmo sexo, como essa transferência dos mais novos para uma nova hierarquia social: Baruya, Sambia, Picunche, europeus que iniciam os seus filhos em casas de prostituição, relatado como está no livro de Jaime Bayley [9a] e no de Garcia Márquez, referidos em notas de rodapé. Baseada, necessariamente, na sexualidade. Conversa ausente da vida familiar europeia. Ou, como Malinowski diz no texto invocado, ao perguntar aos ilhéus do Arquipélago Kiriwina se acontecia *fellatio*, amor entre o mesmo sexo, relações físicas entre adultos e crianças, os habitantes riram por causa do autor não saber do jogo sexual entre parceiros de diferentes clãs, no primeiro caso, o do carinho procurado entre amigos, no segundo caso, e a iniciação ritual para a vida adulta, no terceiro. Comportamento da prática material de sentimentos que entre todos nós existe e que tem lançado vários Códigos orientadores da conduta sexual, individual e colectiva, como os *Dez Mandamentos* [10], a Lei Hebraica, as *XII Tábuas da Lei Romana*, o *Código de Justiniano* [11] que legislou na Europa entre 527 e 1453 até causarem guerras entre Estados motivadas pela vassalagem (ou não) ao Vaticano. Disputas que levaram o Direito Canónico a governar a Europa, até à separação do Continente entre várias alternativas cristãs para o entendimento do real. Direito, berço da lei civil napoleónica que hoje orienta as nossas vidas. É possível apreciar o elo de toda a legislação vigente, no controlo da sexualidade. O processo da sua materialidade não tem pensamento, a paixão carece da racionalidade que a teoria

económica desenvolveu recentemente. Ou porque essa racionalidade não prevalece no campo da paixão. A ditadura dos mais novos é necessária para que os adultos de emotividade mal desenvolvida, ajustem os seus sentimentos à ética cultural. A geração que substitua procure esse único valor possível: amor oferecido, amor correspondido. Comportamento amadurecido capaz de entender as inúmeras mudanças da expressão material da afectividade na cronologia da vida. A ditadura dos mais novos é o grito de batalha que procura verdade, amor, definições do que não vê e não compreende. A adolescência, essa etapa difícil da vida, procura respostas empáticas e não apenas: "isso não é contigo", ou análises de pais em desesperada procura de Françoise Dolto [12], Alice Miller [13] e Daniel Sampaio [14]. Derradeira lição que recebe um ser humano ao passar da juventude à paternidade. Paternidade que devia conspirar com a infância e escrever o livro da vida que tem por título a materialidade dos afectos.

Segunda Lição

O REAL DOS PAIS: CAIM E ABEL

Escrevo textos antes de proferir uma aula, ao longo de imensos anos. Em todos eles, como ao proferir conferências, costumo dizer que toda a sociedade tem duas culturas, a do adulto e a da criança e que ambas as culturas estão entrelaçadas: para entender uma, é preciso entender a outra no seu comportamento e na sua epistemologia. Ao transferir aulas para este livro, bem mais cumpridas, a minha dúvida metódica fez-me pensar outra vez. Hoje, eu diria que toda a sociedade tem adultos e crianças, hierarquizados pela forma de materializar os seus sentimentos em emoções diferentes, como acontece em diferentes culturas em todo o mundo. Por outras palavras, há comportamentos emotivos diferentes nas diferentes cronologias que cruzam um ser humano, há formas de exprimir sentimentos com variações, como uma sonata: *allegro*, *jocoso*, *minuet*, *bourrée*, *dança*, *contradança*, ou serenidade, divertimento, alegria, tristeza, fugir, ser punido, punir, explicar, entender, calcular, pedir, depender. Mas, principalmente, depender: o mais novo, dos cuidados, alimentação, agasalho, vigilância, correcção, carinho, amor, raiva, engano, ensino, formas de estar juntos enquanto um facto muito importante acontece: a mudança do tempo entre todos os seres humanos: os mais novos crescem, isto é, aprendem o cálculo das contas da vida, lucro e mais-valia, a ganhar autoridade e independência, autonomia, enquanto os mais velhos começam a perder a lembrança, a agilidade das mudanças culturais, até passarem a depender

também, do antigo subordinado. É uma dança com duas pontas: a subordinação do mais novo durante um tempo, a subordinação do mais velho, em tempos posteriores, ao seu descendente e antigo subordinado. Há, porém, ascendentes e descendentes ao longo da vida que estão em cantos extremamente diferenciados, com uma supremacia e autoridade absoluta do mais velho, passando pela paridade de actividades, no dia em que o ser mais novo, agora adulto e independente e com a sua própria família, orienta as rédeas do poder até ao dia de velhice da antiga autoridade. Factos que observamos e nos parecem evidentes, factos aos quais nos habituamos. Desenvolve-se em cada cultura um processo de lidar com as diferenças, que muda na História, na genealogia, no contexto económico da cultura, com as descobertas científicas, novas maneiras de tratar o corpo e de saber procurar uma alta auto estima pessoal, a nossa própria mais-valia, o nosso próprio objecto do desejo ou de aceitar as infelicidades desenvolvendo o nosso entendimento [15].

Mas, nem todas as culturas ou comportamentos de interacção nas sociedades do mundo regulamentam essa conduta de forma semelhante. Há toda a análise de grupos não europeus ou europeizados mais tarde, tratados como etnias e não como Nação ou Estado, que a Antropologia estuda [16]. A Psicologia é parte desta análise de comportamento e entendimento do comportamento cultural e a Etnopsicologia é uma parte desta ciência, um método para entender uma mente cultural, suas ideias, ritos, mitos, organização social, estrutura de parentesco, processo de interacção social e as suas abstracções em representações simbólicas e semióticas.

Cada grupo social tem uma ideia diferente da serenidade e de paz na interacção entre adultos e crianças, assim como cada grupo social define o que é a vida adulta e a vida da criança, de forma diferente e heterogénea, com uma cronologia de idade que varia conforme os costumes e a lei. Grupos sociais que recebem no seu seio pessoas que analisam a realidade cultural e o seu comportamento a partir da sua própria teoria – como tenho analisado neste e noutros textos – experimentando retirar das formas normativas dos povos analisados, conceitos que condigam com a teoria europeia, psicanalítica ou comportamental [17]. Em síntese, pode-se dizer que a heterogeneidade de sentimentos e emoções que existem dentro de uma sociedade, são vividas de forma diferente entre os indivíduos de diferentes idades e hierarquias e entre as diferentes culturas. Há os grupos que definem a idade a partir da iminente maturação do indivíduo

que entra na época pré-púbere, com a menstruação nas raparigas e o começo de sinais de pêlo púbico nos rapazes, que anuncia a necessidade de começar a receber sémen dentro do seu corpo, da forma analisada por Maurice Godelier [18], para os Baruya da Nova Guiné.

Esta análise de Godelier não apenas refere a *fellatio* o sexo oral praticado no pénis de outro, até à ejaculação, como forma de adquirir sémen transferido de um corpo novo já com semente reprodutiva, corpo com sémen, sem ter tido ainda intimidade com mulheres, dando a beber do seu pénis esse sémen à criança, cuja irmã será a mãe dos descendentes que nutre de sémen essa criança. Já com mulher e descendência, a vida deles continua na casa dos homens apenas com a obrigação de penetrar a mulher de tempo em tempo: existe o mito da vagina dentada, definindo o perigo do pénis ser cortado se ficar muito tempo dentro da mulher, ou se a mulher for a própria vagina dentada vestida de mulher. Pensou-se que esta ideia era de selvagens, até o Antropólogo Robertson Smith [19] descobrir que o mesmo mito existe também no Continente Europeu, o que justifica que no Velho Continente os coitos sejam rápidos e curtos, sem interessar o orgasmo da mulher que pode procurar o seu erotismo com outros homens ou mulheres, ou pensar que a sua missão é unicamente ter filhos e amamentar [20]. Fora da Europa, é obrigação das mães tratar das crianças até estas serem transferidas para a casa dos homens por um padrinho escolhido pelo homem da mulher – pai para nós – entre os membros do clã; na Lição 4 refiro e lembro que em 1905 e 1913, Freud denominou *aberração sexual* esta actividade que ficou classificada como neurose de comportamento até aos nossos dias. A questão é: se uma cultura orienta a sexualidade à maneira da análise de Freud e seus discípulos, como é que a lógica da História, ou da Religião, permite na narrativa da cronologia da vida e no catecismo não apenas a *fellatio*, bem como a masturbação – primeira forma de entrar na vida erótica da maior parte dos povos – e a homossexualidade? Talvez seja necessário distinguir o que Malinowski diz no seu texto de 1929 ao denominar punição às aberrações sexuais referindo os comportamentos sexuais não heterossexuais – zoofilia – com animais e pessoas do mesmo sexo, por homossexualidade. No entanto, não adscrive nem analisa doença nenhuma a estes comportamentos, porque os Massim não apenas praticam sexualidade oral – *aberrante* para nós – como os pais a permitem e é dever das mães ensinar sedução às filhas e dever dos pais, diversas formas de penetração aos filhos. Apesar de não serem sempre bem sucedidos, não há punição nem para os ascendentes

nem descendentes. O nome de homossexual entre eles é Albino e entende-se que é um comportamento devido a falta de pigmentação quer no corpo, quer nos genitais [21].

A análise de Freud, incluída na mesma nota de rodapé (5), é mais estrita. Toda a sua teoria sobre a sexualidade está orientada para a definição de um verdadeiro processo reprodutivo. Bem entendido, estas normas não são apenas retiradas das suas ideias religiosas e de classe social, bem como da teoria que separa entre o que parece ser o que mais orienta eroticamente o ser humano dentro da sua cultura, e as lembranças esquecidas do *Id* que parecem empurrar e orientar as pessoas para um comportamento não definido pelas normas. O ascetismo freudiano reage contra a descoberta da procura de prazer entre os seres humanos que sabem que vão morrer e, antes de falecer, o erotismo, como a alimentação, deve ser o mais importante comportamento entre todos eles para a continuidade de vida. Comparando a sua teoria de 1905, acrescentada em 1920, com a sua análise estática de 1913, ele separa os seres humanos entre civilizados e selvagens que não têm outra orientação que o seu instinto – facto que leva a pensar que não conhecia, apesar das fontes, as normas de vida dos não europeus. A sua teoria da sexualidade de 1905, é uma defesa das formas de vida calmas, serenas, normativas, pacíficas, especialmente ao analisar o comportamento sexual das crianças que podem ser vítimas de atropelos de adultos, ao não entender essa criança o que é uma emoção libidinosa. A sua teoria de 1913, é a análise de adultos que têm comportamentos de crianças na sua vida sexual, quer dizer, não distinguem entre opções, continuam com a espécie de opções infantis que levam a acudir permanentemente ao totem – ao padrão do clã – para desculpar, com sacrifícios, jejuns e oferendas. Para Freud o acto mais temido pelos povos australianos é o incesto. Conceito que ele deriva da teoria evolutiva que marca o pensamento desde Darwin. O comportamento sexual de hoje, seria um escândalo permanente para o autor, especialmente pelas mudanças verificadas nas denominadas aberrações, agora consideradas como comportamentos legais, lícitos e permitidos, excepto nos povos em que os textos sagrados são cumpridos com rigidez podendo causar psicoses entre aqueles que estão em ruptura com essa forma de ser, definida pelos Muçulmanos, Cristãos (de várias Igrejas) e Israelitas. O livro de Freud está destinado a salientar o facto de um *Pater Famílias* interiorizado, incutido, subsumido no consciente e inconsciente de todo o indivíduo e que comanda o super ego de toda a criança e, mais tarde, do adulto. A teoria Romana das Doze Tábuas, como analiso na Lição 2, o Código de Justiniano, os Éditos de Constantino, o Direito

Canónico e a Catequese, são a base da análise, apesar de ser apenas Bion a reconhecer a base religiosa do comportamento psíquico, consciente ou inconsciente. Este é o interesse de entendermos a teoria psicológica e a compararmos com o nosso próprio comportamento activo e público ou de interacção, como gosto de designar. A autonomia existe até certo ponto, quer para este autor, quer para Malinowski: a interacção erótica é regulamentada pela procura de felicidade na vida. Felicidade associada a emoções, sentimentos e fornicção ou amor com orgasmo, ou simplesmente, carinho e respeito que, por não serem naturais, passam a ser parte do sistema de comportamento que denominamos cultura. Esta é a base da análise de todos os autores que tratam de crianças e adultos, das suas emoções e formas de as materializar, no curto espaço de tempo que medeia entre o nascimento e a morte, e a ideia central de toda a teoria cultural.

Não existem apenas os casos referidos. Há mais, como, por exemplo, o caso dos Maconde de Moçambique, analisados por Jorge Dias, que me foi relatado, como aos meus discentes, por um nacional de Moçambique, do povo Maconde [22], como veremos no parágrafo seguinte. Parece que a hipótese procurada por Freud é mais universal do que se pensava. Émile Durkheim, na sua obra de 1912, estuda o ritual *Intichiuma* da etnia *Arunta* da Austrália Central [23]. Ritual que denomina positivo e que consiste no ensinamento dos mais novos, já não crianças, mas sim pré-púberes, a tomar conta do alimento do qual subsistem, larva de lagarto que habita ao pé dos rochedos do deserto, sítio ao qual se dirigem com o sacerdote *Aleteucha*, em jejum e por vários dias, até aprenderem a subsistência que dá vida à tribo. Como a análise de Durkheim sobre as formas totémicas de reprodução humana, ao estudar o Totem Exogâmico de *Mana*, que fixa as regras matrimoniais entre clãs e proíbe o incesto causado pela intimidade erótica entre parentes [24], formas de comportamento ensinadas pelo *Aleteucha* com o consentimento do grupo doméstico e a sua colaboração.

Os rituais de iniciação são um processo central dentro da vida das etnias. No caso *Maconde*, as raparigas são transferidas para uma casa de mulheres, onde as mais velhas, não parentes, ensinam formas de fornicção, cujo primeiro objectivo é agradar ao homem, para o conquistar, seduzir, tê-lo mais vezes com ela e assim assegurar o nascimento de novos seres humanos. Especialistas do grupo abrem os lábios da vagina com uma incisão para facilitar a penetração do homem e a entrada do esperma no

denominado ninho da vagina. Como acontece no mito do *Eufuko* entre as raparigas *Handa* de Angola, relatado por Rosa Maria Melo [25] na sua tese de doutoramento no ISCTE. Entre os *Maconde*, os rapazes são retirados na época da puberdade para a casa dos homens e ensinados por jovens e outros membros clânicos, a masturbar-se e como entrar no corpo de uma mulher, para o que é usada a narração oral, desenhos ou, ainda, o recto de um homem mais velho. O objectivo é sempre a reprodução, biológica e social como acontece de forma mais complexa, pelo detalhe da análise, entre os *Baruya* da Nova Guiné, no momento de começar a criar sémen, hierarquia e relações parentais entre os membros da tribo sempre com a ideia da relação exogâmica que permite não apenas a circulação de pessoas, bem como a circulação dos bens, como analisa detalhadamente Malinowski no seu texto de 1926. Pormenor destes grupos que salienta a união familiar, definida como crianças que são filhos de todos, todos tomam conta de cada pequeno como se o tivessem parido ou engendrado [26]. Uma paternidade amável, amante e amada, como se refere na nota de rodapé desta página. Uma maternidade cuidada, descrita quer por Malinowski na obra citada e nas outras analisadas no texto, quer por Sir Raymond Firth [27], quer ainda por Sir Archibald Reginald Radcliffe-Brown [28]: amamentam, tomam conta, ajudam, colaboram nos trabalhos umas das outras e, conforme a análise de Firth, a mãe tem um papel de carinho, mas principalmente económico: é quem dá a terra aos filhos que nascem do seu matrimónio num outro grupo familiar ou *Hapu*, trabalha de forma igual ao marido, seja o matrimónio monogâmico ou poligâmico. Homens e mulheres trabalham juntos e o cuidado dos descendentes está dividido entre a época da amamentação do mais novo e o aprender a desembrulhar-se entre os membros da família. O *Hapu* – que são normalmente muitos, é praticamente uma aldeia, até à época de trabalhar de forma autónoma, época na qual torna ao *Hapu* da mãe, caso o casamento tenha sido patrilinear, modo de filiação em que apenas conta o parentesco paterno, ou fica no *Hapu* maternal, caso o casamento seja matrilinear, sistema de filiação e de organização social em que apenas a ascendência materna é considerada. Como o caso analisado por Malinowski na Melanésia, é o estudado por Radcliffe-Brown na África do Sul e na Ilha de *Tonga* na Melanésia. Investiga os *Ba-Thonga*, os *Nama* e os *Tonga* onde a paternidade é inexistente, razão pela qual o seu primeiro texto é intitulado *O irmão da mãe*, no original, *The Mother's Brother in South Africa* [29]. A realidade da paternidade, como Malinowski analisa em vários textos estudados na Lição 4 deste livro, é inexistente. Há, sim, uma genealogia clânica – totémica que delimita as

possibilidades de reprodução de forma exogâmica, como referi anteriormente. O papel da mãe passa a ter uma importância emotiva e económica muito marcada. É preciso esclarecer que apesar de a genealogia ser matrilinear, a autoridade é patriarcal, mas pela linha do irmão da mãe. Muito embora seja o homem quem faz a criança no corpo da mulher, crianças que, na idade da puberdade vão circular para a casa do irmão da mãe – tal e qual os filhos da mulher do irmão vão para a casa do irmão desta, a autoridade, enquanto o grupo é de procriação e trabalho é a do homem da mulher, quero dizer é patriarcal, apesar de este ter que obedecer, por sua vez, às instruções do irmão da mãe, autoridade suprema dentro do seu grupo doméstico. Como referi noutros textos meus, não há *Baloma* nem reprodução para uma mulher que não tenha irmãos, como veremos mais à frente. Este facto, que o autor vê ocorrer entre os povos estudados na África do Sul, que inclui os *Banto*, acontece também noutros sítios do mundo não Europeu. A realidade dos pais, podia dizer neste parágrafo, é heterogénea e múltipla. No caso dos Maori, há tantos pais quantos irmãos (consanguíneos colaterais) bem como ascendentes directos existam do homem da casa, e tantas mães como consanguíneos do mesmo tipo ela tenha; cada um deles, pelo facto de viverem muito unidos, exerce as funções que nós denominamos da paternidade dele ou a maternidade dela. O próprio comentário do autor refere a impossibilidade de aplicar o nosso sistema de parentesco entre grupos baseados na concentração da família e não na sua dispersão. Não apenas porque no *Hapu* podem morar mais do que cem pessoas, todas elas parentes e possibilitadas de celebrar casamento – excepto se são filhos dos mesmos pais de relação consanguínea. Mas se um dos ascendentes é de outro grupo clânico, a relação matrimonial passa a ser possível. Porque o problema não está centrado na ideia de incesto que Malinowski analisa ao debater com Freud e Ernest Jones: estes últimos reclamam a universalidade do tabu do incesto. O próprio Radcliffe – Brown dedica um opúsculo ao conceito Polinésio de tabu ou proibição, ao mencionar proibições além das matrimoniais, como refere no texto, página 13, como o de evitar o nome da pessoa que não é apreciada. O conceito *tapu* ou tabu para nós, é a infracção que intitulamos pecado na linguagem religiosa que abrange a palavra, como por exemplo, tratar das crianças e ensiná-las, como comenta ao falar de Frazer [30]. A universalidade para Radcliffe – Brown não está no facto da relação sexual, está na proibição de trespassar o que o sistema religioso define como pecado. Ideia muito próxima de Freud, Charcot e outros, mas bastante distante das análises de Malinowski, cujo interesse é entender o dever de exogâmia entre os Massim, não pelo pecado mas pela lei costumeira. Sejamos justos com o texto sobre repressão sexual de

Malinowski, que não acertei na Lição 4: o incesto é apenas entre pessoas que têm relações íntimas endogâmicas, enlace matrimonial entre pessoas da mesma raça ou família. Se a união for endogâmica, os bens não circulam, ficam parados dentro do mesmo grupo que não vê incrementar a sua riqueza ao estabelecer alianças com indivíduos de outros clãs cuja obrigação é auxiliar, trocar, emprestar, e, de forma mais importante, incrementar uma população em permanente risco de extinção por causa da falta de tecnologias fisiológicas adequadas que curam, bem como pela crença na reencarnação, que apenas acontece quando a reprodução humana se verifica entre pessoas de diferentes clãs. As ideias de Freud, especialmente, e mais tarde as de Lacan, baseiam-se no saber da teoria genética do Século XIX. Actualmente, muito embora o incesto ainda seja considerado um delito na maior parte dos países europeus, verificam-se, sobretudo nos Países do Norte da União Europeia, alterações legislativas em prol de uniões entre irmãos. Malinowski baseia-se na ideia, por ele sempre negada, de ser a economia o que faz circular pessoas para outras terras, circulando assim o Direito de Propriedade. O incesto [...] esse problema da realidade dos pais de hoje em dia, que lutam para o evitar mas nem sempre com muito sucesso, até entre ascendentes e descendentes, como comento na Lição respectiva e ao longo de todo o livro. Aliás, os pais de hoje, para entrar na realidade, devem entender que há sucessivas levas de incesto permitidas e de incestos proibidos [31]. Como sabemos, a relação de incesto é punida entre nós com prisão, para evitar o que se designa abuso sexual intra-familiar. Aliás, conforme pesquisa efectuada na Internet, parece não existir nenhum movimento na procura da relação incesto: há outras emotividades em jogo, especialmente a hierarquia familiar, a autoridade que orienta a transferência de bens e saberes, a abertura à interacção social e outras actividades. Muito embora, o incesto tenha sido, e ainda seja uma forma de relação que conserva o símbolo do poder, não apenas entre os sabidos Inca e Faraós, bem como em grupos aldeãos do Egipto actual, como diz o recentemente desaparecido (12 de Março 2004) Historiador Britânico Keith Hopkins [32]. O incesto para Malinowski, tomando por base os *Massim*, que estudou para definir o problema, é um complexo familiar e não pessoal: trata-se da batalha entre o direito paternal que orienta o nosso comportamento, e o direito maternal que orienta a exogâmia.

Contudo, não é apenas do incesto que quero falar. É, de forma mais importante, a realidade com que se confrontam os pais, quando os abusos sexuais acontecem dentro da família: violações, pedofilia, incesto, adultério, violência física, abandono de pais e

filhos enquanto o pai e a mãe devem trabalhar. Ocorrências que transcendem a privacidade quando se fala das relações do lar fora de casa, apesar da proibição familiar ou da vergonha que pode existir entre os outros membros do grupo social pelo escândalo causado, quando esse grupo familiar não se comporta como o esperado pelo costume e pela lei. De facto, estas comparações entre comportamentos paternos e outros grupos, esse romance incrível que aparece na história dos etnógrafos que visitam grupos alheios, podem até não ser uma verdade. Mas é, pelo menos, o que a mente do investigador foi capaz de apreciar a partir do modelo usado para analisar a realidade desses pais. Uma *mente cultural*, como denomino nos meus textos o pensamento da cultura, que varia conforme o contexto pessoal, histórico, experiência de vida, modelo que usa e, especialmente, a cultura à qual pertence. O caso mais típico que me lembro é o de Meyer Fortes. Passeava pela aldeia *Lo -Wiili* na qual trabalhava, do grupo *Tallensi* da antiga Costa de Ouro, hoje Ghana, enquanto o chefe de aldeia, avô de muitos descendentes, relatava um caso de incesto familiar na presença da sua neta de cinco anos, colada à sua mão. Meyer, esse Senhor da África do Sul, expulso depois de ter sido encarcerado num campo de concentração por defender a igualdade, teve a gentileza de dizer ao seu amigo se era conveniente falar assim em frente da neta. Para Meyer, o incesto era um delito e, como homem religioso, um pecado; para os *Lo-Wiili* era um facto que acontecia: a criança nascida do incesto era reclassificada na família da mãe, passava a ter uma classificação parental no papel da mãe: era a sua irmã e não havia divindade para punir o facto. A divindade é, entre eles, para orientar e dizer o que deve ser o futuro, com ou sem azar. Pelo que a resposta foi simples: *Porquê? Não é bom que ela saiba o que acontece para depois lembrar e guardar na sua memória o que acontece na aldeia? Ela não fica mal, estes meios-irmãos são de permanente ocorrência entre nós e é melhor saber a nossa genealogia* [33]. Meyer Fortes, antropólogo, psicólogo e educador, ficou sem palavras e calou, mas aprendeu ideias novas. Essa afectividade nascida da intimidade com o povo *Lo-Wiili*, levou-o a ajudar, juntamente com o seu discípulo Jack Goody, que pesquisava num povo vizinho, os *Lo-Dagaa*, a organizar *The People's Party*, partido que conseguiu a independência do Ghana nos anos 40, a seguir à II Guerra Mundial do Século XX. Como o próprio Jack analisa nos seus textos sobre estrutura social e política dos *Lo-Dagaa*, clã dos *Tallensi*, as suas formas de organizar o governo e a suas relações parentais, em conjunto com formas de aprendizagem de leitura e escrita ocidental (as existentes eram formas e notas de tipo local, entendidas apenas pelos grupos, o que não facilitava a sua união), como a

escrita dita universal ou árabe, tem conseguido no meio dos povos do mundo, tarefa à qual Jack Goody se dedicou como membro do Governo Britânico na Colónia da Costa de Ouro, após a sua libertação dos campos de concentração alemães, que lhe ensinaram muito método de observação participante e muitas formas de interacção social, nem sempre amáveis ou em favor do prisioneiro. Refiro este facto, por terem sido, Meyer Fortes e Jack Goody, os que, desde a Grã-bretanha, me resgataram também de um campo de concentração fascista, como o deles. Os textos importantes de Jack para este debate estão em nota de rodapé [34].

A nossa realidade é orientada pela ética das relações? Bem, diz um membro do meu seminário de doutorandos, existem várias ideias para o entendimento social da criança, antes de ser passada pelo crivo da terapia, psicanálise, entendimento normal do inconsciente e observação punida do consciente. Ideias retiradas do quotidiano que nos governa.

Não é que tudo o dito até este parágrafo não pertença à nossa cultura e ao nosso modo de ser, pensar e sentir. Fala-se imenso do mundo globalizado, pelo que não é possível abandonar a ideia da influência que em nós exercem os grupos referidos anteriormente e desenvolvidos de forma prudente e sintética, nas páginas seguintes. O mundo é apenas um e a dita globalização não é apenas das economias, mas também das emoções, dos deveres e dos pensamentos. Pelo menos, assim o afirma Tony Giddens no seu texto sobre a *Terceira Via* [35]: que estratégias de organização estatal, política e económica devem ser tomadas para ultrapassar as desigualdades económicas dos diversos países do mundo e organizá-lo numa única forma de comportamento quanto à manipulação de recursos, como comento no meu livro sobre reciprocidade e mais-valia, publicado em 2008. É parte do real dos pais prepararem as suas crianças na ideia de inter-agir com grupos além fronteiras, classe social e género, para poderem ensinar a essa criançada as formas de inter-acção entre grupos sociais tão diferentes. Talvez os Muçulmanos Árabes, Xiitas e Sunitas do Paquistão, os Palestínianos e Israelitas da Faixa de Gaza, não tenham a paciência, nem o tempo, para se juntarem, pelo menos os mais velhos, para ensinarem os mais novos. É dever dos membros destes diferentes grupos da maior religião do mundo ensinarem a diferença teórica e teológica, os planos políticos que fazem dos Sunitas grupos Talismã para a guerra, as políticas de investimento que cada grupo tem, o que os obriga a manterem uma distância entre si,

incluindo disputas de território sobre bases históricas, lei e hierarquia estatal. Tal e qual como acontece entre Cristãos Romanos, Cristãos Ortodoxos Russos, Cristãos Arménios, Cristãos Curdos do Líbano, Ortodoxos Gregos, Cristãos Luteranos, Calvinistas, Anglicanos e outros grupos da mesma confissão de fé, que mal se entendem ou conhecem uns aos outros. A ideia, no Século XVI, de dividir o mundo em dois grupos é histórica. Conforme a sua pertença de fé, assim falavam: os Romanos englobavam todos os que não estavam com eles, no conceito Protestante, por seu lado, estes denominavam os Romanos de Imperialistas. Nem falo da diferença entre Benfica e Sporting e os debates que causam. Indubitavelmente, mais relevante é o caso Casa Pia, e a pedofilia que acontece, dizem, desde há vinte anos. Mas o que o senso comum nos leva a pensar e a saber é que os mais velhos procuram crianças para prazer físico dentro da linha definida por Charcot, Freud, Klein, Miller, Winnicott e outros que, como eu, representam um grito de protesto, um levantamento de protesto, melhor dizendo, dando voz aos mais novos, que não têm uma epistemologia adequada para se defenderem dos abusos dos adultos. Levantamento de protesto perante as autoridades e os pais que não procuraram saber com atenção o que acontecia com as suas crianças.

Quais destas ideias são as que os pais, na vida real, devem ensinar aos seus rebentos? Parece-me que se deve pensar antes de julgar, procurar antecedentes e factos, como na pesquisa que tem sido feita, que me tem levado com um grupo de analistas a entender os comportamentos eróticos e a dar voz aos pequenos para os pais entenderem que sentem desejo desde a nascença. Será que os pais, na vida real, debatem com os seus filhos o que acontece no mundo, com a dúvida natural que exprimem de não estarem certos sobre se deve ganhar o defensor da criança abusada, ou se na circulação da criança há uma vantagem para a sua família, relativamente ao dinheiro que ganha ao prostituir os mais novos? Freud, como Malinowski, quando falam de *Aberração Sexual*, definem o conceito e não adjectivam os factos. Há a ética emotiva que pode fazer pensar que as *fellatios* referidas antes são abusos de poder sobre as crianças. Nunca ouvi o pensamento contrário: a criança gosta ou não da relação erótica com um adulto. No amamentar, por exemplo, estabelece-se, sabemos hoje, uma luta entre um embrião e um adulto que, sem saber, lhe está a tirar o seu alimento, quando o pai penetra a mãe grávida de um ser humano de três meses. Até onde a rapariga deve ouvir dos seus pais esta realidade e qual a cronologia adequada para saber que amar pode também passar a fornicar? Ou, como entender que o conceito adultério não é apenas um facto criminoso,

bem como uma rebelião do *bebé maior* dentro da mulher por ter entrado no líquido amniótico, química desconhecida para quem não tem capacidade de entendimento, mas sim sempre muita fome e come pela passagem passiva de líquido da mãe ao bebé, por meio do cordão umbilical? Porquê, como diz Malinowski nos *Argonautas*, Godelier para os *Baruya*, ou Iturra sobre os *Picunche*, não há relação carnal entre progenitores enquanto dura a gravidez? Qual é o motivo de tanta mulher a viver com ou sem marido, se é *Maori*, ou o homem da mãe se é da Melanésia ou de Samoa? Silva Pereira na abordagem sobre os *Mapuche Rauco*, diz não haver relação com mulheres grávidas, porque traz os demónios. Como relatam pessoalmente os Hugh-Jones, meus colegas e amigos de Cambridge, para os *Barasana* da Amazônia Colombiana, não há relações de coito entre um homem e a sua mulher grávida para evitar ter adultos de mau humor no crescimento, a seguir à luta com o mundo desde o ventre materno. Qual a opinião sobre o incesto, a seguir à morte em Marçó de Keith Hopkins, ou o silêncio da televisão portuguesa sobre a minha denúncia da sua existência em várias sítios de Portugal? O comportamento humano, a sua relação com a sexualidade, é apresentado como um romance dentro do lar e a intimidade, a libido dos pais, um segredo de portas fechadas ou incontinência enquanto se pensa que a criança dorme. Como essa narrativa do meu amigo Christopher Hann, sobre como deviam dormir na única cama dos camponeses polacos, por ordem de hierarquia: os pais numa ponta, a carreira de filhos a seguir e, no fim, o meu amigo, hoje catedrático de Antropologia na Universidade de Bona, Alemanha.

Um número inacreditável de questões brota na minha mente, quando penso acerca desta temática. A análise da Etnopsicologia da Infância, como diz Leopold Szondi na sua obra, trata de entender os elementos da cultura por meio dos quais a realidade é impulsionada, define – os como pulsões ou força no limite do orgânico e do psíquico que impele o indivíduo a cumprir uma acção com o fim de resolver uma tensão vinda do seu próprio organismo por meio de um objecto, e cujo protótipo é a pulsão sexual. As pulsões são impulsos energéticos. É um processo dinâmico nascido no Inconsciente que leva o organismo em direcção a um fim, a uma tendência para agir. Mais um Húngaro a contribuir para o entendimento do comportamento das crianças por parte dos adultos e, especialmente dos eruditos, para desenvolver um comportamento que não retire esse novo ser da proximidade dos seus progenitores. Uma modalidade de entendimento usada por Émile Durkheim, baseada nos testes organizados pelo mal

conhecido autor [36] salvo de um campo de concentração que trabalhou com crianças até aos 90 anos de idade. O teste por si criado foi utilizado e impulsionado por Émile Durkheim para o seu estudo sobre *O Suicídio*. Explica o autor, a seguir aos testes das crianças, que o introspectivo das pulsões nessa idade, não é apenas a transferência de factos do exterior para o interior; é, mais bem, uma interpretação do real que a criança é capaz de desenvolver. Tal como Durkheim prova no seu estudo do suicídio, denominado por ele anómico, causado pelo sentimento do delírio de perseguição que o baixo salário provoca no adulto e na sua família. *Le grand mérite du test de Szondi, c'est á nos yeux qu'il soulève des questions pertinentes davantage qu'il n'apporte de réponses "malheureuses" – "La réponse est le malheur de la question", comme l'a écrit Maurice BLANCHOT dans "L'Entretien infini" – dans le sens où elles ferment les possibilités de dialogue.*

La structure du moi "primitif" peut trouver un éclairage utile á la lumière de la théorie kleinienne du fonctionnement psychique.

On sait que Mélanie KLEIN confère un poids particulier au second dualisme pulsionnel de FREUD (Eros-Thanatos) et au mécanisme de clivage en tant qu'il aboutit á distinguer radicalement le bon (objet) du mauvais, premiers représentants représentations des pulsions érotiques et thanatiques comprises dans le sens strict de l'acception freudienne: est érotique ce qui lie, unit et rassemble, est thanatique ce qui sépare, détruit et morcelle.

Mélanie KLEIN prolonge et enrichit les développements de la pensée freudienne inaugurés avec l'introduction de la pulsion de mort dans "Au-delá du principe de plaisir [37]

Tal como outros autores, Szondi tem a capacidade de compreender o pensamento das crianças e das suas reacções perante o mundo que faz parte delas. O contexto da criança é salientado pelo autor, o qual na vida da realidade não é considerado pelos pais, permitindo assim, como o afirma na sua obra, a existência de adultos narcísicos, psicóticos, ou, mais delicado ainda, onnipotentes como ele e Klein primeiro, e Bion mais tarde, tinham estudado. Ser divindade passou a ser um dos problemas das crianças. Já nem falo dos adolescentes que Daniel Sampaio analisa – que, em minha opinião, criam aos pais o problema de não saberem como agir. As crianças

têm a pulsão da morte junto à da felicidade, mas na realidade, como relata Mélanie Klein, sobre o pequeno Richard e Freud acerca de Hans, elas eram e são capazes de não ouvirem os seus pais, os seus progenitores ou adultos que devem, até, desaparecer das suas vidas, como refiro na Lição 4.

A partir da minha observação de campo, as crianças que investiguei desejam que os seus adultos desapareçam. Ideia distante da definição do Édipo. Esse desejo de desaparecimento é provocado pela globalização da economia, definida em 1775 por Adam Smith e a sua ideia da inclinação natural do ser humano ao trabalho. Ele defende que toda a população deve participar de forma autónoma e individual na riqueza da nação. Sabemos, e tenho explicado noutros textos, que Durkheim rebate esta ideia em 1893, porque Smith ter-se-ia esquecido que a divisão do trabalho é social, não apenas porque um faz o que o outro não sabe, mas também está dependente das capacidades e habilitações, formas da economia dentro da vida política e social que permitem às crianças ultrapassarem os ciúmes Edipianos, entrando, por conseguinte, nos ciúmes da concorrência, do consumo, das formas de vestir e do gasto, para além das possibilidades e recursos. Situação que Szondi previu com os seus estudos de teste e que Durkheim desenvolveu para adultos e eruditos, em toda a sua obra, incluindo a que ajuda Lenine a derrubar o Império do Czar. Esta análise passa pela de Piaget, que experimenta saber o conhecimento dos pequenos, porque entronca com a política contextual do objectivo de vida e de auto-estima. Se o leitor passar os olhos outra vez pelo texto que acabo de citar, será capaz de entender que a criança coloca os adultos contra a parede ao exprimir estas ideias: tenho estes meios, tenho este desejo, o meu grupo gasta em corridas, há quem passe droga e dinheiro, a minha inteligência e o meu corpo vão com eles. As pulsões tanáticas estão presentes dentro de um mundo que está sempre em guerra ou em debate entre classes sociais, pelo que procuram refúgio dentro das pulsões eróticas, organizadas dentro do comércio globalizado, facilitado pela queda do simbolismo que ajuda a entender hierarquias e formas de pensamentos que alimentam o saber erudito. A criança, desde a idade nomeada do fim de Édipo, acaba por entrar numa corrida que pára na falta de simpatia solidária entre seres humanos.

Bem entendido, não tenho percentagens quantitativas para basear esta minha ideia, mas tenho a percentagem do método qualitativo do trabalho de campo, da observação participante retirada da vida com gente miúda faz já mais de 25 anos. Eis

porque as análises de Durkheim e de Szondi me despertam tanto entusiasmo. É impossível não associar a estes autores as ideias de Bion sobre a aceitação da dor para o desenvolvimento do entendimento. Quase como uma ideia religiosa de mim para com os outros, dentro da qual o símbolo exogâmico acaba por ter um valor que me leva a afirmar, sem hesitação, que o objectivo da interacção social e da acção do inconsciente é a de não ferir bebés com o adultério dos seus adultos, nem aceitar dois factos que acontecem facilmente nos lares: a pedofilia e o incesto. As etnias que tenho estudado, resolvem os casos com rituais clânicos e mitologia, que apura a forma de agir.

Não é outra, para nós próprios, que o mito narrado no *Génesis*, Capítulo 4, sobre Caim e Abel [38]. É apenas um exemplo de várias actividades: para começar, da existência de uma divindade que pune conforme entende, que Feuerbach analisou em 1841 e da qual quer Marx, quer Freud, tiraram a teoria da alienação. Em segundo lugar, falamos de uma actividade denominada sacrifício, oferenda, que significa derramar sangue; sangue derramado que faz parte dos sentimentos de fé das normas culturais dos cristãos. A maior parte da população que nos interessa que leia este texto, parece acreditar que a ideia de sangue derramado pelo bem de outros, retira a ideia de pecado e de crime, facilitando a corrida actual entre Eros e Thanatos, processo religioso civil, sem importar se vive ou morre, se mata, rouba ou engana, como fez Caim na sua oferenda: retira bens não adequados para tamanha magnificência, como uma divindade sem nome, que tinha punido os seus pais. Não há o problema de Édipo no caso do mito, mas sim de falta de cumprimento da lei de respeito à consanguinidade e ao parentesco. Caim é um Thanatos que Freud não usou nas suas análises para determinadas pessoas, apesar de ter usado o Torah em grande parte da sua teoria, como Klein e Bion fizeram com os Evangelhos Cristãos. No mito referido, Abel apenas é mencionado num verso, pelo facto de a sua conduta ser normal, a que corresponde: entregar o melhor do seu gado e sacrificá-lo, como acontece em todas as narrativas das Bíblias, num prenúncio da morte de um outro mito, Jesus, que fenece, extingue-se como cordeiro. Metáfora do mito usada nas suas análises pelos terapeutas franceses, como refiro mais adiante: um anti – Édipo que ama esse pai que o mata, mito em que milhares de pessoas acreditam e o comemoram, especialmente entre nós, todos os dias no ritual da Missa Católica ou da Alta Igreja Anglicana. Vivemos, como se depreende do *Génesis*, dentro de uma sociedade do sangue, do sacrifício e da entrega, não para entender, mas para atingir, como os *Massim*, uma outra vida e fugir do conhecido Thanatos. Caim é o melhor

exemplo do caso. O contexto cultural é a forma de entender o pensamento, desde que se leiam os textos, se comemore o ritual, como tantos antropólogos fazem, se entendam os símbolos e os mitos sejam respeitados, como as verdades que têm dentro das ideias narradas, como a do pecado e a do bem e do mal (de Caim e Abel), úteis para analisar o saber das crianças e o seu imaginário sem os pais terem que entrar pelas raivas e pelas formas de punição que Evangelhos e Bíblia definem com detalhe. Parece suficiente observar Fátima, em Portugal e a Faixa de Gaza, no Oriente, para sabermos que é muito diferente dos Baruya, a nossa relação de resiliência, definida por Boris Cyrulnik – como analiso na Lição 2, para desenvolver o amor às crianças que são *pequenos patos canalhas*, e também para os pais entenderem o seu dever de amar com respeito esse bebé chorão que quase não lhes permite trabalharem no dia seguinte. Há uma grande contradição entre o dever de amar e o de ser agasalho da descendência: na nossa sociedade, como no Jardim do Éden e fora do mesmo. Mais ainda, não é permitida essa definida capacidade de entender, denominada inaudita capacidade de amar, apesar da importância da criança e da sua educação como filho e ser humano.

É o mito que faz lembrar essa descendência de Bion, incrustada em Cyrulnik, analisada na Lição 2, de forma sintética: a resiliência precisa de muita análise e trabalho de campo com bebés e com os seus progenitores. A realidade de sermos pais, exige de nós uma grande paciência para entender o produto da sua paixão um dia cresce e acaba por não ser a filiação à qual nos tínhamos habituado, como comento na Lição 3. Os filhos deixam os pais e estes devem ver, ouvir, calar e permitir que a geração seguinte, seja capaz de melhorar essa relação tão complexa, a de sermos pais, sem entrarmos pelas ilusões, mas dando força ao real.

Normalmente, pensa-se que o que interessa à Etnopsicologia é entender porque os pequenos não devem chorar. Uma minha orientanda de tese de doutoramento colocou-me no Seminário quatro questões que me fizeram pensar: a primeira, uma frase já consagrada: *os meninos não choram*, primeira ideia da repressão das emoções que sofre parte da humanidade que nos acompanha na vida. O pranto é o resultado dos sentimentos feridos ou frustrados e cura toda e qualquer pessoa que faz luto por uma actividade mal construída, ou, pior ainda, pela perda de um ser humano amado. A segunda, a repressão dos pais na realidade, sintetizada numa outra frase: *se te portas mal, apanhas*. Por outras palavras, há uma vara de medida do que se deve e não deve

fazer que, na sua sabedoria infinita, onipotente, os progenitores conhecem: é o facto de se ser bem visto porque a nossa descendência é amável, gentil, atenciosa..., conceitos distantes de uma epistemologia a crescer. Mas, para os pais, adultos que optam – e nem sempre bem – os seus mais novos devem fazer como eles e assim ganham a resiliência, moeda grátis, e não trinta denários de prata, à laia de Judas Iscariote como narram os Evangelhos cristãos sempre ao pé do pequeno que já sofre imensa raiva e a exprime à sua maneira. Um adulto tem uma ironia simpática suficiente para aceitar pulsões que podem ferir o ego e os outros. Esse outro tão importante de analisar na Antropologia, que converte a Etnopsicologia numa ciência de direito próprio, sem um método previsto para classificar o comportamento, como faz a psiquiatria. Daí que tenha escolhido Etnopsicologia: não tem clínica, observa, aprende e abstrai para propor mais compreensão na relação adulto criança. Como essa outra frase dita, a terceira, que pretende regulamentar a conduta rebaixando os pequenos: *meninos que não lavam as mãos são porcos*, metáfora dura, suja, que dita com zanga, acaba por deixar cair o pequeno dentro de uma grande melancolia a ser paga nas suas depressões de adulto. Falo assim, forte, porque estas frases, com punições e gritos, são parte do quotidiano da criança que apenas deseja fugir dos pais: um Édipo social, com libido emotiva ferida, a ser guardada para a vida adulta, queira ou não o indivíduo. Como a outra fatalidade que indica o despreço de quem apenas sabe procurar carinho: *já viste esse menino tão sossegado e tu tão irrequieto, que mete nojo? Não sabes fazer como ele?*

Grande dor que nos acompanha desde a concepção até à morte e que tento analisar nas poucas páginas que hoje em dia uma editora permite.

De que crianças falamos? É dessas que são pensadas, a mãe engravida como estava planificado e até aos 4 anos não sabem muito bem por onde andam, excepto que têm um conjunto de inimigos em casa, e talvez fora dela, se o seu alimento e carinho primário lhes forem retirados.

Terceira Lição

A ILUSÃO DE SERMOS PAIS

1. Sermos pais.

Devo reconhecer que não estou bem certo se este deve ser o primeiro ponto da matéria a tratar, esta de se ser autor da vida biológica, emotiva e intelectual de uma nova geração. O que sei, é que o conceito de paternidade, tem-me sido impingido pela cultura na qual vivo, a romana ocidental. Bem como, gosto de dizer que *paternidade*, na minha opinião, inclui os dois géneros, como hoje em dia se fala e entende. Definição criada na luta dos finais do Século XX e estes anos do Século XXI, iniciada com a luta das sufragistas de finais do Século XIX. Épocas, todas elas, para definir uma igualdade entre seres humanos de genitais diferentes: falo e vagina, mamas que oferecem leite e amamentam, bem como mamas estéreis para criar. Talvez, ambas, para exhibir de forma erótica e seduzir uma ou outra pessoa – do mesmo sexo ou de sexo diferente.

Complexo. É-me difícil falar da relação paternidade – filiação, por terem mudado dentro da nossa cultura as referências do acasalamento. Mudança ocorrida num curto espaço de tempo, em Portugal e em toda a Europa. Aliás, alguns países europeus definem a paternidade de forma diferente do nosso: nos países nórdicos como a Noruega, a Dinamarca, a Holanda, para casos determinados a Grã-bretanha, e o Estado Catalão do Reino da Espanha, definem o acasalamento como a união entre duas pessoas capazes de organizar uma descendência, adoptiva ou consanguínea de um dos membros do casal.

Sermos pais casados, permite, hoje em dia, uma outra actividade, já universalizada, o divórcio, ou dissolução do contrato entre um homem e uma mulher que a nossa lei refere como *nubentes* ou pessoas comprometidas para casar [39]. Nubente é um conceito do primeiro Código Civil Português e foi ficando no que eu gosto de denominar, a alergia ao saber comum que os eruditos têm do povo. De facto, o conceito nubente, na nossa cronologia, mencionado antes dos nossos dias nos Evangelhos cristãos, foi adoptado pelo Direito Canónico e pela lei civil e significa ser livre [40] para contrair compromisso de casamento, como manda o Artigo 1591 do Código Civil Português. Por outras palavras, as ideias religiosas desde os tempos antigos da nossa era prescreviam liberdade para se ser pai. E a Concordata assinada em 1945 entre os estados do Vaticano e o Português, ratificada por Convénio em 1995, dentro da lei positiva, está presente no Código Civil Português, nomeadamente no seu Livro IV, Título II, Capítulo I, *Modalidades de Casamento*, entre as quais se legisla o Matrimónio Católico [41].

Sermos pais acaba por ser uma definição escrita de costumes adquiridos ao longo do tempo. Até ao ponto de existir um conjunto de regras que definem o comportamento de vai e vem das emoções, do carinho, do cuidado, do olhar, do sentimento gratuito e recíproco que tinha na minha cabeça no minuto de pensar essa frase, agora, para mim, conceito. Sermos pais, como diz Eduardo Sá no seu texto de 2003, ao falar de resiliência, conceito de Boris Cyrulnik [42]:...*o bebé nasce na cabeça dos pais...*" [43]. Esta frase, retirada do contexto mencionado em nota de rodapé, diz respeito à minha procura emotiva da criança e por observar que o adulto entende que esse ser é resultado do amor, do desejo que nasce dos olhos, desse mirar sem pestanejar, profundo, calmo, seco, terno, da profundidade do amor que nasce da entrega de um a outro – distante dos comentários da praça pública, esse fazer amor por erotismo. Será que o erotismo permite sermos pais? Ou há um alinhamento entre carinho, amor, paixão e erotismo para o sermos? Frase que cunhei para um texto meu, como subtítulo [44]. Ou ainda, o poema de paternidade aprendida por se ser pai, não por se ser erudito, mas por amor fiel. A quarta versão revista do texto citado antes, fala de forma tão determinada acerca da necessidade dos filhos para os pais crescerem, que não permite dúvidas sobre o facto emotivo da paternidade [45]. Aí é preciso distinguir entre a paternidade e o ser humano adulto que o Código Civil, o Direito Canónico e o Catecismo de Wojtila, definem. Na página 39, o capítulo abre praticamente com a ideia definida pelo autor:

Talvez a primeira função de uma pessoa seja ser mãe [46]. O meu comentário é quase autobiográfico: na altura da minha primeira paternidade – maternidade, tinha *proibido* em casa os fatos de bebé tecidos de cor-de-rosa; estava certo que o meu primeiro descendente seria um rapaz e os pequenos, por costume, vestiam de branco ou azul, faz já trinta anos... Quando nasceu a pequena, que adoro, não precisei ver os genitais, era tal e qual a minha sogra...e assim ficou linda até ao dia de hoje, como a sua mãe. Onde, *sermos pais*, é o conceito de ternura para com esse ser pequeno, de pés descalços, indefeso que precisa de cuidados parentais, ser amamentado pela mãe na companhia silenciosa e de mãos dadas, do pai. Essa ternura que nasceu na cabeça, das brincadeiras românticas da intimidade a dois, de se passar a ser um à espera do outro e continuar a ser esse um, até ao suspiro final que descansa a atenção de saber que de dois, há um no minuto da concepção ou no minuto de alimentar, o desejo derivado da paixão que permite solidificar o casal – com ou sem matrimónio – salvar-se dos conceitos de Édipo que nos são impingidos desde 1906, de não sofrer por sentimentos nunca acordados do incesto, como Françoise Héritier, Boris Cyrulnik e outros, nos lembram em 1994 [47]. Esse incesto universal como conceito, mas de diferente *textura*, estrutura e processo, de exogâmia clânica e não consanguínea, como entre nós. Como Bronislaw Malinowski [48] refere e que analisaremos em breve.

Será que todos estes factos da relação adultos/criança são culturalmente entendidos? Será que a relação paterno/materna é a de todo o adulto com toda a criança? A observação dos factos diz-me que não. Precisamos de trabalhar forte e duro para criarmos grupos sociais, com ou sem recursos abundantes, não só por causa da afectividade simpática e serena, bem como pela necessidade de transferir essa outra parte que todo o adulto sabe: optar, decidir e distinguir. Estes três conceitos, retirados por mim das minhas análises da teoria económica, que fazem parte do real, são para expandir à Dante, à Erasmus, à Philipppo Buonarroto, à Bento Espinoza, à Tomás de Aquino – o introdutor de Aristóteles, via o muçulmano Averrões, entre nós, os denominados cristãos ocidentais – a capacidade de filosofar e pensar com arte, *sermos pais*.

Sim, é verdade que a denomino ilusão de *sermos pais*. Por dois motivos: primeiro, porque os mais novos, em breve, serão os adultos do grupo social e mudando na hierarquia por meio de vários processos rituais, formam a sua casa, o seu lar, a sua

distância. Essa altura das nossas vidas quando, mais uma vez, ficamos pais sem filhos por perto, na nossa afectividade e, eventualmente, no cumprimento ou no pedido de conselho. Ideia, ainda, a desenvolverei ao longo deste trabalho, da forma simples com que sempre tenho analisado o facto que me parecia mais importante: toda a sociedade está dividida em duas culturas, a dos pequenos e a dos adultos [49]. Ideia que começara a defender em 1998, no meu texto sobre o imaginário infantil [50]. Mas, o facto de entrar com mais cuidado nas ideias de Émile Durkheim, Marcel Mauss e de Georges Devereux, fez-me reparar que todas as sociedades têm adultos e crianças, mas apenas uma cultura, com diferentes formas costumeiras de a materializar. Esta ideia, surgida de uma lembrança associada aos meus primeiros estudos, Direito e Ciências Sociais, obrigou-me a voltar ao código e à lei. É o segundo assunto, que passo a analisar.

A cultura tem formas de comportamento denominadas costumeiras. No entanto, elas estão codificadas e poucos conhecem essa prescrição. Estamos, no entanto, na altura de a incorporar no nosso quotidiano.

2. Amor de colo.

Amar, amo, e tomo conta dos meus adultos porque nasce da minha alma, da mesma forma que aprendi a tomar conta dos meus descendentes, ainda que à distância. O direito tirou-nos a alegria de amar, as penas de prisão estão ao pé de nós se não cumprirmos o que a lei manda e que, em Portugal, o Catecismo apoia. Textos normalmente ignorados pelos estudiosos de seres humanos, especialmente, de crianças. Debate que tenho sustentado com uma imensidão de eruditos e pessoas da rua, para sermos capazes de nos governar e assim protegermos melhor os mais novos: ou seja, ensinar melhor os mais novos dentro da racionalidade da sociedade em que vivemos. Racionalidade nascida do cálculo económico que permite a existência de recursos e reprodução biológica e afectiva. Se falei de *dar colo* no início do parágrafo, fi-lo para definir o conceito introduzido por Cyrulnik, especialmente no texto de 2003 [51]: quanto maiores e mais ternos são os sentimentos que nutrimos pela nossa descendência mais e melhores progenitores somos e nos sentimos; processo no qual as ideias circulam e a liberdade é permitida para os nossos catraios aprenderem a protegerem-se na interacção social. O livro abre com interrogações endereçadas aos mais novos, através dos seus adultos que entendem. Uma das questões chamou-me à atenção: *que violência traumatizante é essa que dilacera a bolha protectora de uma pessoa?* Para se responder

com a frase de abertura do texto, na mesma página: *Só se pode falar de resiliência se tiver existido um traumatismo seguido da retomada de um tipo de desenvolvimento, uma fenda reparada [52].*

É esta ideia que me obriga a saltar para a lei. Os processos emotivos espontâneos devem ser como a lei manda. Essa letra conhecida pelos que sabem regulamentar o comportamento da população e que, no entanto, ela ignora: donde, resiliência do povo ou da maior parte dos habitantes de um país. Se pensamos na paternidade, que eu definiria como o grato papel de ser o melhor educador, deve grato entendido e definido, pela lei, da seguinte forma: ARTIGO 1871º

(Presunção)

1. A paternidade presume-se:

a) Quando o filho houver sido reputado e tratado como tal pelo pretense pai, é reputado como filho também pelo público;

b) Quando exista carta ou outro escrito no qual o pretense pai declare inequivocamente a sua paternidade;

c) Quando, durante o período legal da concepção, tenha existido comunhão duradoura de vida em condições análogas às dos cônjuges ou concubinato duradouro entre a mãe e o pretense pai;

d) Quando o pretense pai tenha seduzido a mãe, no período legal da concepção, se esta era virgem e menor no momento em que foi seduzida, ou se o consentimento dela foi obtido por meio de promessa de casamento, abuso de confiança ou abuso de autoridade.

2. A presunção considera-se iludida quando existam dúvidas sérias sobre a paternidade do investigado.

(Redacção do Decreto - Lei 496/77, de 25-11) [53].

A primeira frase é definidora e fria, não dá lugar à emotividade. A paternidade está longe de ser incluída nas ideias comentadas nas páginas anteriores, no nascer da

paixão. Não digo que não exista paixão na *feitura* de um filho. Queria apenas dizer que a interação social não tem por base o acarinamento, mas sim a prova. Será que, como homem da minha cultura, eu posso dizer que a prova não é necessária? O que se passa com a inteligência humana, a sua racionalidade e o conhecimento existente entre vizinhos do mesmo grupo? Não consigo deixar de mencionar uma história, já publicada e analisada por mim no Jornal *A Página da Educação: Conceição, a Sardinheira*, como era denominada, foi abandonada pelo marido que emigrou para a Argentina. Os anos foram passando e ela criou o filho vendendo sardinhas e limpando casas. Um dia, oito anos depois do marido ter saído e nada se saber dele, aparece um dia na Conservatória do Registo Civil da Vila de Nelas para declarar o nascimento da sua filha. O Oficial, conhecedor da senhora e da lei, solicitou provas de paternidade e perguntando de forma arrogante: *o teu marido voltou?* Ela nada respondeu e ele, no cumprimento da lei, retorquiu: *mas, onde é que ele está, para inscrever a pequena?* Então ela disse: *Oiça, meu senhor Oficial, não tem aí o Livro de Casamentos?* E lêem juntos com quem ela está casada, concluem que sim, esse é o marido e, é evidente que é o pai da filha porque não se sabia que a senhora tinha outro homem. Como bom vizinho, o Oficial da Conservatória aceita a resiliência de Conceição e inscreve a pequena com o nome do marido, sendo a prova a certidão de matrimónio. Por outras palavras, a vida dura anterior de Conceição Lopes e o conhecimento que da mesma tinha o Oficial do Registo Civil, desenvolve uma nova situação. Como diz Cyrulnik, a ferida faz parte da vida de Conceição – o marido ausente – e com essa ferida retoma o seu caminho em ruptura com a vida anterior de mulher pobre e abandonada, e ninguém na Vila nem na aldeia faz comentário nenhum e a pequena é aceite, comemorada, cresce, um dia casa e vai andando: a prova da paternidade foi feita...de outra maneira...com resiliência mútua e recíproca.

Continua o Código, tal e qual o Catecismo de Wojtila, ao debruçar-se sobre direitos e deveres da filiação. Diz o Código Civil:

ARTIGO 1874º

(Deveres de pais e filhos)

1. Pais e filhos devem-se mutuamente respeito, auxílio e assistência.

2. O dever de assistência compreende a obrigação de prestar alimentos e a de contribuir, durante a vida em comum, de acordo com os recursos próprios, para os encargos da vida familiar.

(Redacção do Decreto - Lei 496/77, de 25-11) [54]

Estas palavras incluem direitos económicos e comportamentos que, hoje em dia, designamos de não-violência doméstica: a punição sem motivo do mais novo, a luta entre os pais quando a mãe defende um filho injustiçado pelo seu marido, e, especialmente, relações de abuso sexual dos mais novos pelos seus progenitores, que referirei no Capítulo correspondente. É mais claro neste sentido, o Catecismo de 1992 de Karol Wojtila, ao falar de que honrar pai e mãe não é apenas o amor – nem sempre possível diria eu – mas uma situação de interacção social difícil por causa do crescimento e autonomia dos pequenos [55].

Como acontece com os códigos denominados positivos, o Catecismo Católico, que em Portugal tem força de lei, fala-nos também da sua versão geral da Sociedade Civil mandando os cidadãos submeterem-se aos seus superiores, como representantes de Deus: *O amor e o serviço da pátria derivam do dever de reconhecimento e da ordem da caridade. A submissão às autoridades legítimas e ao serviço do bem comum exigem dos cidadãos que cumpram o seu papel na vida política...pagamento de impostos, o exercício do direito de voto, a defesa do país...* [56]. O que dizem estes catecismos, tal como os códigos, é para evitar surpresas que podem danificar a população e causar um não desenvolvimento na interacção doméstica e dentro dos indivíduos. Só que, o conteúdo destes textos, diz respeito apenas aos grupos sociais que não estão dentro das hierarquias dominantes. Mais uma vez essa ilusão de sermos pais, porque devemos entender estes textos e ensiná-los aos nossos descendentes como formas democráticas do comportamento e das formas globalizadas de partilhar uma economia altamente dividida entre países e grupos. A guerra recente do Golfo para libertar um povo que não parecia estar oprimido, é um indicador da nossa dificuldade como adultos, de indicar aos mais novos quem tem a razão e quem está a enganar-se ao enganar-nos. O próprio Código Português, como todos os Códigos Latinos ou Napoleónicos do Ocidente, tem um título derivado do poder paternal. Pelo que *sermos pais* acaba por ser um derivado de formas patriarcais cheias de masculinização no comportamento social. Formas de masculinidade entendidas como poder patriarcal. Eis

a divisão do trabalho entre um pai que chega a casa para ser servido por mulheres que hoje em dia trabalham, como tenho referido nos meus textos de 1998 e de 2002 a) e b) [57]. O artigo 1878 do Código Civil Português diz que, os filhos estão sujeitos ao poder paternal até à maior idade ou emancipação, enquanto o artigo seguinte, de forma lata, define a obediência que devem os filhos aos pais:

ARTIGO 1878º

(Conteúdo do poder paternal)

1. Compete aos pais, no interesse dos filhos, velar pela segurança e saúde destes, prover ao seu sustento, dirigir a sua educação, representá-los, ainda que nascituros, e administrar os seus bens.

2. Os filhos devem obediência aos pais; estes, porém, de acordo com a maturidade dos filhos, devem ter em conta a sua opinião nos assuntos familiares importantes e reconhecer-lhes autonomia na organização da própria vida.

(Redacção do Decreto Lei 496/77, de 25-11) [58].

Dentro da extensa legislação sobre a filiação e o poder paternal – entenda-se dos pais em conjunto – a seguir à reforma do Código, escolhi este artigo apenas para salientar as formas de autoridade que, tenhamos ou não conhecimento da lei, define os nossos deveres cidadãos, definem o nosso poder paternal, poder que opera, na actualidade, como se se tratasse de uma autoridade ainda maior e à antiga. Com efeito, nos factos observados, é possível apreciar essa forma de aceitar a condição de autoridade suprema de chefe de família, do marido. Mas, a lei civil actual, tenta diminuir esse poder que fica muito mais lato nas formas culturais de comportamento ou, como eu defino na minha teoria da Etnopsicologia, os parâmetros culturais que orientam os sentimentos, como referirei mais à frente. No Catecismo Católico, como noutros, a procura de *sermos pais* experimenta universalizar a ideia da autoridade sobre os mais novos, bem como a da emotividade dentro do grupo familiar, como o fez o Imperador Justiniano no Código de 535. De facto, pode sintetizar-se a procura de harmonia e paz dentro do grupo familiar, da forma definida esta temática, ao longo dos 12 Livros do Código e das *Sete Partidas do Digesto* ou texto para entender a interacção social que define o Código:

1.2. LA FAMILIA COMO PRESUPUESTO DEL DERECHO HEREDITARIO.

La familia se distingue de las demás organizaciones por su sentido patriarcal, siendo el pueblo romano una comunidad de familias representadas cada una por un pater familias. La persona más importante de la familia es el pater familias, que tiene que ser un hombre y no una mujer, siendo la única persona que es sui iuris (persona independiente), mientras que los demás miembros de la familia son alieni iuris (personas sometidas al pater familias). El pater familias ejerce 3 tipos de patria potestad:

- Domestica potestas: sobre los esclavos:

- Manus potestas: sobre la mujer.

- Patria potestas: sobre los hijos. [59]

É verdade que estava a referir o Catecismo Romano, mas o catecismo Romano é a base de todos os textos que orientam a nossa interacção, especialmente as relações pessoais dentro do grupo familiar. De facto, as ideias retiradas por Justiniano para a sua recompilação de *Éditos*, decretos e leis, são já derivadas do Código Gregoriano que, por sua vez, resulta dos debates de vários Códigos que legislavam sobre a família, sendo o Código Gregoriano, compilado pelo rei dos Visigóticos, Alarico II em 506 [60], após seu pai ter entrado em Roma em 410, saqueado e tentado apagar a memória já cristã, sendo-lhe, contudo, impossível retirar o denominado direito eclesiástico, cuja memória governara Roma até Tibério. As ideias estavam compiladas em textos góticos e cristãos, retirados da Bíblia e dos Evangelhos. A compilação de Justiniano foi capaz de juntar uma memória romana e outra cristã, as duas patrísticas, especialmente com os textos de Agostinho de Hipona e as suas homilias que levava a interacção à base da solidariedade e da caridade, da hierarquia e da obediência à Divindade, representada pelo Pater Famílias. As ideias romanas desde o Século IV até hoje e espalhadas por outros povos ao longo dos séculos da nossa era, formam a memória de sermos pais, uma resiliência de grupos sociais em luta, unidos por apenas uma ideia que Hipona sintetizou no seu livro *Confissões* – que inaugura uma estrutura de comportamento público de culpa e arrependimento – a capacidade de optar entre o bem e o mal para se ser bondoso e específico na interacção, ou *Livre Arbítrio*. O seu texto político, *A Cidade de Deus*,

defende ideias de governo interno e externo, baseadas na caridade e no amor ao outro, especialmente à cidade que é da família [61]. Ideias derivadas do denominado *Código da Bíblia*, ou, por outras palavras, estrutura de relações baseada na ideia de Patriarcado ou supremacia do pai sobre os descendentes, a mulher e as pessoas da casa. Este é o facto emotivo que organiza o conceito de *sermos pais*, como passamos a analisar. Com esta breve nota de comentário: mais de dois mil anos de vida patriarcal, incluindo a cultura grega de 400 anos antes da nossa era, acumula na memória uma ideia difícil para a ilusão de *sermos pais*, com uma forte resiliência da parte do povo para entender as formas reais de uma interacção hierárquica de subordinação. O Pai de Família tem, maioritariamente, direito sobre os bens. As potestades enumeradas mais acima compiladas por Justiniano I – esse segundo Justiniano I por o seu ancestral se ter aborrecido de ser Imperador passando o número de rei a Flávio Anício Justiniano Magno o seu sobrinho, que mandou redigir o Código antes mencionado Este parágrafo faz parte da frase anterior. A enumeração sintética inicia-se pelos que não têm direito à sua pessoa, aos seus bens, à sua liberdade e à disposição de movimentos ou de opinião. Ainda menos, a manipular recursos. Se repararmos na definição da sociedade romana: conjunto de *pater famílias*, por outras palavras, a obrigação de se ser pai, ou o conjunto de pais serem representantes de todos os que o não são. Ser pai poderia definir-se como o símbolo reprodutor de um grupo social, o ser humano de falo, o ser humano de esperma que transfere a outros e faz filhos, exerce a gestão do seu comportamento, e toma conta de recursos que permitam continuar dentro de História, com posses suficientes para fundar um outro grupo social de patriarcado. Da listagem, poderíamos apreciar que existe "muito colo", muito pai e falta de capacidade para ser livre e pensar por si próprio. No Livro II, Título XXIII do *Corpo do Direito Civil Romano* de Justiniano, podemos ler: *Si tu hermano estaba bajo la potestad de su padre cuando recibió una cantidad en mutuo, y el contrato no se hizo ni por mandato de él, ni contra el tenor del senado consulto, pudo a causa de la fragilidad de la edad pedir la restitución de la cantidad por entero...No se le prohibirá al hijo de familia, si siendo menor de veinticinco años salió fiador por un extraño, pedir la restitución por entero... Emperador Jordiano Augusto, Calendas de Julho [62].*

Parece-me evidente que o conceito de protecção contra o qual luta o de resiliência, é difícil de aplicar em épocas remotas à nossa era. O conjunto de autores que defendem o desenvolvimento de um ser humano que tem sofrido um trauma, entre os

quais os invocados Cyrulnik e Sá, referem-se a épocas posteriores à criação do conceito de *laissez – faire, laissez – passer*, de François Quesnay [63] e do seu discípulo Adam Smith [64], usado desde essa época pelos economistas liberais que menciono nos meus textos citados em nota de rodapé. O que interessa deste parágrafo, é demonstrar como o desenvolvimento da tecnologia ou dos instrumentos de trabalho, desenvolve não apenas o grupo social que os possui, como a cada indivíduo que deles se apropria, bem como os lucros que os bens no mercado oferecem ao proprietário, análise não considerada pelos autores psicólogos supra referidos. Análise que Karl Marx faz, num texto recentemente divulgado [65], quando debate com Adam Smith a teoria do valor e do desenvolvimento do grupo social e não apenas do indivíduo. Para Smith, como para Quesnay e seus seguidores, o desenvolvimento não está na ilusão do carinho ou da emotividade – apesar de ter escrito um texto sobre a temática dos sentimentos, em 1759 [66]. Este meu feroz ataque deve-se ao facto de estar a pensar em duas épocas diferentes da mesma sociedade: na época quando culturalmente se pensava por outros, época em que pensar por si próprio não era adequado ao tipo de mais-valia possível. Em tempos de Justiniano, Hipona e até Aquino no Século XIII, as formas de optar eram em representação de outros, enquanto que desde o Século XVIII, já com um Gracchus Babeuf [67] a lutar em prol da igualdade, a lista de representados acaba por começar a perder-se, a deixar de existir e a relação entre os seres humanos parece começar a ser uma forma de existir, não apenas de optar, mas de atingir uma liberdade passível de ser transmitida a seres humanos mais novos, quer dizer, às crianças das quais tenho estado a falar. Seres humanos que começam apenas agora a serem sujeitos de importância para investigadores, eruditos, para a lei e para a interacção social. A criança parece não existir antes da época de ser precisa para um certo tipo de produção. A sua capacidade para gerir é apenas pensada para a vida adulta. Justiniano, na sua codificação da lei romana, fala no Livro 3 dos mais novos como sujeitos de tutela ou pelos pais ou por um curador nomeado pelo grupo do Senado encarregue dos assuntos de Adopção. Tal e qual as mulheres que, enquanto pessoas maiores de idade e não casadas, podem livremente usufruir dos seus recursos, trabalharem e optarem. Mas, o matrimónio romano, como o nosso até 1956, levava a mulher a ser sujeita do marido, o Pater Familias. Na época romana há o matrimónio *com manus* e *sine manus*, alternativas para escapar à tutela e curadoria do *Pater Familias*, caso houvesse convenções matrimoniais prévias a separar os bens de cada um dos nubentes com base num contrato nupcial de separação de bens, acção legal que inventaria e regista o que a cada um pertence. A

mulher romana *sine manus*, ficava liberta da curadoria do Pater Famílias, como no caso do mundo latino, ao celebrar um matrimónio com separação de bens – inventário já não necessário com as reformas do Código Civil mais recentes.

Será que estou a tratar mais das relações económicas do que das relações emotivas? Mas, não será que essas relações emotivas estão regulamentadas pela economia, fazem parte da relação, dos sentimentos, como exprimi quando analisei o excesso de cuidados que a lei manda ter, tanto na relação paterno – filial, como na relação entre cônjuges. Para entendermos, torna-se, pois, necessário, analisar normas abrangentes, simbólicas, não tidas em conta pelos analistas do comportamento. Normas existentes dentro de nós, criando a ilusão de *sermos pais* enquanto que a realidade sublimada em terapia leva-nos a pensar que o pragmatismo de amar não existe na vida social. Por outras palavras, o que fazer para que, com economia, com lei acumulada no tempo, com idades separadas perante a responsabilidade, com tabus e proibições acabemos, no entanto, por amar sem obstáculos? Serão ideias sentidas para se aprenderem durante o transcorrer da vida, aceites, explicadas ou retiradas das formas do entendimento dos mais novos, porque o mais velho possui o real e o mais novo, um ser humano sem conceitos, com uma epistemologia em formação, sendo assim os mais velhos, os eternos *pater – famílias*, que obrigam a amar na relação progenitores – descendentes? Não resisto à tentação de abordar os textos sagrados que obrigam a determinados comportamentos, baseados na culpa e no pecado, para iludir a relação adulto -criança.

3 Amor, Culpa e Desenvolvimento.

Porque falo de amor, culpa, abandono e pareço olvidar – guardar no inconsciente – o conceito da ilusão de *sermos pais*? Amamos de forma espontânea os nossos seres mais novos, ou estamos obrigados a amá-los, saibamos ou não? Mas, o que é amar? Também de forma espontânea, eu diria que é tomar conta de si primeiro, para manter uma alta auto estima e dinamizar a proximidade ao outro: parente, vizinho ou amigo, conforme a ideia que se queira exprimir. A frase mais explícita do acto de amar, que encontrei por sorte numa obra de Marguerite Yourcenar, cujo título, por si só, define a emotividade, esse sentimento de entendimento de nós próprios, no contexto pessoal, para tratarmos com carinho e respeito os que estão por perto e projectar neles a nossa capacidade de amavelmente conviver com todos. Tenho definido este comportamento

como ver, ouvir, calar e responder apenas se somos questionados, com essa paciência que não apressa as palavras ou o afazer do outro. O livro é *Le temps, ce grand sculpteur* [68].

Esse *esculpir do tempo*, é a acumulação do saber apurado que as gerações entregam, massivamente ou em grupo. Um Estado cria outro, ou vigia a sua independência, como aconteceu na América Latina com a personagem histórica, o Libertador Simón Bolívar, raramente referido pela História, mas analisado no seu íntimo pelo escritor Gabriel Garcia Marquez, narrando em detalhe o impulso de vida, o seu intuito da união dos povos, para isolar um Continente dos apetites desenfreados de um outro, que o possuía como proprietário dos seus bens reprodutivos, da terra, das pessoas, das suas actividades, do lugar que todo o indivíduo ocupava na hierarquia social [69]: "*El general permaneció a bordo hasta la noche, cuando desembarco para dormir en un campamento improvisado. Mientras tanto, recibió en el champán las filas de viudas, los disminuidos, los desamparados de todas las guerras que querían verlo. Él los recordaba a casi todos con una nitidez asombrosa. Los que permanecían allí agonizaban de miseria, otros se habían ido en busca de nuevas guerras para sobrevivir, o andaban de salteadores de caminos, como incontables licenciados del ejército libertador en todo el territorio nacional. Uno de ellos resumió en una frase el sentimiento de todos: Ya tenemos la independencia, general, ahora díganos qué hacemos con ella". En la euforia del triunfo él los había enseñado a hablarle así, con la verdad en la boca. Pero ahora la verdad había cambiado de dueño.... La unidad no tiene precio....* [69]. A ideia contínua pelo texto, até formar um labirinto no qual, não é apenas Bolívar quem acaba perdido, é todo o seu povo e todos os povos que ele pretendia unir. O conhecimento de si era diferente do saber dos seus associados. Garcia Márquez entrega ao leitor, um Bolívar lido, sabido, estudado, proprietário de terras e outros bens, que entrega à causa herdada dos intelectuais do continente. Continente dividido político, geográfica e administrativamente entre vários países liberais que Bolívar se propõem libertar, para atingir a igualdade entre seres humanos, que precisavam unicamente de um líder carismático para reaver, o que antigamente lhes pertencia. O amor, a entrega ao outro de Bolívar era tão grande, que se esquece da existência das diferenças em saberes e entendimento do real e assume a procura da Independência dos indivíduos, como um desejo, quase como o de forjar um país socialista. Todavia, contrariamente à utopia de Bolívar, o desejo de todos, como é

narrado ao longo do livro e nos de História, era a procura de riquezas com lucro e mais-valia pessoal. O labirinto do General é reparar esse engano, que acaba por ser a morte do que Yourcenar, por onde comecei a ideia, diz: *Um dos erros irreparáveis do Ocidente foi provavelmente o de contextualizar a complexa substância humana sob a forma da antítese alma – corpo, só conseguindo sair dessa antítese negando a alma* [70]. Estes dois autores fornecem-nos uma ideia da emoção de amar, da actividade de amar, até ao ponto de nos falar Yourcenar da nobreza da derrota, análise de samurais, aplicável à nobreza de Simón Bolívar e do seu grupo. A grande procura da igualdade e liberdade, para todos e cada um serem capazes de esculpir o tempo. Amar, é uma ideia adjudicada a Platão como o filósofo da entrega aos outros [71]. Para ele, Amor, no seu manuscrito *O Banquete*, é a análise sobre as formas de convívio, amizade, saber com sabor, reunião dos iguais, a mútua aprendizagem [72]. De facto, é um dos primeiros passos que nos leva às ideias filosóficas sobre os afectos, herdado por Agostinho de Hipona, nos textos anteriormente invocados. O próprio Platão afirma: *se o grave e o agudo mantivessem até ao fim o seu diferendo, não haveria harmonia: a harmonia é um soar em conjunto...é um dizer conjuntamente...* [73]. Esta obra, reflectida nas anteriores citadas de García Márquez e Yourcenar é, de facto, um património semeado e espalhado, primeiro pelas ideias cristãs, e, bem mais tarde, pela terapia. García Márquez mostra-nos o ideal de harmonia nas suas obras, não apenas em Bolívar, mas também em, *Cem Anos de Solidão*, *El amor en los tiempos del cólera*, ou ainda na sua *Crónica de una Muerte Anunciada* [74], textos nos quais a guerra não parece ser uma *desarmonia*, nem o amor proibido, um tabu. Há regras para viver a vida que, aparentemente separadas, podem causar desencontro entre os indivíduos do grupo social. Como nos relata na *Crónica de una Morte Anunciada*: todo o povo conhece o tabu de amar pessoas de etnias diferentes, e, embora, o amor não aconteça, foi apenas um engano, o tabu, que impõe a harmonia platónica, acaba por matar uma flor do grupo social, originando uma grande zanga entre os parentes da mulher supostamente violada. Desta forma, a desarmonia está criada dentro do que denomino a *mente cultural* e que avanço agora pela ideia de *sermos pais*. Esta narrativa define a emoção de uma forma serena e justa. *Cem anos de solidão* permite-nos entender a iniciação da vida sexual das crianças através de um corpo de mulher grande, ou o afastamento do erotismo entre a confecção de pequenos brinquedos feitos em ouro, na base de uma fantasia trazida ao povo Maconde pelo típico fantasma, diriam os terapeutas, do simbolismo proibido, um cigano capaz de converter a natureza em bens úteis para o grupo social que deles

precisa. Ideia que descreve crianças a brincar com o divino e a conviver com seres humanos adultos, frutos de permanentes guerras que não entram no lar. Adultos encantados no seu papel de serem os pais e as mães de tanta pequenada, cuja origem, apesar de a genealogia ser cuidadosamente escrutinada para a inexistência de incesto, evitando-se assim a possibilidade de destruição do povo, ela pode, contudo, ser desconhecida ou ignorada.

Uma vida de amor, de conhecimento de si próprio e de conhecimento do outro. Como o caso de Úrsula Iguarán, fundadora da estirpe dos Buendía, capaz de conversar com Aureliano, o seu marido, atado a uma árvore (por loucura), conversas continuadas mesmo após a sua morte. Comunicação considerada natural, também, pelos mais novos que por ali passam. Como Santiago Nasar, com as tripas a escorregar do seu ventre aberto em talho pelos irmãos da suposta vítima violada, irmãos defendidos pelos vizinhos que entendem que é aquela a lei que orienta estes comportamentos. Não é a vontade ou a racionalidade que permite amar e aceitar as guerras e os assassínios, é o conceito cultural do dever fazer que orienta um comportamento previamente conhecido. São acontecimentos que não ferem a alma nem causam um trauma mas são incorporados na memória, tornando-se, pois, necessário dar um salto para outros afazeres, que permitam esquecer e desenvolver a personalidade, como refere Boris Cyrulnik. Não é estranho que Cyrulnik designe estes acontecimentos por resiliência ou *essa inaudita capacidade de construção humana*. A esta minha análise de amar, é possível aplicar a seguinte frase de Boris *é preciso aprender a observar a fim de evitar a beleza venenosa das metáforas*, acrescentando: *O simples facto de constatar que um certo número de crianças traumatizadas resiste às provações e, por vezes mesmo, as utilizam para se tornarem ainda mais humanas, pode explicar-se não em termos de super-homens ou de invulnerabilidade, mas associando a aquisição de recursos internos afectivos e comportamentais durante os primeiros anos com a disposição de recursos externos sociais e culturais* [75]. Estas ideias do *inclassificável* Cyrulnik, permitem-lhe a definição de resiliência ou desenvolvimento do ser humano após uma perda de afectividade, do tipo que tenho analisado entre os autores anteriores, que vivem uma realidade que parece metáfora para nós de um outro Continente, mas que é uma realidade à qual se aplica esta ideia do *inclassificável*: *A fantástica explosão de técnicas do século XIX suprimiu a evidência fixista (de que os filhos do povo não podem ter êxito) e ensinou-nos a observarmos a condição humana com a palavra "devir". A*

*biologia descobriu a evolução, a embriologia pensou o desenvolvimento que Freud introduziu na sua descoberta do continente interior...Foi dentro deste contexto tecnológico e cultural que a noção de traumatismo se distinguiu lentamente. É claro que o trauma existia no real, mas não nas palavras que o punham na consciência. Dado que o traumatismo físico nasceu, o encadeamento de ideias exige que, depois da descrição clínica e da pesquisa das causas, haja empenhamento em evitar os traumatismos e em melhor os reparar. Neste caso, precisar-se-á do conceito de resiliência... Porém, dado que se compreendeu que um conceito não pode nascer fora da própria cultura, é interessante interrogar-se por que razão esta palavra francesa se desenvolveu tão bem nos Estados Unidos da América...Paul Claudel, ao assistir ao descalabro económico de 1929, descreve a angustia que oprimia os corações.... (e)... a confiança que iluminava os rostos...Trata-se de um processo, de um conjunto de fenómenos harmonizados em que o sujeito penetra dentro do contexto afectivo, social e cultural. A resiliência é a arte de navegar nas torrentes.... [76]. Este é o processo pelo qual tem sido possível aceder às reacções de uma mente não estudada dentro dos conflitos. E, se o adulto tem essa enorme quantidade de conflitos que levou Ludwig Feuerbach, em 1848, a elaborar o conceito de *alienação*, a partir dos sonhos criados pelas ideias cristãs, ou estar fora de si para não entrar dentro da corrente [77]. Conceito analisado por Marx e Engels no *Manifesto Comunista*, como referi noutros textos, e desenvolvido como base para a psicanálise por Sigmund Freud, especialmente em *Totem and Taboo* e *O mal-estar na cultura* [78]. De certeza é o ponto de partida para o entendimento da afectividade das crianças e dos traumas que a falta de amor e o seu não desenvolvimento, são capazes de causar, na infância e na vida adulta. De facto, trata-se de um entendimento pretendido já nos trabalhos de Freud, mas sem especial cuidado, excepto nas análises que Malinowski refuta, que veremos a seu tempo, ao falar do Complexo de Édipo ou dos ciúmes dos filhos no que diz respeito à vida erótica dos pais e à sua própria vida erótica, entre os três e os cinco anos de idade, idade que ele denomina libidínica [79]. Conceito combatido por Mélanie Klein, discípula de Freud, no seu conceito de *paternidade combinada*, ou pais combinados, ou fantasmas dos pais unidos dentro de uma relação sexual ininterrupta [80]. A defesa organizada por Klein será analisada mais à frente. O que interessa nesta parte do texto, é entender que existe uma série de factos que são regulamentados pela cultura, que baseia a defesa dos mesmos quer na lei civil, quer no catecismo, ao qual passamos. Não sem antes dizer mais uma frase de Cyrulnik, ao referir resiliência, este novo conceito que permite o*

entendimento da emotividade infantil: *Um trauma empurrou o agredido numa direcção para onde não gostaria ter ido mas, visto que caiu numa vaga que o enrola e o leva para uma cascata de mortificações, o resiliente tem que fazer apelo aos recursos impregnados na sua memória...até que uma mão estendida lhe ofereça um recurso exterior, uma instituição social ou cultural que lhe permita sair da situação* [81].

O interessante é entender porque é que ao falar de resiliência, o autor fala dos *vilões pequenos patos*. Penso que a ideia não é difícil. Primeiro, vilões por serem capazes de se desenvolver a partir do *agarrar-se* a uma feliz memória pessoal ou da sua cultura. Pequenos patos, porque são capazes de nadar apesar de essa corrente ser tão forte dentro da sua cultura ou processo de interacção social. Hoje em dia tem vindo a público factos de abuso de menores que, já faz tempo, acontecem, mas apenas hoje se defende e se fala, do colo que a sociedade dá aos mais novos por se terem envolvido adultos que organizam o poder de uma nação. Evidentemente que nem todas as culturas têm este problema, pelo contrário: muito embora o incesto seja um tabu universal, a pedofilia é definida de forma diferente nas diversas culturas, algumas até a praticam como parte do crescimento dos mais novos. Mas, este conceito é para outro capítulo. O que me interessa ver nesta Lição, é a prevenção que os sabidos homens da religião têm organizado para defender *les petits canards* de actividades que ou não são rituais, ou, se o são, saem da estrutura organizada, como processo criminoso para novos e velhos, como tenho referido noutros trabalhos. O capital, a nossa relação social, deixa-nos com a ilusão de sermos pais para passar a guardiães dos nossos pequenos e de vigiar os adultos que andam por perto.

De facto um pequeno parágrafo do capítulo II do Catecismo Romano de 1992, como o de Lutero de 1529, vai directo ao ponto do que, hoje em dia, denominamos traumatismo. É esse traumatismo e como ele é causado, que abordaremos no final desta primeira parte deste tão difícil texto, mas tão necessário pela sua actualidade e incompreensão cultural.

Esse pequeno parágrafo parece referir o segundo conceito deste número, a culpa, tal como acontece com o *Catecismo de Lutero* [82], com o *Alcorão* Muçulmano [83] e o *Torah* hebreu [84] ou os *Dez Mandamentos e os seus Comentários Rabínicos*, textos que orientam o comportamento aos povos judeus, cristãos e muçulmanos. Todos eles

referem o mesmo tipo de comportamento, em relação à culpa, denominada *pecado*. Penso que devia começar pela última frase do parágrafo referido.

Assim: *Portanto, a caridade é o pleno cumprimento da lei* (Epístola de Paulo de Tarso aos Romanos, 13, 8-10) [85]. O que, Paulo de Tarso, pretende dizer aos Romanos ao afirmar que é obrigação de todo o cidadão cumprir a lei, e que cumprir a lei é caridade. Primeiro, está a referir-se à subordinação de todo o ser humano aos poderes políticos: *Todos hábeis de estar sometidos a las autoridades superiores, que no hay autoridad sino por Dios, y las que hay, por Dios han sido ordenadas* [86]. Como cidadão romano, escreve aos seus compatriotas sobre um tema que era desconhecido, como hoje em dia acontece muito, sobre a caridade. Este conceito, largamente usado nos textos que fundamentam a nossa cultura, tem um significado não definido, mas muito adjectivado, na época em que se procura a igualdade entre os seres humanos. Não podemos esquecer que no início deste texto, referimos a hierarquia entre os romanos: cidadãos, submetidos ou sujeitos à autoridade do *Pater – Familias*, escravos, povos colonizados, quer dizer, pessoas com *manu*, etc. A palavra caridade, ao longo do tempo, fez parte da cultura ou costumes de povos que conhecemos, sendo assim possível encontrar a sua definição ética: Caridade. [...] *S.f.* **1.** (*ética*) No vocabulário cristão, o amor que move a vontade à procura efectiva do bem de outro [...]. **2.** Benevolência, complacência, compaixão. **3.** Beneficência, benefício, esmola, definição retirada de um texto do ano 2000 [87]. Das três alternativas o texto comentado está, parece-me, a usar o primeiro sentido. Muito embora ao longo dos textos denominados sagrados e que são ensinados às crianças desde muito cedo – desde o Século III da nossa era até o dia de hoje, todo o ser humano mais novo aprende primeiro as formas de interacção, que, actualmente, na nossa legislação denominamos *bem comum* ou garantia dos bens materiais em igualdade para todos, o princípio representado no artigo 9º da Constituição da República Portuguesa [88] e ao longo do texto constitucional, especialmente no Título III, sobre *Direitos e deveres económicos, sociais e culturais*, artigos 58 a 79.

A nossa constituição assegura a vida dos mais novos, especialmente o artigo 69, que fala da Infância [89]:

Artigo 69.º

(Infância)

1. As crianças têm direito à protecção da sociedade e do Estado, com vista ao seu desenvolvimento integral, especialmente contra todas as formas de abandono, de discriminação e de opressão e contra o exercício abusivo da autoridade na família e nas demais instituições.

2. O Estado assegura especial protecção às crianças órfãs, abandonadas ou por qualquer forma privadas de um ambiente familiar normal.

3. É proibido, nos termos da lei, o trabalho de menores em idade escolar.

Por outras palavras, a antiga ideia de caridade, foi redefinida mais tarde como bem-estar, bem comum, igualdade, soberania, divisão de poderes, protecção à infância, à família e à juventude, e, especialmente à educação. Esta ideia é herdada do parágrafo que comecei a comentar para poder definir a lei como a procura do bem de outro. A diferença está entre as ideias do Catecismo, parte da nossa cultura, e a Constituição do Estado. O texto da Igreja Romana começa por definir "Amarás ao teu próximo como a ti próprio", no Capítulo II do texto citado; a nossa Constituição, desde o primeiro Ensaio Constitucional de 1974 e a sua versão final de 1975 até hoje, começa por definir os seus **Princípios fundamentais**, da maneira seguinte:

Artigo 1.º

(República Portuguesa)

Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade popular empenhada na construção de uma sociedade livre, justa e solidária.

Artigo 2.º

(Estado de direito democrático)

A República Portuguesa é um Estado de direito democrático, baseado na soberania popular, no pluralismo de expressão e organização política democráticas, no respeito e na garantia de efectivação dos direitos e liberdades fundamentais e na separação e interdependência de poderes, visando a realização da democracia económica, social e cultural e o aprofundamento da democracia participativa.

Artigo 3.º

(Soberania e legalidade)

1. A soberania, uma e indivisível, reside no povo, que a exerce segundo as formas previstas na Constituição.

2. O Estado subordina-se à Constituição e funda-se na legalidade democrática.

3. A validade das leis e dos demais actos do Estado, das regiões autónomas, do poder local e de quaisquer outras entidades públicas depende da sua conformidade com a Constituição.

Estas ideias que expus devem, certamente, ser por todos conhecidas como acervo cultural da sociedade Portuguesa, que orienta o comportamento de adultos e crianças e, especialmente, regulamenta a relação entre esses adultos e a sua descendência, como está prescrito no artigo 67º da mesma. Garantia que é possível por existir uma carta ou lei fundamental que entrega o poder de governar ao povo todo, ao próprio povo, como se lê no Nº 1 do Primeiro Artigo, ao falar de Soberania. Mas, o que é a soberania, se não a capacidade de definir, dentro dos ideias da nacionalidade, lusa no nosso caso, as ideias que dinamizam a interacção social entre indivíduos, entre estes e os bens reprodutivos da República e de ter a capacidade de retirar de mãos individuais riquezas que servem para o bem-estar de todo o povo e não apenas para os seus possuidores? A soberania é o conceito que define a capacidade de auto determinar o futuro do país e o que acontece dentro das fronteiras. Conceito nascido na época da Revolução Francesa, época na qual o povo, as terras, as actividades pertenciam apenas a uma família que não governava, mas reinava dentro do Estado. Época que em Portugal acabou muito recentemente, no alçamento militar que derrubou a ditadura que, de alguma maneira, substituiu a Monarquia Lusa, constitucional mas, na prática, continuara a ser proprietária do território, quer Continental, quer das Colónias. Soberano é quem tem a capacidade de mandar. Para mandar, precisa-se de uma legislação respeitada após a votação todos os cidadãos ou membros da Nação capazes de decidir, ao atingir a idade da sua pessoal autonomia. Onde, qual a causa da culpa que organiza a ilusão de sermos pais, de que trato? Se o Estado é Soberano, se a soberania representa a igualdade e o poder de optar de cada indivíduo, porquê essa

procura de culpa na relação entre adulto e criança? Parece-me necessário dizer que a lei fundamental é um conjunto de palavras eruditas que permitem o que hoje denominamos violência doméstica. Violência que existe na base de uma relação social amparada na necessidade de lucrar para viver com uma certa dignidade e conforme o desenvolvimento tecnológico existente na maior parte dos países que partilham connosco o incremento da produção interna. Até parece real ainda, a lei que Paulo de Tarso tenta fazer respeitar no parágrafo que serve de base a esta parte do debate. É possível apreciar que a lei é produto de uma erudição de mandatários descendentes de hierarquias antigas e que estão na vida política há muitos anos, tendo passado por várias formas de Governo dentro de Portugal e na Europa; essa lei, parte do património cultural etnográfico, como referi mais acima, precisa, na carta fundamental, distinguir os diversos direitos dos variados seres humanos, todos eles diferentes, como está definido no conceito que referi antes e em outros textos meus: a mais-valia apropriada pelo denominado Direito de Propriedade, garantido na Carta Fundamental da República. Esta Carta distingue entre proprietário, operariado, salário, greve, política industrial e, necessariamente, entre crianças e os mais novos ou jovens.

Artigo 67.º

(Família)

1. A família, como elemento fundamental da sociedade, tem direito à protecção da sociedade e do Estado e à efectivação de todas as condições que permitam a realização pessoal dos seus membros.

2. Incumbe, designadamente, ao Estado para protecção da família:

- a) Promover a independência social e económica dos agregados familiares;
- b) Promover a criação e garantir o acesso a uma rede nacional de creches e de outros equipamentos sociais de apoio à família, bem como uma política de terceira idade;
- c) Cooperar com os pais na educação dos filhos;

d) Garantir, no respeito da liberdade individual, o direito ao planeamento familiar, promovendo a informação e o acesso aos métodos e aos meios que o assegurem, e organizar as estruturas jurídicas e técnicas que permitam o exercício de uma maternidade e paternidade conscientes;

e) Regulamentar a procriação assistida, em termos que salvaguarde a dignidade da pessoa humana;

f) Regular os impostos e os benefícios sociais, de harmonia com os encargos familiares;

g) Definir, ouvidas as associações representativas das famílias, e executar uma política de família com carácter global e integrado;

h) Promover, através da concertação das várias políticas sectoriais, a conciliação da actividade profissional com a vida familiar.

Este artigo seria necessário dentro de uma república igualitária, de acesso facilitado às riquezas? Ou será como diz Françoise Dolto no seu texto de 1977 : *Oui, nous avons besoin de plaisir mais ce n'est pas le plaisir, c'est la souffrance que nous façonne...l'enfant quitte le sein que lui donne sa mère, pour découvrir une sourire, sa présence, l'amour de celle qui l'entoure...* [90].

De facto, as crianças vivem dentro de um sistema de comportamento, que faz que sejam culpabilizadas por acontecimentos fora do seu entendimento e da sua decisão. Não seria necessário lembrar a análise de Dolto, não fosse o caso de Françoise Dolto ter lutado por crianças que a nossa constituição não parece reconhecer. Comparar o artigo sobre a família e o comentário de Dolto, é perceber rapidamente que a interacção entre adultos que legislam e crianças que obedecem acaba por ser o inferno que contextualiza os mais novos. Porque a nossa sociedade vive a dicotomia anti-tética de obrigar esses mais novos a serem pessoas sabidas, dentro de grupos sociais para os quais as leituras são de revistas como *Maria*, *Caras*, *Jornal a Bola* e outras; ou a televisão e as telenovelas das quais os pequenos podem retirar um imaginário distante do que o adulto vê e comenta com os seus pares, sem explicar a paixão ou o erotismo ou a brincadeira de finanças que leva vários a tribunal. Até os fogos de Verão são uma notícia de sensação e não de entendimento ecológico para aprender a tomar conta da flora e da

fauna, como instituições preocupadas e com poucos recursos, ou partidos políticos, são capazes de defender. Esta criança vive de tal maneira dentro de uma mais-valia retirada da carta Fundamental, que acaba por não entender o seguinte artigo, ou as ideias que estão dentro:

Artigo 82.º

(Sectores de propriedade dos meios de produção)

1. É garantida a coexistência de três sectores de propriedade dos meios de produção.

2. O sector público é constituído pelos meios de produção cujas propriedade e gestão pertencem ao Estado ou a outras entidades públicas.

3. O sector privado é constituído pelos meios de produção cuja propriedade ou gestão pertence a pessoas singulares ou colectivas privadas, sem prejuízo do disposto no número seguinte.

Deve ser este o artigo que permite o abandono prematuro dos estudos eruditos e da preparação científica que a Constituição assegura para todos. A maior parte da população sobre vive sem meios para os seus estudos, Universidades Públicas pagas, casas a alugar, centralização dos meios científicos longe dos sítios em que vivem as crianças.

Este tipo de lei encerra dentro de si, uma outra obrigação para as famílias, sem distinção de classe social:

Artigo 68.º

(Paternidade e maternidade)

1. Os pais e as mães têm direito à protecção da sociedade e do Estado na realização da sua insubstituível acção em relação aos filhos, nomeadamente quanto à sua educação, com garantia de realização profissional e de participação na vida cívica do país.

2. A maternidade e a paternidade constituem valores sociais eminentes.

3. As mulheres têm direito a especial protecção durante a gravidez e após o parto, tendo as mulheres trabalhadoras ainda direito a dispensa do trabalho por período adequado, sem perda da retribuição ou de quaisquer regalias.

4. A lei regula a atribuição às mães e aos pais de direitos de dispensa de trabalho por período adequado, de acordo com os interesses da criança e as necessidades do agregado familiar.

O artigo é suficientemente vago para poder constituir uma lei que, a antiga caridade, hoje solidariedade social, como vamos estudar com Émile Durkheim, Marcel Mauss e Max Weber, leve a cumprir o que está mandado no artigo 75.º

(Ensino público, particular e cooperativo)

1. O Estado criará uma rede de estabelecimentos públicos de ensino que cubra as necessidades de toda a população.

2. O Estado reconhece e fiscaliza o ensino particular e cooperativo, nos termos da lei.

Artigo 76.º

(Universidade e acesso ao ensino superior)

1. O regime de acesso à Universidade e às demais instituições do ensino superior garante a igualdade de oportunidades e a democratização do sistema de ensino, devendo ter em conta as necessidades em quadros qualificados e a elevação do nível educativo, cultural e científico do país.

2. As universidades gozam, nos termos da lei, de autonomia estatutária, científica, pedagógica, administrativa e financeira, sem prejuízo de adequada avaliação da qualidade do ensino.

Penso que a responsabilidade dos progenitores e dos mais novos, fica amplamente demonstrada nesta contradição do conjunto de artigos que não apenas

incentiva o estudo, como tem sido causa de uma série de outras leis necessárias para defender a vida dos que querem estudar e, por não terem nada melhor, usufruem de outras alternativas, como os estudos em Seminários, com essa ideia de se ser Padre ou Freira um dia – ou talvez até o sejam e abandonem a seguir, como é possível ver dentro da História do País, ao longo do tempo e nas Universidades actuais, com Reitores e catedráticos saídos de fileiras da dita alternativa. Será que ainda é assim?

Ainda fica uma outra análise, que fará parte de outras Lições. O Código Penal, legisla em 1998, sobre a autodeterminação sexual, alternativa que temos descoberto recentemente, ser usada para progredir dentro do saber, por meio da sedução erótica, já estudado por Freud e Klein em 1905 e 1955, e assim avançar, de forma pouco ética, dentro do saber. O Capítulo V do Código Civil, artigos 163 a 169, legisla sobre o abuso sexual de menores, para repor a ética do saber, dentro de estabelecimentos de ensino, e assim, de forma correcta, adiantar nos estudos.

Se a Carta Fundamental fala da Soberania do Povo, garante a individualidade e desenvolve as ideias do saber para ser cidadão como a lei espera, Códigos como o Penal não seriam necessários [91].

O que é, em consequência, cumprir a lei? A citação de Paulo de Tarso é taxativa: *Quem ama ao outro, cumpre a lei. É o que os mandamentos dizem: «Não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não hás-de cobiçar», bem como qualquer outro mandamento, resumem-se nestas palavras: amarás ao próximo como a ti mesmo...* [92]. Desde os artigos 2157 a 2257, este outro texto da cultura que orienta as emoções e, conseqüentemente, faz parte da análise da Etnopsicologia da Infância, como Françoise Dolto fez ao longo da sua obra, o catecismo analisa as relações de deveres dos filhos para com os pais em primeiro lugar, assim como a dos pais com os descendentes e de todos eles com a sociedade civil, ao definir que as autoridades, sejam quais forem, fazem parte do dever de todo o filho ver, ouvir e calar. A Constituição dá, pelo menos, o direito a voto e a Soberania. Este texto – o primeiro que se aprende em países cristãos, como o Alcorão entre os muçulmanos e o Torah para os judaicos – manda. Não permite o pensamento. Não há detalhe que, se não for cumprido, não passe a ser pecado ou injúria ao grupo social. Aliás, o de Lutero, contém não apenas uma lista de culpas e um ritual especial para as analisar, denominado Confissão. Ritual que Lutero marca cuidadosamente com fórmulas do que deve ser referido por cada um dos confessados. A

criança cresce entre a falta social, de solidariedade social e a lista de faltas do que não soube fazer. O dever nestes textos não reside nos progenitores, reside nos descendentes. O artigo 2248 diz: *Segundo o quarto mandamento, Deus quis que, depois dele, honrássemos os nossos pais e aqueles que para nosso bem ele revestiu de Autoridade.* [93]. Artigo elaborado, na minha opinião, para o articulado que diz respeito às Autoridades da Sociedade Civil: *A submissão à autoridade e ser corresponsabilizado no bem comum exigem moralmente o pagamento dos impostos, o exercício do direito de voto, a defesa do país* [94]. Também essa criança que, como Freud e Klein já citados, definem a forma libidinosa da eterna união de orgasmo dos pais e a penetração permanente do pai dentro da mãe pela idade dos seus dois, três anos, aprende na catequese e na escola que *a fecundidade do amor conjugal não se reduz apenas à procriação dos filhos. Deve também estender-se à sua educação moral e à sua formação espiritual*, diz o artigo 2221, enquanto o 2222 acrescenta: *os pais devem pensar dos seus filhos como filhos de Deus e respeitá-los como pessoas humanas. Educam os seus filhos a cumprir a lei de Deus, na medida que eles próprios podam – se mostrem obedientes à vontade do Pai dos Céus* [95]. A síntese de todo este articulado, seria talvez o N° 2249: *A comunidade conjugal está fundada na aliança e no consentimento dos esposos. O Matrimónio e a família são ordenados para o bem dos cônjuges e para a procriação e educação dos filhos* [96].

É natural que tenhamos a ilusão de sermos pais, porque, muito embora não saibamos estas leis e outras semelhantes, são as que mandam, desde muito cedo, dentro do pensamento das nossas crianças, mais do que as ideias dos progenitores. Nós próprios esquecemos a base jurídica e de catequese do nosso pensamento. Tenho referido num extenso texto, a criança vive num caos. O seu caos é a forma contraditória de receber informação quer no lar, na escola, na rua, na televisão, quer nas conversas dos adultos que falam pensando que os mais novos não entendem. Os mais novos não entendem o que falam os adultos que o rodeiam, este facto é o seu maior caos dado que a criança pretende entender dentro da sua reduzida epistemologia. Eduardo Sá, propõe que a conversa entre pequenos muito novos e os seus pais, passe pelo brincar, em momentos adequados. Boris Cyrulnik, em 1991, transfere o comportamento do adulto para a resiliência, especialmente quando propõe objectos intermediários entre o entendimento de crianças muito pequenas e os seus ancestrais adultos. Faz uma lista, como capítulos de livro, na qual levantar um dedo ou fazer um sinal com a mão, é já

uma palavra; ou o ursinho passa a ser um objecto de vinculação, ao qual se demonstra o mesmo carinho ou aborrecimento que o pequeno demonstra. Com surpresa é que comenta na sua introdução que os adultos têm feito imensos esforços para adestrar animais, os quais devem entender antes de ensinar. Daí que, o autista ou a *criança – armário*, é um pequeno que não pode ser obrigado a exprimir o que não deseja, bem como retirar das histórias que os catraios ouvem, como a história da bela e o monstro [97]. Se repararmos, as brincadeiras de crianças hoje em dia são mais com animais, de *Start-Treck*, filmes como *Brother-Beard*, *Sreck*, e os desenhos já não são do tipo Walt Disney, com pássaros a fugir de gatos, nem como bonecos que parecem pessoas. Especialmente, o entendimento dos adultos, da transferência de carinho para este mundo de crianças que organizam uma estrutura activa, tipo Tolkien, no seu espaço físico, definem-no como seu e por isso deve ser respeitado, sem os seus adultos entrem enquanto não forem convidados. Não me esqueço ter andado, faz já tempo, em ponta de pés, nu, e à distância de uma piscina que uma das minhas filhas tinha criado na sua própria sala – a nossa, que adquiriu por ser adulta e receber visitas a nadar... nos seus três anos de idade. Ou o ordenamento dos livros que eu, avô, devo proporcionar ao meu neto da forma que ele manda, para ele adormecer, enquanto leio claramente em...Neerlandês....

O caos é dos pais. Eis porque denominei este capítulo a ilusão de *sermos pais*. Não apenas por existir na vida social todo um ritual que pertence, desde muito cedo, aos pequenos contos que nos contam, canções que nos cantam, peças de teatro que interpretam para nós ver, como prazer e....dever, após de adquirir o bilhete... pago em papel. O caos é dos pais, que devem saber manter uma disciplina de horas para comer, para lhes dar banho, para os adormecer e, a parte mais difícil, para os acordar. O trabalho mais caótico para os pais, é levantar as crianças de manhã cedo para os levar ou ao jardim-de-infância, ou à escola, conforme as suas idades. Lembro-me de ter inventado uma brincadeira que consistia em entrar calado, na madrugada do dia, na cama das nossas pequenas e cantar uma canção de embalar, até lentamente acordarem com o gentil ruído que eu produzia, sem jamais proferir as palavras: "já são horas, corre que é tarde..." ou outras frases deste género...que causariam, ainda, mais caos entre ascendentes e descendentes... Um outro facto gerador de caos era encher a casa de bolachas, chocolates e depois, sopa e mais comida. Esta contradição do adulto leva o mais novo a querer deixar de comer. Como esse beijar na boca à mulher amada, que nos

tem dado esses filhos, esse beijar na presença deles... Causa um alvoroço tão simpático, que faz desnecessário andar em procura dos *vilaines petits canards*.

É impossível deixar de referir que essa ilusão nasce também da quantidade de erudições que a vida social ensina aos pequenos que ficam a uma certa distância de nós, orgulhosos do seu saber. Um saber que, apesar de já estar connosco, nos deve sempre surpreender e agradecer, sem muito alarido, pela lição aprendida.

Esse não caos, faz-me lembrar uma história familiar e íntima, que narro: era uma vez uma pequena que acordou da sua sesta durante um trabalho de campo nosso e entrou caladinha, para nos surpreender, no sítio da casa da aldeia onde nós, amantes, além de pais, namorávamos. A idade era a de Freud e de Klein, esses duros dois ou três anos de idade. Ao ver o seu adorado pai abraçar com paixão a mulher que a alimentava, teve um acesso de raiva imenso e começou a tirar tudo o que estava por perto: virar mesas, dar pontapés nas cadeiras, tirar a toalha da mesa, partir loiça. Nós, já divertidos, não abrimos a boca nem proibimos nada; fomos passando de quarto em quarto a ver a criança a partir o mundo e nós atrás dela, em silêncio a rir com os olhos nos olhos – esse rir calado e agradável, que acorda o brilho da pupila - e vigiar não fosse ficar ferida. Até que quis atirar com uma bilha de gás, foi-lhe impossível e, naturalmente, virou-se a nós para tirar esses 45 quilos, que sozinha não podia, esqueceu da sua raiva, virou-se para nós para pedir ajuda...e os três juntos a entornamos às gargalhadas. A seguir, foi o lanche, alegre e divertido, sem se falar nunca mais do assunto, como de nenhum outro que...poderia causar punição se os pais não fossem entendidos na criação dos catraios... É a forma de sair do caos dos pais.

É isto, no seu conjunto, que denomino essa ilusão de sermos pais. Há o próprio processo da criança, que no Século XX foi descoberto, há o conjugal, há a economia, há as doenças. Há tanto problema a sarar, e, o mais difícil, o desejo de continuar a brincar aos noivos por parte dos pais. Como costume dizer, ser pai é para toda a vida, mande-se no filho ou não, o afecto continua, crescendo com a História e a criança. É o desenvolvimento que devemos aprender e acompanhar: eles são hoje os adultos que um dia nós fomos, e de pai a avô, há um mundo de mudança de comportamento. Nascemos sós, morremos sós. Apenas 5 anos são importantes: esses apontados já, quando em casa, a criança desenvolve a sua epistemologia, que, para acontecer, nós devemos ver, ouvir, calar e responder apenas se perguntados.

QUARTA LIÇÃO

"FALA, QUE NÃO ENTENDE..."

1. A criança, esse subentendido.

Foi a frase de uma das pessoas que trabalha comigo, durante um Seminário de Etnopsicologia da Infância, a decorrer no ano académico. De imediato várias ideias brotaram na minha mente, como flores para as crianças. A primeira que me ocorreu foi: o que é uma criança? Conceito definido por imensas teorias e escolas que percorrem o mercado da erudição académica, já comentadas na Lição anterior. No entanto, a criança é uma entidade heterogénea de idades diferentes: há a cronologia que acompanha o transcorrer da sua vida, há capacidades definidas conforme as possibilidades de entendimento do real, há o contexto que rodeia os mais novos e os adultos que definem o conceito.

O Curso de Ethnopsyquiatry e de Etnopsicologie francesa, esse texto que me apoia na análise fez-me desenvolver a seguinte ideia [98] : L'ethnopsychiatrie est une méthode d'investigation qui s'efforce de comprendre la dimension ethnique des troubles mentaux et celle, psychiatrique, de la culture. La classification des maladies est différente d'une culture à l'autre. Le "Shaman" a un rôle de "psychanalyste autochtone" faisant appel à des mythes sociaux. C'est quelqu'un de déviant, catalyseur de la communication vers le savoir sacré, interprète du divin auprès du commun des mortels. L'ethnopsychiatrie se donne pour but de donner un sens culturel à la folie.

La culture est l'ensemble des matériaux dans lesquels nous (individu et société) puisons pour élaborer nos expériences. La nature c'est l'expérience, et la culture c'est l'élaboration de cette expérience. Cette élaboration se fait selon une organisation, une structure, un ensemble de règles et de signifiants propres à chaque ethnie. Ces règles et ces signifiants sont à la fois relatifs et universels (Une ethnie est un groupe qui partage les mêmes signifiants culturels). Une culture donnée imprègne les individus, et ces

derniers transforment leur culture. L'individu doit intérioriser la culture du groupe dans lequel il est né, et s'y tailler une place. Le groupe quant à lui, doit l'intégrer en lui donnant l'exercice d'un rôle, d'une fonction, et transmettre sa culture par l'éducation.

L'ethnopsychiatrie peut aussi se définir comme étant l'étude du rapport entre un comportement psychopathologique, des services thérapeutiques et les cultures d'origine du patient et de son thérapeute. Une telle analyse doit alors reposer sur une série de postulats concernant la culture et la personnalité. Ces choix de départ guideront la façon dont on définira le champ des questions et des problèmes [99]. Por outras palavras, as formas de entendimento do real acabam por ser diferentes entre uma cultura e outra, donde natureza é experiência e cultura, elaboração dessa experiência. Esta ideia, deriva de três autores que para nós são importantes: Alfred Kroeber, Clyde Kluckhohn e Claude Lévi-Strauss, especialmente no seu texto *La pensée sauvage* [100]. Os três, de forma diferenciada, dão-nos uma pista para entendermos que todo o grupo social tem uma forma diferente de classificar os seus e de hierarquizar as formas de pensamento. Lévi – Strauss vai longe na sua forma etnológica de estudar a realidade, não para entrar no "pensamento do selvagem", mas nas formas de pensar universais. Define o pensamento em estado selvagem antes de entrar em contacto com outras culturas ou enquanto subsista a forma de definir que citei no início: "definir de forma étnica dos problemas mentais" Note-se que não falo de mente "doente", mas da dimensão étnica de entender como a cultura contextualiza o pensamento das pessoas de um grupo social. Pelo que, o autor fala de mito, clã, a lógica destas classificações, definidas como correspondentes ao comportamento das categorias, ou formas de classificar a interacção social conforme as actividades desempenhadas pelo indivíduo dentro da sua etnia, grupo social e clânico. Este entendimento desenvolve as ideias do particular e do universal dentro de uma redescoberta do tempo, que une o geral ao particular, o abstracto ao concreto. Pelo que na citação referida no parágrafo 2, a cultura é definida como o conjunto dos materiais dentro dos quais nós – indivíduos e sociedade, somos capazes de elaborar as nossas experiências. O indivíduo interioriza a cultura do grupo para se organizar no espaço que lhe é conferido – conforme às suas capacidades e o espaço social dentro do qual nasceu – pelo próprio grupo que impinge a cultura através do sistema educativo [101].

A minha intenção, com a citação referida e os seus comentários, é ser capaz de entender que temos duas alternativas: ou analisamos comportamentos *modelares de doença* individual por afastamento do agir cultural; ou analisamos a cultura para entender o seu processo estrutural como forma de agir sobre o indivíduo e o seu grupo, no presente e através do tempo histórico. O que me leva, mais uma vez, a analisar à última parte do 2º parágrafo do texto supracitado: "Estas regras e o seu significado são, ao mesmo tempo, relativas e universais...Uma cultura determinada impregna os indivíduos, enquanto estes a transformam" [102].O indivíduo precisa interiorizar a cultura dentro da qual nasce e organizar um espaço social para ele. Esta frase é fundamental para mim, para se entender o meu objecto de pesquisa, que gostava resumir assim com esta pergunta: qual a base da dinâmica do comportamento da criança? Pergunta de difícil resposta, não apenas por causa das, já referidas, diferentes culturas impingidas, bem como pelas diferentes escolas que recentemente têm definido que a criança é um ser traumatizado, como disse ao citar Boris Cyrulnik no encerramento da Lição anterior [103].

Bem podia dizer que uma criança é um ser inocente, sem responsabilidade, como define o Código de Direito Civil, citado no Capítulo anterior, e o de Direito Canónico [104]. Este Código, com valor legal em Portugal, não define menor, mas por oposição, ao definir maior, ficamos a saber que um menor não tem pleno exercício dos seus direitos: não pode comprar e vender, casar, procriar, viver de forma autónoma, etc.

Assim é que entramos pelas problemáticas das crianças. Os Códigos são espartanos na sua definição. A pessoa que falava no Seminário parece ter razão: a criança é um subentendido. A frase é minha e com amabilidade foi usada, devidamente citada, na lição proferida. Torno a colocar a questão: a criança é um subentendido, um subordinado, como denominei nas Actas do II Colóquio sobre a Investigação e Ensino da Antropologia em Portugal [105]. A minha teima tem sido sempre a ignorância que o adulto atribui à criança, mas, ao mesmo tempo, como esta criança sabe defender-se da ignorância que o adulto lhe oferece. Ignorância que não é apenas o facto de ser uma entidade despercebida, o que vive dentro de regras e horários que afastam essas duas gerações. Se retorno à minha comprida citação, posso apreciar que a cultura do saber universal entrega aos mais novos um papel sem representação dentro do grupo: eis porque os autores citados dizem que se deve "talhar", "construir", um lugar dentro da

sua cultura, porque um dia a cultura lhe dará o seu lugar social conforme a aprendizagem que tenha feito do saber, ou, como diz o começo do parágrafo 2, o indivíduo elabora a sua experiência de entre os materiais fornecidos pela cultura. É o caso, que tenho observado, dos pequenos *Picunche* da Villa de Penciahue, Província de Talca, Chile, analisado por escrito em 1998 e 2000 [106]. Toda a criança tem como obrigação trabalhar a terra, tomar conta dos animais, ensinar os mais novos a usar a tecnologia para não se ferirem, satisfazer a libido dos adultos da casa ou visitantes sem se queixar – política que faz parte do comportamento ritual de crescimento dos pequenos e das pequenas. Normalmente, pequenas reservadas para o pai, enquanto os "niños", para os irmãos mais velhos, os irmãos dos pais, etc. Comportamento reproduzido, como tenho observado ao longo de mais de 40 anos, entre grupos diferentes de *Picunche* de sítios geográficos distantes do Chile. Criança que carece de adulto como progenitor é criança mal criada, uma vergonha social, desprezada, não querida, que acaba por procurar um homem na casa dos Homens, que existe para este propósito. Ou, durante certos anos da minha pesquisa, na Casa da Igreja Romana, com o Padre que acabou por fugir com um deles. Formas de vida como as relatadas por Maurice Godelier no texto sobre *La Production des Grands Hommes* na Melanésia, em 1981 [107]. Formas rituais de unir, em relações reprodutivas, os seres humanos no futuro, na idade madura. Esta forma de relação cria uma associação entre quem bebe esperma do outro ou recebe esperma por *fellatio* e as relações reprodutivas com a mulher mais próxima de quem dá e virá a ser a mãe dos seus filhos – irmã, filha de irmão, parente dentro do grupo clânico no caso dos Baruya da Nova Guiné ou parente não consanguíneo directo em relação de ascendência – descendência, como entre os *Picunche*, *Huilliche*, *Aymara*, ou outros povos nativos do Chile.

No entanto, esta forma de entender as relações deve passar antes pelas definições de idade e os conceitos que as pessoas têm ou lhe são atribuídas pelo seu grupo. Se uma introdução à análise das formas culturais de organizar as emoções já significa uma classificação, é preciso entender a classificação dos adultos perante as crianças, ou das crianças. Pensa-se que os mais novos não entendem, pode dizer-se tudo o que se quiser em frente deles por, ou já saberem tudo, ou ficarem com o seu "saber proscrito", como diz Alice Miller [108]. Na sua obra, Miller analisa o saber dos mais novos em diferentes idades, como o tinham feito Freud, Klein, Bion, entre outros, autores aos que ainda, voltaremos. No seu livro de 1977 [109], a autora – polaca de nascimento, refugiada na

Suiça, terapeuta da Infância ou Pedopsicóloga, estuda a infelicidade da vida infantil dos pais de crianças que ela analisa mais tarde. Estuda especialmente o caso das mães que sofreram todo o tipo de violência doméstica, como a vida a três do pai – a mãe da criança, e a amiga do pai, escolhidas por turnos e os comentários que deve ouvir por parte da mulher que se sente abandonada e mora, no entanto, na denominada casa familiar. O começo do texto é dramático para a nossa cultura: a mãe e o pai não estão a ajudar a "talhar" o lugar social na cultura do mais novo, até o título do primeiro Capítulo define uma relação invertida: é o filho bem dotado que ouve a mãe nos seus prantos, angústias e depressões. Ora, esses três sentimentos, como Klein diz no texto *Inveja e Gratidão* [110], fazem parte da defesa dos pequenos perante esse falar descontrolado de um adulto cuja epistemologia não entende, ou não são mutuamente entendidas. O texto de Miller *El drama del niño dotado y como nos hicimos terapeutas*, estuda, em 50 páginas, a vida de uma infância reprimida que a criança deve criar falando de tudo, excepto da verdade e viver de ilusões do que não existe: esse lar calmo, sereno, estudado, sabido, fiel, é o que, ao longo do texto, a autora designa ilusões de infância, que, mais tarde, danificam a vida adulta. Como aconteceu com esses pais, também rebentos de pais desleais; a capacidade de ouvir passa a ser da criança dotada mais nova. Determinados pela história dos pais como pela dos seus avós, a infância foge da realidade e esconde a falta de amor, a solidão e o abandono infantil, na leitura, no encerramento nos seus aposentos, que passam a ser dele com a grande proibição de aí entrar todo e qualquer maior que traga as suas tristezas ante uma mente capaz de entender o mundo, excluindo a sua família. Sentimentos materializados em actividades que fazem dele uma criança dotada. *La represión del sufrimiento infantil no solo determina la vida del individuo, sino también los tabúes de la sociedad* [111]. A solidão e o abandono infantil são motivos de profundo transtorno das pessoas dotadas: nascem da ausência do prazer e do carinho na infância. Alice Miller estudou as vidas de Sakespeare, Joan Crawford, Charles Chaplin, Mozart, Beethoven e Einstein, para sabermos a base da sua genialidade. Ou Sartre, Bouvoir, Bourdieu, Godelier...a falta de infâncias douradas....

Os estudos de Maurice Godelier são análises típicas da falta de infâncias douradas. A segunda parte do título desta sua primeira grande obra, define a ilusão do amor e a ilusão de ser pai... com os rituais de fellatio....

Mas, e a criança, como Freud, Klein, Dolto, analisam? Não há razão da parte delas para essa infelicidade? Para a infelicidade que não conhecemos, que não sabemos por falta de observação e de aprendizagem especializada? Mas, o que nos ensinam no seu agir, ideias, individuais ou em grupo, quase sem palavras? Porque não há apenas o silêncio do saber proscrito e a infelicidade adulta do pequeno dotado. Há também uma realidade que nasce da própria realidade, enquanto a criança, cuja idade muda e situação social é *retalhada*, o ter uma percepção do real, que Wilfred Bion denominaria entender que há um infinito ao qual pertencemos, como seres finitos que somos e que essa finitude deve entender a relação para não entrar na onnipotência que define parte psicótica do nosso ser [112]. Essa criança passa por diferentes estádios enquanto repara que a base da sua vida – a alimentação –, vem de um corpo estranho [113]. Estas idades podem-se apreciar no anexo:

<u>cours de</u>	
<u>psychologie</u>	
Grossesse	Age
Naissance	adulte
Petite	Couple
enfance	Travail
Latence	Vieilles
Adolescence	e
	Agonie

Hoje em dia sabemos que a relação adulto/criança começa bem antes do nascimento da mesma, como referi em Lição anterior, ao comentar textos de Eduardo Sá. O facto de recentemente ser descoberto a importância do líquido amniótico entre o corpo da mãe e o mundo exterior – um ouvido que amplifica o que acontece fora do ventre materno, faz com que os sons passem a ser naturais, costumeiros, ou desagradáveis e pouco simpáticos. Ao ouvir Mozart fica-se habituado à melodia calmante; ao ouvir discussões e más palavras a infelicidade aprendida no ventre materno

reflecte-se na vida adulta. Relações simpáticas ou antipáticas, estudadas pelos nossos analistas e a sua influência no futuro adulto. Não esqueço o bebé que chorava ao ser amamentado: faltava-lhe Granados, esse músico aprendido enquanto a mãe dedilhava as suas composições perto do ouvido amplificado pelo líquido uterino. [114]. A análise da função do líquido amniótico não é de um saber recente. Há mais de 50 anos que médicos, pediatras e terapeutas procuram uma relação com a capacidade de autonomia da criança ou da capacidade de comandar os outros, que vários autores analisam, a ditadura da Infância. Após anos de estudo, o saber vai-se acumulando, até hoje com a procura da genética do genoma humano. *O córtex é soberano e, ao mesmo tempo, deixa-se suplantar docilmente pelo rastejar do ventre. O carácter não se sente ameaçado e por isso cede, derrete-se docemente, permitindo que o cerne fique exposto, pulsante, vibrante: é a necessidade de libertar-se da actividade mental, com o intuito de reencontrar a unidade psicossomática, como diz Winnicott* [115].

2. Primeira etapa: a pré-existência.

Se a criança entende ou não, é uma questão que devemos colocar ao começo da vida da mesma, definida desde a sua aparente pré-existência. Muito embora já o tenha feito, reentrou, contudo, agora no âmbito deste ano académico, no debate: a criança é um facto cultural que reside na pergunta de como pequenos e adultos entendem os cronologicamente mais novos dentro do processo da realidade social. A questão é simples: o que é esse entender ou não de se ser criança e o que é que é possível falar em frente do, cronologicamente, mais novo? Os mais novos caracterizam-se por chorar, às vezes sem um motivo que permita entender esse pranto espontâneo, que nem o mais novo que chora, pode saber: chora porque sim! O pranto dos pequenos pode ser resultado de ouvir uma voz autoritária que faz correr, pensar, sentir, desesperar se não se souber o motivo e a pessoa. Esse novo ser chora e ri desde o seu primeiro dia de existência. Os analistas de pequenos têm defendido que o bebé, como ser humano que sente e é emotivo, começa na gestação e, antes ainda, no imaginário dos pais que pensam produzir um ser humano. Defensor desta ideia é o referido Winnicott, bem como o conhecido Cyrulnik. A ilusão dos adultos conduz a este tipo de pensamentos. "Como é que será o bebé, semelhante a quem, a cor dos olhos?". E outras questões que são colocadas pelos progenitores. Não resisto sintetizar o que a escola francesa

organicista de psicologia tem acumulado em saber no assunto do imaginário e da gestação de um outro ser humano e o papel de destaque atribuído aos progenitores durante a gravidez, especialmente o papel cultural, alimentar e emotivo da mãe. A história, por eles analisada, é assim :

L'histoire de l'enfant commence dans l'imaginaire des parents. On l'imagine grand, beau, fort et plus tard riche. A partir du moment où on est deux (couple), on est déjà trois, même si l'enfant n'est pas encore pensé consciemment. Il y a toujours dans le désir d'avoir un enfant un besoin personnel à assouvir. Durant les 9 mois de grossesse, les parents font le deuil de l'enfant imaginaire. On divise les 9 mois en 3 périodes :

1ère période : Incorporation. Il faut acquérir l'identité maternelle, l'assimiler d'après la propre histoire de la femme : Quand elle était nourrisson, d'après ses rapports avec sa propre mère, son propre père, sa conception de l'enfant. Cela provoque chez la femme une régression. Elle se voit petite-fille, elle rêve beaucoup de son enfance (souvenirs). Elle pourra aborder sa grossesse soit comme un événement heureux, valorisant, soit avec l'angoisse due à la déformation corporelle, à la fatigue. L'ambivalence des sentiments de refus et d'acceptation pourra entraîner des vomissements, des malaises, ...de l'instabilité. Les modifications hormonales toucheront l'humeur, la sexualité... La femme s'installe dans son nouveau statut, non sans heurts.

2ème période : L'enfant est accepté, il bouge, se distingue de la mère. C'est une période sereine. La femme se suffit à elle-même, son corps s'épanouit. Elle ressent une grande sensibilité au monde extérieur. Elle a retrouvé son dynamisme et éprouve beaucoup de bonheur à fabriquer sa future. (Notons qu'à ce niveau là, certaines femmes ressentiront de l'angoisse à l'idée de porter un être vivant, étranger à elles et vécu comme un parasite). La femme commence à concevoir son enfant comme différent d'elle. Le père acquiert son identité de père. Il aide psychologiquement la mère à porter l'enfant.

3ème période : Travail de séparation. Les parents confrontent l'enfant imaginaire à l'enfant réel. Un processus de deuil commence. L'enfant existe. Le processus de deuil doit être achevé à l'accouchement. L'enfant naître réel, autonome et différent. La femme pense à son accouchement, craint les douleurs, le risque de l'enfant mort-né, ou anormal.

L'enfant imaginaire est là pour combler un manque chez les parents. Après la naissance, l'enfant devient d'un coup réel. Cela n'est pas toujours accepté par les parents. Le deuil est donc là nécessaire.

Cas de malformation á la naissance : Ce qui est important n'est pas qu'un enfant soit incomplet mentalement ou physiquement, mais la façon dont les parents vivent cette incomplétude. Ils pourront y voir une punition, renforçant ainsi la tare chez l'enfant, le confirmant dans son état d'infériorité. Il pourra aussi y avoir de la culpabilisation vis á vis des grands-parents, qui eux ont bien réussi leur travail. Le role maternal será alors plus difficile á acquérir [116].

Esta extensa citação da Escola da Etnopsicologia francesa comenta-se, por si só, dentro da própria citação, apesar de tanto autor me ter obrigado a entregar estes elementos para saber e lembrar o argumento da procriação e criação de pequenos e dar assim bases analíticas aos leitores. Lembro apenas três pontos: o primeiro, é que esta é uma, citação do texto da Associação Géza Róheim [117], que define a fundação da Etnopsicologia – atribuída também ao Húngaro Róheim, mas que a História entrega e atribui ao alemão Emil Kraepelin por causa dos seus estudos de método comparado entre europeus de diversos grupos sociais, e os nativos de Java com os artefactos da sua cultura reunidos no Museu que orientava em Hamburgo, e cujas viagens à Índia tiveram por objectivo comparar os conceitos fundados sobre Esquizofrenia e Mania Depressiva, com doenças dos nativos de Java no asilo [118] gerido por analistas holandeses. Os seus primeiros textos, contextualizam culturas e delimitam a influência de formas de comportamento normativo social que exercem sobre as, nesse tempo, denominadas demências: a forma cultural ensina que não há alcoolismo, mas sim epilepsia, causada pela traição da mulher amada, ou ver sangue à morte de uma pessoa querida, ou, ainda, ver derramar sangue dos seus consanguíneos, assim como o facto de entidades míticas denominadas *l'amok* e *le latah*, entidades culturais legendárias a agir entre o povo, facto perante o qual se reage, como descreve Gilmore Ellis no *The Journal of Mental Science*. Doença que são comportamentos, estudados e descritas por Kraepelin e que Gilmore Ellis analisa na referida revista: *A ideia que insanidade é rara entre os povos primitivos e que ela tende a aumentar em proporção ao processo de civilização, surgiu pela primeira vez no século XIX. Psiquiatras importantes daquela época defenderam a ideia que existiria uma íntima relação entre civilização e doença mental. A ideia do "bom*

selvagem", proposta pelo filósofo e reformador suíço, de Genebra, Jean Jacques Rousseau, ainda era forte... Começaram a descobrir doenças mentais que eram restritas a povos primitivos, tais como o amok e o latah, entre os nativos de Java; koro, entre os chineses em Java; o myriath, na Sibéria, pilokto entre os esquimós, etc. Assim, nasceu uma nova abordagem, a denominada "psiquiatria cultural do exótico", a qual evoluiu até o presente conceito de síndrome delimitada pela cultura ("culture-delimited syndrome"). Pela primeira vez, o pensamento psiquiátrico buscava fora do seu berço de nascimento uma prova para o valor universal de suas categorias de doença mental. O grande psiquiatra Emil Kraepelin foi um dos primeiros a fazer extensas viagens ao Oriente e examinar pacientes psicóticos entre povos primitivos, tais como na ilha de Java. [119]. O conceito de síndrome culturalmente limitado é central para o entendimento de não termos doentes mentais, mas sim uma relação entre pessoas, etnocentrismo e a sua cultura, com o perigo do afastamento das definições comandadas pela prática e a tradição.

Esta citação revela o império do desejo de entender que a relação cultura – indivíduo, não é apenas uma problemática, denominada por Kraepelin um problema civilizacional, é apenas, como dizia, uma relação de interação social entre as leis que governam o comportamento humano, orientam a educação dos mais novos e desenvolvem um adulto capaz de se separar da vida social, por mutações biológicas motivadas por situações emotivas contraditórias, manifestadas pelo adulto, como no caso das formas rituais paranormais de *amok, lata, koro*, comportamentos que observa nas culturas citadas no parágrafo anterior e redige no seu texto de 1904: *Psychiatrie comparée* [120], onde refere formas de agir perante, o que eu denominaria, a traição da cultura ao indivíduo que, até essa altura, vivia em paz, no meio dos ditames da lei escrita ou tradicional, rituais e mitos, sentimentos definidos e formas materiais de os exprimir que não feriam as relações das pessoas entre si, sempre que essa forma de agir prescrita fosse cumprida. Situações observadas, sentidas e a desenvolver sentimentos na educação dos mais novos. Eis o motivo pelo qual os organicistas não se ocupam apenas com processos de transtorno mental, mas também de teorias educativas, da forma observada por Edwin Guthrie, Melanie Klein, François Dolto e os outros terapeutas referidos. Formas educativas que procuram entender que, não é apenas, a relação entre adultos e descendentes de uma mesma família o facto social de importância para a resposta epistemológica da criança perante o grupo. Também é o comportamento do

grupo em frente de si próprio, grupo que inclui os mais novos como a parte maior e mais vulnerável, esses pequenos que a pouco e pouco reparam na sua autonomia e na sua independência perante a vida, sem se poderem retirar da dependência da alimentação e do carinho que os outros indivíduos devem dispensar-lhes. Dai que a criança não seja um subentendido: a criança não entende o que se fala e fica mais exposta ao que vê fazer como diferente dos costumes culturais. Este é o contributo que Kraepelin retirou de Java e abriu um caminho para que os eruditos da mente pudessem comparar e retirar formas de comportamentos convenientes à formação do indivíduo. É impossível não sintetizar os comentários que aparecem no livro, esse pioneirismo de reparar [121] em dois conceitos fundamentais para a nossa análise: o etnocentrismo que acaba por ser o elo que orienta o comportamento: o que nós somos é o melhor, donde o que fazem os outros é com eles. É o peso do comportamento cultural e a sua manipulação, que acaba por ter um limite, o da racionalidade emotiva do comportamento entre pessoas. O etnocentrismo define tabus e dinâmicas de comportamentos, traça a linha limite das formas de reprodução humana no saber e entre quais das pessoas da população a afectividade é possível e a relação empática define-se como simpática ou antipática. É o que os autores que introduzem Kraepelin manifestam.

Roudinesco et Plon considèrent que *historiquement, l'ethnopsychanalyse est née de l'ethnopsychiatrie fondé par Emil Kraepelin*, texto no qual concluem que a etnopsicologia *c'est l'expresion transculturelle qui a fini par s'imposer en lieu et en place d'ethnopsychiatrie ou d'ethnopsychanalyse, trop chargé d'ethnocentrisme* [122].

Segundo ponto que queria comentar antes de entrar pelo texto das idades da criança e do seu entendimento do mundo: uma definição de Etnopsicologia para entendermos a parte do processo educativo que a Etnopsicologia da Infância trata, referido nas páginas anteriores, com o acréscimo do etnocentrismo, conceito fundamental para nos entendermos com a infância.

Etnocentrismo definido mais tarde por Claude Lévi-Strauss a pedido da UNESCO e que teria feito as delícias do autor da Etnopsicologia [123] que acabou por dedicar a sua obra a relações de imigração, para entender de forma comparativa as formas de pensamento, fossem estas etnocéntricas ou a fugir das formas mandadas pela interacção social: o etnocentrismo é o desenvolvimento do meu Eu entre os meus, ou do meu grupo social, regras, normas, e, especialmente, o fechamento das relações aos

"selvagens", ou pessoas que vivem à beira do nosso agir, com regras não aceites por nós, ou, pelo menos, para nós, apenas para os outros. Enquanto, "indígena" é o habitante natural de um grupo que tem a sua geografia e o seu território, defendendo-o por todos os meios, até pela guerra ou pela união parental.

Há um terceiro e final ponto, é o comentário do próprio Freud sobre a temática. Discípulo de Wundt na Alemanha, influenciado por Kraepelin e outros intelectuais germânicos, Freud não consegue não comparar as suas análises sobre a história e processo formativo das neuroses e a histeria, sem estudar grupos australianos com os quais compara a conduta europeia. O resultado é o texto *Totem and Taboo. Some Points of Agreement Between the Mental Lives of Savages and Neurotics*, escrito em 1913 [124]. O texto de Róheim, que tenho analisado, diz: *Si nous avons commencé cette partie en nous référant à la définition même de Freud, c'est pour souligner le fait que l'ethnopsychanalyse n'est pas une discipline nouvelle ; elle est contenue dans la psychanalyse. Elle est une facette et plus précisément (et en premier approximation) celle que questionne l'interface entre psychisme et culture...* [125]. É assim, comenta o escritor, que Freud se afasta da clínica para entrar no modelo comparativo de comportamentos nem sempre da sua cultura. Um Freud, como comenta o texto que tenho preparado sobre *La Psychanalyse Française* [126], que coloca o autor fora do campo analítico francês, muito anti judaico para aceitar as ideias filosóficas do autor. No entanto, são ideias que ajudam a perceber essa diferença epistemológica que permite dizer que se pode falar perante as crianças, porque não entendem. Muito embora o caso contrário seja também real: o que a criança diz, não é percebido pelos adultos.

3. O começo da teoria analítica. Entender.

Entre outros motivos da não percepção, está a formação diferente, quanto ao imaginário, entre adultos e crianças. O conjunto de adultos que procura entender a criança, vive de forma pragmática e pensa de forma material. O caso mais conhecido é o do fundador da psicanálise, Sigmund Freud [127]. Como o autor diz: *Sigmund Freud is part of a group of thinkers who have reacted against religion in its formal expression (E.g. Church, liturgy, the belief that God lives in the heavens etc.), but at the same time seeks to internalise key religious concepts and then relate them to the human psyche. However, unlike modern non-realists who see value in religion as a means for promoting certain social and moral values in society (see God as the Sum of our*

Highest Ideals), Freud is more akin with the likes of Karl Marx who saw religion as an immediate expression of some deeper human problem which needed to be 'cured' (see Marxism). Although Freud was Jewish he never practiced his religion and in fact he believed that all religion was an illusion which had developed to suppress certain neurotic symptoms in humans, acrescentando uma frase do próprio Freud: *[Religion] must exorcise the terrors of nature, [Religion] must reconcile men to the cruelty of fate, particularly as it is shown in death, and [Religion] must compensate them for the sufferings which a civilised life in common has imposed on them* [128]. Formas de pensar, que dizem respeitam ao pragmatismo usado pelos analistas, retiradas das suas próprias formas de pensar, o pensamento simbólico criado pela mente humana entre a natureza e a crença na existência de uma outra vida. Acrescenta o autor da biografia de Sigmund Freud: *In the end Freud believed, as did Marx, that the religious instinct in people was curable (even childish), and so at some point in the future could be abandoned. This would happen once people left behind their psychological illusions and live as restored people in a world of scientifically authenticated knowledge. Yet despite this negative assessment of religion, Freud's theory can open up other possibilities for explaining why humans have the religious instinct* [129]. Ideias que Freud desenvolve nos seus textos sobre *Moisés* [130], para comparar uma ideia fundamental da sua teoria: *If the relation of a human father to his children is, as the Judaic-Christian tradition teaches, analogous to God's relationship to humanity, it is not surprising that human beings should think of God as their heavenly Father and should come to know God through the infant's experience of utter dependence and the growing child's experience of utter dependence and the growing child's experience of being loved, cared for, and disciplined within a family* [131].

A questão que se coloca na falta de entendimento entre adultos e crianças, é a ideia de religião, como diz Freud. As ideias religiosas podem provocar histeria, retirar o pensamento positivista e cartesiano e causar uma doença psicopata ao confrontar o que eu faço e penso com o que pode ser feito e pensado por uma criatura não humana. A sua análise começa ao tratar do conceito totem, no seu livro de 1913, *Totem e Tabu*, já citado. A ideia é que o imaginário infantil cria estas entidades, classifica as relações entre os seres humanos e pode pensar que o seu pai é o totem do seu clã, ao qual é retirada a capacidade de mandar, retirando-lhe a capacidade de amar e criando uma histeria no mais novo. É por isso que Freud retira uma parte do diálogo cultural, entre

adultos e crianças, das formas de pensar monoteísta e bíblica, como é possível provar na sua análise das tábuas da Lei de Moisés e usar assim o conceito Jesus como Anti Édipo. Por outras palavras, uma análise do pensamento onipotente, retirado aos mais pequenos do grupo, que não desejam deixar de mandar [132]. Jesus é o Filho do Pai que em tudo obedece e a tudo fica submetido: vive para cumprir a vontade do Pai, elo central da pesquisa de Freud e da sua escola. Se soubéssemos bem a teoria da nossa cultura, nem era preciso acrescentar nada para entender a figura desse Moisés denominado Jesus. A análise leva em si os conceitos de trauma, libido, latência, recalçamento e repressão, conceitos associados à ideia de erotismo, mas que têm sido definidos antes, de subordinação de um ser humano a outro, como é o caso dum Moisés que serve e liberta o seu povo da servidão, da subordinação a uma família proprietária de seres humanos, como os faraós do Egipto Antigo, enquanto Jesus vem como ser humano ao meio do seu povo para o redimir – o salvar – de comportamentos que a subordinação a outros povos - no caso Israelita, ao Romano do Ocidente primeiro, e ao de Bizâncio mais tarde - causa entre eles: a luta pelo mais forte, a traição aos seus concidadãos, as formas de cumprir deveres que, para viver em paz com os invasores, se tornam atitudes estimadas de mágoa e zanga para com a sua própria divindade. O denominado Complexo de Édipo, já analisado antes, passa a explicar, no caso de Freud, qual a dinâmica das crianças no seu comportamento infantil. O que movimentaria um ser humano entre o ser amamentado e a idade de entender que existe como entidade própria e pode procurar a sua alimentação, seria o amor ao pai do sexo oposto e os ciúmes ao do mesmo sexo: a luta entre o desenvolvimento da pessoa e a aquisição da autonomia. Talvez, nas próprias palavras de Freud possamos entender o que as metáforas totémicas Moisés e Jesus, significam entre os povos israelitas e, para Freud, o seu derivado, o cristianismo, como refere na sua obra, especialmente no importante texto Totem e Tabu [133]. Em conjunto com este texto de 1913, existem dois, analisados por tantos autores, que no meu texto actual, optei por omitir todas as críticas e apenas citá-los: *Au delà du principe de plaisir* [134]. Livro que começa com esta frase: *La théorie psychanalytique admet sans réserves que l'évolution des processus psychiques est régie par le principe du plaisir*, a seguir, passa, a definir o que é o prazer: *Aussi nous sommes-nous décidés à établir entre le plaisir et le déplaisir, d'une part, la quantité d'énergie (non liée) que comporte la vie psychique, d'autre part, certains rapports, en admettant que le déplaisir correspond à une augmentation, le plaisir à une diminution de cette quantité d'énergie. Ces rapports, nous ne les concevons pas sous la forme d'une*

simple corrélation entre l'intensité des sensations et les modifications auxquelles on les rattache, et encore moins pensons-nous (car toutes nos expériences de psychophysiology s'y opposent) à la proportionnalité directe ; il est probable que ce qui constitue le facteur décisif de la sensation, c'est le degré de diminution ou d'augmentation de la quantité d'énergie dans une fraction de temps donnée. Sous ce rapport, l'expérience pourrait nous fournir des données utiles, mais le psychanalyste doit se garder de se risquer dans ces problèmes, tant qu'il n'aura pas à sa disposition des observations certaines et définies, susceptibles de le guider.

Selecionei este texto apenas para indicar que, ao longo de 58 páginas, Freud debate o investimento psicológico e fisiológico que todo o ser humano faz para dar resposta à sua libido. Libido, conceito referido antes, que denota a distribuição de actividade para possuir, como diz na página 48, o lucro de ganhar a batalha de lutar pelo Eu e pelo princípio sexual, incipiente já na infância. A luta para além do princípio do prazer é a procura de manter unida dentro do Eu, a sobrevivência. Engano seria pensar que o princípio libidinal é a procura do prazer sexual, diria eu, bem como a procura do prazer de si próprio, de se gostar, de se conhecer, de desenvolver a auto estima, o gosto narcísico de si, definido como está no outro texto de Freud já citado, Capítulo 3, que começa pelo título de *O Eu, o super-eu e o ideal de si*. Há uma certa parte de nós próprios que aceita e gosta do outro e dos outros enquanto, que, o ideal de mim orienta a minha interacção no mundo que vivo. Os textos de Freud definem, em minha opinião, as formas culturais de interagir entre Eu e os outros, orientados pelas regras da cultura do grupo social com quem interagimos ou ao qual pertencemos. É este argumento que faz pensar um Freud erótico e não um Freud em busca da correlação: eu – outro – regras de comportamento. Parece-me que é assim que devemos pensar a dinâmica do Complexo de Édipo e, finalmente, avançar para a definição de totem. No caso do Complexo de Édipo, Freud diz de forma simples nas suas aulas introdutórias à psicanálise: *children desire to sleep with the mother and to kill the father*, ou por outras palavras, as crianças desejam dormir com a mãe, matando, assim, o fantasma do pai [135]. Esta hipótese causou grande escândalo na sociedade austríaca, em geral e particularmente entre as pessoas que acreditavam que a família era a paz e a tranquilidade. Não que a história de Sófocles tenha causado escândalo como ideia cultural. O escândalo deu-se pela descoberta de ideias eróticas que têm as crianças e que os adultos não entendem ou não querem acreditar que existam ou sejam reais. O facto de um neo-nato descobrir que a continuidade da sua vida advém do seio de uma mulher e que essa mulher é repetida e

denominada mãe, transfere o prazer que causa a manutenção da vida e a satisfação de comer, a mais básica das necessidades humanas, para a pessoa que a satisfaz. Sentimento emotivo associado à idade que tem a criança, que entende do seu eu e da sua própria super vivência e não do papel histórico – económico que joga o pai dentro de família ocidental. O que interessa é a descoberta feita por Freud da existência da vida genital na criança, definida como atracção de corpo a corpo, com emotividade no meio desta atracção [136]. O interessante é o que Ernest Jones [137] tem estudado e, recentemente, tem-se analisado: o evitar do incesto através da criação da ideia de Édipo. O próprio Freud, anos mais tarde, analisa no seu derradeiro livro, os seus textos sobre o Édipo e comenta: *Freud claimed in Civilization and Its Discontents (1930) [138] provides the historical and emotional foundations of culture, law civility and decency. I find it embarrassing to admit that when I asked myself how much of this I carry around as my normal conceptual baggage; it turned out to be a light valise. First, there is the oedipal triangle, whereby a child somewhere between three and a half and six wants the parent of the opposite sex and has to come to terms with the same sex [139].* O autor não abandona as suas ideias sobre o Complexo de Édipo, pensando-o através do papel que a cultura tem entre entidades que têm desejo, altura em que o incesto passa a ser uma realidade mais importante ou mais gritante, do que esse saber que a criança sente desejos sexuais. Desejos que devem ser evitados para manter o que denominamos em Etnopsicologia a realidade exógama que caracteriza a organização social da nossa cultura. A noção da sexualidade infantil como realidade estava já estabelecida. Nos seus ensaios, o próprio autor, afirma: *The source of infantile sexuality(..) is to trace the sources of sexual instinct [and] has shown us so far that sexual excitation arises a) as a reproduction of a satisfaction experienced in connection with another organic processes, b) through appropriate peripheral stimulation of erogenous zones and c) as an expression of certain "instincts" (such as the scotophil instinct and the instinct of cruelty) ...The direct observation of children has the disadvantage of working upon data which are easily misunderstanding... [140].* Reconhece a dificuldade, mas é capaz de demonstrar factos que na época pré – Freud, nem sequer se falavam e que Michéle Foucault comenta: *As we have seen Freud's contemporaries viewed sexuality as flowing directly from nature, directed otherwise resulting in perversions and vice. Freud begins his research along side Breuer whose notoriety for treating female hysterics with hypnosis and surgical removal of the ovaries had shocked and captivated public attention. While his earliest scientific endeavours were founded upon a purely*

physiological understanding, Freud's work would increasingly lead him toward formulating a theory of the mind encompassing and integrating the physiological, psycho-sexual and social dimensions. Freud's legacy to the twentieth century is to have brought sexuality into the social; the sexualisation of the social [141].

É a louvável forma de entender o que o adulto não fala porque não entende. Ou o que a criança não diz, porque não sabe. No entanto, é a descoberta que abre as portas ao entendimento de adultos e crianças para sabermos que a dinâmica do ser humano consiste em socializar a sexualidade, reconhecer os seus factos, entender o que a criança faz e diz e aceitar e orientar. Como diz Young, *durante anos carreguei com o fardo de pensar que a criança era violadora, invejosa e assassina, até reparar que havia um facto mais importante, organizar as formas de troca matrimonial, quer no Ocidente, quer em outras etnias.* Melanie Klein tinha passado pelas teorias de Freud, mas não consegue ir mais longe do que entender que a dinâmica infantil é o erotismo.

4. A lógica da cultura.

A questão está em entender o amor, noção apresentada no início deste trabalho, ao comentar as bases religiosas que desenvolvem a psicanálise, como tinha prometido referir. Toda a criança procura que seja o seu pai quem comande, sem nunca perder a sua onipotência. O totem faz parte dessa autoridade. Donde, parece-me ser o momento adequado de definir o conceito de onipotência e de totem. Para estas definições, o melhor erudito é, mais uma vez, o estudante de Wundt, Sigmund Freud, que, na base das teorias do seu professor, diz: *In the first place, the totem is the common ancestor of the clan; at the same time it is their guardian spirit and helper, which sends them oracles and, if dangerous to others, recognises and spares its own children [142].* Mas, um totem é também a forma de organizar as relações individuais das pessoas, definir o conceito polinésio de proibição ou *tapu* ou *tabu*, pelo que Wundt, Frazer, Durkheim e Freud, salientam nos seus próprios textos, uma segunda parte, cada um deles separadamente, mas que eu sintetizo: *It is as a rule an animal (whether edible and harmless or dangerous and feared) and more rarely a plant or a natural phenomenon (such as rain or water), which stands in a peculiar relation to the whole clan [143].* Contudo, Freud salienta, no Capítulo 4 da sua obra, intitulada *The return of totemism in childhood*, o agir da infância perante a ideia totémica. Ideias totémicas às quais torno a ir, essas de Jesus e Moisés. Retomar porquê? Para entender as diferentes formas de ver o

real que existe entre adulto e criança. Para um adulto, o totem organiza a interação; para uma criança, diz Freud ao analisar o caso do pequeno europeu Hans e do pequeno australiano Arpád, que os dois amam os seus pais e sentem orgulho de serem pessoas com uma certa reputação pelo lugar que ocupam na hierarquia social [144] e as suas felonias causadas na base desses factos, relacionadas com as hierarquias que usufruem, é, então o papel do totem, transferir o saber e as regras de comportamento em sociedade – o respeito aos artefactos e comportamentos associados aos ancestrais, especialmente as duas proibições principais: nunca matar o totem – directa ou metaforicamente, bem como nunca aderir a um comportamento exógamo, essa felonias dos seus pais masculinos. Comportamentos exógamos para serem analisados noutra lição.

Interessa-nos, neste momento, a base da qual Freud e os seus discípulos organizam a análise que nos leva até ao saber da criança. Para Freud, eram as tábuas mencionadas, ao comparar Jesus e Moisés; dito de outra forma, são as explicações que permitem perceber o engano primário da psicanálise, que a levava a seguir à Etnopsicologia.

Talvez, seja necessário antes definir conceitos usados no livro de Moisés, tais como *libido*, *trauma* [145], *latência*, [146] *recalcado* [147] e *repressão*, referidas antes mas nunca definidas. Para entender repressão é necessário mencionar a Estrutura da Personalidade.

As observações de Freud revelaram uma série interminável de conflitos e acordos psíquicos. A um instinto opõe-se outro. Proibições sociais que bloqueavam *pulsões* biológicas e os modos de enfrentar situações que, frequentemente, não se entrelaçavam umas com as outras. Tentou ordenar este caos aparente propondo três componentes básicos para estruturar a psique: o Id, o Ego e o Superego.

A essência do Recalcamento consiste em afastar uma determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância (1915, livro 11, p. 60 na ed. bras.). A repressão afasta da consciência um evento, ideia ou percepção potencialmente provocadoras de ansiedade e impede, dessa forma, qualquer *manipulação* possível desse material. Entretanto, o material reprimido continua a fazer parte da psique, apesar do inconsciente trabalhar para lembrar. Essa repressão apesar do inconsciente, continua a causar problemas.

Segundo Freud, a repressão não é realizada de uma única vez nem é definitiva, exigindo um continuado consumo de energia para se manter o material reprimido. Para ele os sintomas histéricos com frequência têm a sua origem em alguma antiga repressão. Algumas doenças psicossomáticas, tais como asma, artrite e úlcera, também poderiam estar relacionadas com a repressão. Sendo possível que o cansaço excessivo, as fobias e a impotência ou a frigidez derivem de sentimentos reprimidos [148].

O de libido é-me mais importante pela confusão que causa no saber cultural do conceito. Definido e usado no livro *Moisés e a Religião Monoteísta*, da forma seguinte: *Segundo Freud, no ser humano, cada um dos instintos gerais teria uma fonte de energia separadamente. Libido (da palavra latina para "desejo" ou "anseio") seria a energia aproveitável para os instintos de vida. "Sua produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento devem propiciar-nos possibilidades de explicar os fenómenos psicosexuais observados (1905a, livro 2, p. 113 na ed. bras.).* O texto é de Freud, a síntese é minha, assim como as que seguem: *Outra característica importante da Libido é sua mobilidade, ou a facilidade com que pode passar de uma área de atenção para outra.*

A energia do instinto de agressão ou de morte não tem um nome especial, como tem o instinto da vida (Libido). Ela supostamente apresenta as mesmas propriedades gerais que a Libido, embora Freud não tenha elucidado este aspecto [149].

Ao referir libido, apesar de não estar considerado no texto de Moisés, queria também entrar pelo conceito muito usado no quotidiano, o de *fantasma*, derivado de um debate entre Freud, Jung e Adler, que começou em 1914, com a teoria da estruturação de personalidade, teoria em formação, novidade para o seu tempo. *Fantasma*, palavra, conceito, parte dessa teoria muito usada em Etnopsicologia e Etnopsiquiatria, que eu sintetizo com excertos de Freud: *une substitution des objets imaginaires aux objets réels, un renoncement á l'action motrice visant á la satisfaction avec l'objet réel, et par suite un renoncement á toute mise en acte du fantasme, ce qui par définition est la fonction même du fantasme.*

Le psychotique, quant á lui, celui que Freud désigne alors sous le terme de paraphrène, ne connaît aucune substitution de cet ordre imaginaire après retrait libidinal du monde extérieur.

En ce sens, le fantasme, ou investissement libidinal d'un mode particulier, devient un mécanisme proprement névrotique, dont la fonction essentielle est d'établir une sorte de médiation entre pulsion et réalité, à la différence de la satisfaction hallucinatoire caractéristique du processus primaire, où l'objet est vécu comme réel mais sans lien avec un objet extérieur, ou la coupure avec la réalité est effective, et sans substitution fantasmatique [150]. Em 1915, Freud dedicaria um longo artigo da sua meta – psicologia do inconsciente.

Até essa data, o inconsciente era concebido por ele como instituído pelo recalcar de desejos da libido. O conteúdo do inconsciente era assimilado ao recalçado, exceptuado este dado extra – individual: "*o núcleo do inconsciente*", fundamento da fantasia originária, ou essa vontade súbita e infundada de um sentimento de delírio, articulada com a hipótese filogenética ou de processos evolutivos. Com o artigo de 1915, as coisas mudaram radicalmente, prefigurando as linhas gerais do segundo tópico. Tudo o que é recalçado, esclareceu Freud logo no começo de seu artigo, *tem, necessariamente, que permanecer inconsciente, mas queremos deixar claro, logo de saída, que o recalçado não abrange tudo o que é inconsciente. É o inconsciente que tem a maior extensão entre os dois; o recalçado é uma parte do inconsciente.* A sequência desse artigo é um guia para quem quer conhecer os conteúdos genéricos e as leis de funcionamento do inconsciente, entendendo-se que somente o tratamento psicanalítico, na medida em que permite, uma vez superadas as resistências, uma transposição ou uma tradução do inconsciente em consciente, pode levar o sujeito a tomar conhecimento dos elementos concretos do seu inconsciente [151]. O conceito de fantasma ou fantasia, como todos os usados na terapia Etnopsicológica ou Etnopsiquiátrica, derivam de ideias religiosas, ou de relações conscientes ou inconscientes do mundo real e material, com o mundo imaginado ou imaginário, derivado da falta de objecto da vida: o prazer ou pulsão de morte, ou o medo à morte, minha ou de um ser querido. Freud e a sua equipa, especialmente Jung, Adler, Klein e Dolto, retiram das ideias Bíblicas formas de comportamento. Klein fez comentários na sua obra [152], especialmente ao referir que o seu mestre (1907) *advanced his view of obsession neurosis as "a travesty, half comic and half tragic, of a private religion"* (p.117) *and his related, some would say reductive* (Carveth 1998; Rempel, 1997, 1998), *view of religion as a "universal obsessional neurosis"* (p. 126). *On the whole, "psychoanalysts continue to favour secular alternatives to traditional religious beliefs and practices"* (Wallwork and Wallwork,

1990, p.160), *post-Freudian theory has offered more positive ways of conceptualizing religious experience. Nevertheless, we feel justified in saying that throughout his writings Freud emphasized the defensive rather than the adaptive aspects of religion.* [153]. Como os autores comentam no seu texto, a escrita de Freud sobre a religião é muito extensa e quase impossível de sintetizar num único texto. No entanto, e acrescentando as suas visões anteriores, em *Totem e Taboo*, oferece uma visão positiva, adaptativa do comportamento, com as suas análises de desonra dos adultos, pune a culpa incestuosa e outras ideias que, eu diria, existirem nos *Dez Mandamentos* de Moisés. Bion oferece uma definição post Kleiniana e, evidentemente, post Freudiana, mas Freudiana no conteúdo, quando diz *que o religioso proporciona um modelo de ser humano como criatura dotada de intencionalidade que transcende as necessidades físicas imediatas* [154].

Pareceu-me necessário definir estes conceitos, antes de passar pelas duas temáticas que explicam a incompreensão entre adulto e criança. Especialmente, por estarem baseadas em ideias religiosas da vida pessoal dos autores, todos eles israelitas. O Édipo e o anti Édipo ou Jesus e o comportamento erótico da infância. Por outras palavras, as ideias psicanalistas não são conceitos inventados, são retirados dos aspectos punitivos da religião, definida por mim em textos anteriores como sendo a lógica da cultura e a lógica da história, quer dizer, o que orienta, define, incentiva e proíbe comportamentos entre seres humanos cuja base de agir é a felicidade e o desejo que leva à reprodução, à concorrência, ao lucro e à mais valia. Conceitos definidos nos textos sagrados das várias culturas e invocados por mim em páginas anteriores. No entanto, a melhor definição de religião é proporcionada por Durkheim, conceito que contribui para o entendimento da terapia e as suas técnicas adaptativas ao comportamento definido pela Divindade, que os psicanalistas não denominam histeria nem neurose, apenas alienação. Durkheim considera a religião como a representação sagrada que o povo tem de si próprio: *Uma religião é um sistema unificado de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, retiradas da sociedade e proibidas – crenças e práticas que unificam numa única comunidade moral chamada Igreja todos aqueles que a ela aderem. O segundo elemento que encontra assim lugar na nossa definição não é menos essencial do que o primeiro; porque mostrando que a ideia de religião é inseparável da de Igreja, torna claro que a religião deve ser um facto eminentemente colectivo* [155]. Tenho usado, noutros textos, esta definição na sua língua original. Explicam,

praticamente, o que os terapeutas procuram: a sociedade e a interação individual e dentro do grupo. Durkheim, ateu mas membro da religião judaica, procurou o mesmo tipo de análise de comportamento que Freud e os seus discípulos: uma análise ajustada a uma lógica exogâmica, não incestuosa, a reconhecer a realidade da libido e de todos os outros conceitos, entre os quais se encontra o *Quarto Mandamento* – Artigo 3197, estudado por Freud, para entender e sarar os seus pacientes. Esse Mandamento que pede honra e respeito pelos nossos pais e aqueles que Deus, para o nosso bem, revestiu com a sua autoridade, ideia comum nas religiões referidas em páginas anteriores: o amor aos ancestrais e o respeito, do qual nasce o conceito (já pouco usual) de Édipo, e que Freud analisa no seu texto sobre religião, a partir das seguintes tábuas:

Like God."178 Freud's concept of the Oedipus complex is obviously interpretable as a powerful psychological representation of the universal desire to be like God: to sin by rebellion, by disobedience, by striving to become the autonomous ruler over one's own and others' lives.

*Now, in a Christian framework, Jesus provides the model for the negation in fact, for the cancelling out or removal of the oedipal structure. In contrast to Oedipal man, Jesus shows not intense hatred but perfect love for God the Father. This love is expressed in what has been called **radical obedience** that is, total identification with the Father's will (whereas oedipal man shows radical disobedience). Throughout the Gospels, Jesus consistently speaks of doing his Father's will and not his own: I seek not my own will, but the will of him who sent me"179; "not my will, but thine, be done.[180] The result of this radical obedience is the death of the Son. He is not killed by the Father, but by a group of conflict-filled, frightened, and hateful men. That is, the group of brothers kills not the Father but the Son. It is then the Son's death that occurs, and not the Father's, as was the case for Oedipal man. The results of this death are not the guilt and remorse that follow the Oedipal murder, but atonement, resurrection, and joy. There is a "rebirth," in which the Father and Son are now together and not estranged. The followers of Jesus" the new group of brothers (brothers in Christ)"are called to become sons of God by modelling their lives on that of Jesus. One important way in which this is done is through Holy Communion, in which the followers are commanded to eat the body and drink the blood of the Son in the bread and wine; this totemic meal*

is the opposite of Freud's postulated ancient father-focused Oedipal meal. Website para debate e com texto em nota de rodapé 156 e ao pé desta página:

<http://www.paulvitz.com/FreudsXtnUncon/168.htm> l

To round out the Anti-Oedipal pattern, Jesus shows no sign of sexual desire for his mother; in fact, by choosing celibate life, he explicitly puts sexuality completely aside as a determining motivation. In short, the life of Jesus is the life of Anti-Oedipus (see Table 5-1).

Now the extraordinary fact is that Freud was, in many important respects, aware of this logic, which is at the very centre of the Christian view of man. He commented in an important, apparently almost completely overlooked, passage near the end of Totem and Taboo:

"There can be no doubt that in the Christian myth the original sin was one against God the Father. If, however, Christ redeemed mankind from the burden of original sin by the sacrifice of his own life, we are driven to conclude that the sin was a murder. The law of talion, which is so deeply rooted in human feelings, lays it down that a murder can only be expiated by bloodguilt. And if this sacrifice of a life brought about atonement with God the Father, the crime to be expiated can only have been the murder of the father.

In the Christian doctrine, therefore, men were acknowledging in the most undisguised manner the guilty primeval deed, since they found the fullest atonement for it in the sacrifice of this one son. Atonement with the father was all the more complete [156].

O comentário de Vitz é suficientemente explícito e provado, para apoiar a minha tese da análise terapêutica e procurar a unidade que Durkheim definia entre o grupo social. Era impossível que um intelectual, sem conhecer a teoria religiosa, pudesse criar uma análise sobre o tabu a partir, apenas, da teoria dos australianos. O que procura Freud é elucidar a mente ocidental e a das crianças, enquanto analisa comportamentos à luz do saber da sua própria cultura. Os textos que trabalham esta temática estão fundamentados em formas bíblicas e patrísticas de Pater famílias, como vimos na Lição 2. Como o estudado, podemos advertir que a maior parte das análises

terapêuticas estão baseadas em temas bíblicos que governam a nossa vida. Tal como o autor faz ao construir uma tábua analítica das definições Freudianas e das dos Evangelhos, como Françoise Dolto na sua obra.

<p><i>Table 5-1. Jesus as the Anti-Oedipus: A Summary of the Ways in Which The Life of Jesus is the Negation of the Life of Freud"s Oedipal Man</i></p> <p>http://www.paulvitz.com/FreudsXtnUncon/169.html</p>	
<p>Oedipal Man: The old man (from Freud)</p>	<p>Jesus: The new man (from Gospels)</p>
<hr/>	
<p>The son hates the father.</p>	<p>The Son loves the Father.</p>
<p>The son shows radical disobedience to the father.</p>	<p>The Son shows radical obedience to the Father.</p>
<p>The son wants sexual possession of the mother (or all women of the group)</p>	<p>The Son renounces sexual possession of all women.</p>
<p>Radical disobedience results in death of the father, in fantasy or supposedly in fact in the ancient past.</p>	<p>Radical obedience results in death of the Son</p>
<p>Death of the father</p>	<p>Death of the Son is caused by a band of</p>

.	is caused by the son or by a band of brothers (sons) who hate the father.	.	brothers who hate the Son.
.	Death of the father is followed by failed resurrection in the form of a created father-totem, by emotions of guilt and remorse, and by permanent separation and estrangement of father and son.	.	Death of the Son is followed by resurrection of the Son, by the emotions of joy and happiness, and by the complete reunion and identity of Father and Son.
.	Death of the father leads to the son's identification with the father, now incorporated as superego, or to the band of brothers' identification with the father-totem.	.	Resurrection leads to the sons' identification with the Son, who is the center of morality and of ideals (a new Superego); the new band of brothers identifies with the "totem" Son.
.	The old sons identify with the father in a totemic meal in which the father is eaten	.	The new sons (or band of Christians) identify with the Son in a "totemic" meal in which the Son is eaten.
.	The new band, feeling guilt partly from their sexual motives, renounces the women and creates the rule of outmarriage (exogamy). Thus, the women take the name of some other group's father.	.	The new band of sons <i>and daughters</i> takes the name of the Son (Christians); the women are not excluded from the "tribe," but take the same name.

0.	In short: Hatred and disobedience leading to death of the father bring original sin.	0.	In short: Love and obedience leading to death of the Son bring redemption.
----	--	----	--

Se lembrarmos página anteriores, recordaremos o debate Freudiano – Kleiniano, com Bion no meio a opinar de forma sabida e muito real sobre a dinâmica da mente. O debate mencionado é de especialistas esotéricos na ciência da felicidade ou da sua procura e do motivo da dinâmica de procura da libido definida por mim em páginas anteriores. Debate de culpa, a definir a crueldade dos mais novos que ainda não entendem a circulação do mundo, apenas as ordens e normas que lhes entregam os adultos que, por sua vez, usam os textos sagrados, definidos à Durkheim: seres humanos a viverem em grupos de objectivo comum, como se fossem uma Igreja. No entanto, até Melanie Klein tem um olhar clínico cristão na definição da sua hipótese principal sobre a teoria das pulsões e a angústia da morte, como dinâmica do comportamento, exposta na texto mencionado sobre *Inveja e Gratidão* de 1955: *Her later theories on constitutional envy, the primary importance of the mother, and reparation bear close parallels to the doctrines of original sin, the Immaculate Conception, and Christian atonement* [157]. De facto, analisa a relação do bebé, com o seio materno e a mãe, como gratificante, criadora da vida e isolada de qualquer outra relação. *O bebé não deseja apenas alimento, deseja ver-se livre de ansiedades persecutórias e impulsos destrutivos. O sentimento é da mãe ser onipotente...Um dos principais derivados da capacidade de amar é o sentimento de gratidão....gratidão ligada à generosidade...à bondade...ao desejo de retribuir com amor...* [158]. Análise retirada não apenas dos autores clínicos citados, como Abraham, Freud, Winnicot, mas principalmente de Chaucer e o seu texto *Canterbury Tales*, Milton e a Bíblia Luterana, entre outros [159]. A mãe, o seio e o bebé, são uma análise sem outro interveniente que cause inveja. O Cristianismo Kleiniano é usado para entender o crescimento dos bebés isolados dos pais: apenas o alimento e o carinho recíproco a quem o dá.

Françoise Dolto usa a sua obra a partir de ideias de entendimento das crianças na base da lógica da História. No seu : *La cause des enfants*, começa a atacar a relação com os adultos, ao dizer : *En respectant un enfant, on respecte l'être humain*. Acrescenta : *la représentation du petit enfant jusque la peinture classique, montre bien que son corps*

n'est pas pris pour ce qu'il est dans la réalité, mais pour ce que la société veut occulter de l'enfance, para comentar apenas esta frase: *La vérité anatomique est jugée indigne des fils de Dieu... Alors, on préfère donner à l'enfant Jesus les proportions normales de l'adulte...* e, continua, com ironia, a análise da vergonha que o adulto tem da criança, até ao ponto de disfarçar um sentimento denominado de fé. Pelo que, ao falar das faltas não cometidas, lembra o Evangelho: *Laizzer venir á moi les petits enfants à la source de la culpabilisation*. Eu diria que a sua análise do comportamento infantil na base dos Evangelhos é para resgatar da culpabilização que o culto católico faz da criança: projecção do pecado original, baptismo, confissão ou um pecador inculcado, etc. [160].

Dolto, na sua obra, usa os elementos da cultura cristã para criticar as formas usadas pelos adultos para culpabilizar as crianças e encontrar uma base para punir. A criança acaba por não entender que se lhe fale e ensine o amor, se no fim ela é uma grande pecadora, a avaliar pela primeira actividade ritual à qual é submetida. O conceito do pecado dos mais novos, é um apoio para o comportamento anti religioso do adulto viciado, que começa por limpar as suas nódoas atribuindo-as ao mais novo, esse ser tão esperado, como referi ao começo, e com toda a ilusão, é lavado de culpas cometidas miticamente pelos adultos, em tempos passados, celebrando-se o ritual da limpeza. Bem, já não sei, como a própria Dolto diz no seu *Au jeu du désir* [161], se a festa é por causa da vida social ou pelo ritual que, no começo do culto cristão, era uma forma de retirar culpas de adultos, para passar com o tempo, a partir do Século XIII em frente, a ser de bebés, por causa de tantas mortes de pequenos que, se não estivessem limpos do pecado, da falta, da desobediência e da luxúria, perdiam a vida eterna, outra ideia criticada por Dolto ao dizer que as faltas dos adultos passam de imediato para os mais novos e devem ser redimidas por renovação constante e sistemática de vários rituais, com toda a ideia e sentimento de fé, na escola dominical, na oração de desculpabilização às refeições, à noite, de manhã, na Primeira Comunhão, e, mais tarde, com o denominado Crisma entre os cristãos romanos, ou com os denominados Sacramentos...um conjunto de rituais destinados a limpar a mente e a alma – categoria Platónica – Agostiniana, mal entendida dentro da cultura porque causa medo, especialmente aos mais novos – e o corpo para poder interagir de forma conveniente no grupo social. A imagem do corpo e o seu pecado, é o elo central da autora que, infelizmente, era entendida apenas pelas crianças que tratava e não pelos adultos que organizam a cultura, também por si analisados em *La difficulté de vivre* [162].

Dificuldade passível de sintetizar apenas numa frase: a vergonha que a criança tem do

seu corpo e que pode ser prevista pelo tratamento que do mesmo fazem os seus adultos, especialmente a mãe [163]. Não apenas a mãe, a família, os amigos e, especialmente, o especialista. A obra com uma impressionante definição: *Bien que je sois psychanalyste...au lecteur...trouvera nombre de réflexions pour l'éveilleur...à la compréhension de ce que tout en chacun peut entendre, sans préparation ni connaissance particulières, de l'existence en nous d'une énergie de caractère sexuel (libido) qui anime de façon inconsciente tout être humaine. La psychanalyse, tout le monde le sait aujourd'hui, est une pratique spécifique qui permet d'étudier la dynamique des échanges émotionnelles qui accompagnent la relation d'un être humaine à un autre....* Frase que queria salientar, porque define a terapia feita às crianças que não percebem que o seu corpo é uma vergonha social, como os seus adultos, especialmente os consagrados, estão sempre a reiterar perante a sua pobre epistemologia e a sua rica emotividade [164]. Não há sentimento de fé, é usado um culto muito bem estudado, para reivindicar uma infância que não entende a relação e perante a qual é possível falar pela quantidade de contradições entre o que se diz e o que se faz. Dai, a ideia de Marx: a religião aliena. Eu diria, aliena, especialmente, a criança e faz parvo o adulto, como Vitz demonstra no seu quadro Anti Edipiano. É possível dizer com Françoise Dolto's legacy: the child is a person. Uma pessoa até para Freud e a sua escola, nunca considerada nas análises culturais da infância [165].

A criança é um *subentendido* para o adulto, culpado e pecador, conforme a cultura, mas que tem uma infância que passo a analisar entre o Ocidente e outras Etnias.

QUINTA LIÇÃO

O PEQUENO PECADOR...

Olhos felizes, sorrisos brilhantes. Silêncio no beijo. Respeito na carícia. Uma mão doce a percorrer o corpo. Suavidade, ternura, sedução. Silêncio: uma criança está a ser projectada. O imaginário de dois, transferido a um entre momentos de sedução, brinca e pensa: como é que será, os teus olhos, a minha boca, o teu andar? A felicidade prometida no Jardim do Éden, a felicidade nasce nesse primeiro encontro? Quando outro corpo chama o nosso, faz sentir a nossa pele rizada, a querer correr dentro da outra uma e outra, e outra vez, com doçura, com respeito, com a alma a brilhar [166]. A paixão. O amor. O presente dos novos, o futuro dos velhos. A lembrança dessa outra

pessoa que nos faz sentir a alma quente e terna, a cabeça perdida, ideias que iluminam e aquecem a tarde de um Domingo de Inverno. O Jardim de Éden. O paraíso antes, durante e depois do tema que nos leva a estas ideias: a glória de sermos pais...um dia, em breve. Já: *À partir du moment où on est deux (couple), on est déjà trois, même si l'enfant n'est pas encore pensé consciemment. Il y a toujours dans le désir d'avoir un enfant un besoin personnel á assouvir* [167]. A afectividade apaixonada faz-nos sentir a urgência de nos projectarmos e eternizarmos dentro de um outro ser humano, porque o nosso amor é tão grande, que dois não são suficientes para poderem guardá-lo. Eis o motivo desta frase e de todo o texto que citei no princípio da Lição 4.

A afectividade apaixonada é um conceito pouco usado entre os analistas que procuram uma outra parte do texto citado, para podermos começar no Jardim do Éden. Eis o motivo do meu título. A realidade contextualiza o amor, trava a paixão e faz andar pela vida como se o cuidado de olhar nos olhos do outro pudesse perder-se ao entrar um terceiro na relação a dois. Um terceiro desejado pelo par, parte de si próprio, plenitude dos laços de ternura com espaço afectivo para os cobiçar para nós e guardá-los dos outros, sentimentos mútuos de paixão materializados num novo ser que passa a ser querido, mas dentro de uma grandiosidade que apenas García Márquez é capaz de descrever para uma emoção, como o amor que descreve à Mama Grande, sem romance, sem a primeira sedução que muda para outras hierarquias: *Poco antes de las once, la muchedumbre delirante que se asfixiaba al sol, contenida por una elite imperturbable de guerreros uniformados de dormanes guarnecidos y espumosos morriones, lanzó un poderoso rugido de júbilo. Dignos, solemnes en sus sacovelas y chisteras, el presidente de la república y sus ministros; las comisiones del parlamento, la corte suprema de justicia, el consejo de estado, los partidos tradicionales y el clero, y los representantes de la banca, el comercio y la industria, hicieron su aparición por la esquina de la telegrafía. Calvo y rechoncho, el anciano y enfermo presidente de la república desfiló frente a los ojos atónitos de las muchedumbres que lo habían investido sin conocerlo y que solo ahora podían dar un testimonio verídico de su existencia. Entre los arzobispos extenuados por la gravedad de su ministerio y los militares de robusto tórax acorazado de insignias, el primer magistrado transpiraba el hálito inconfundible del poder...la mama Grande estaba entonces demasiado embebida en su eternidad de formaldehído para darse cuenta de la magnitud de su grandeza...estaban asistiendo al nacimiento de*

una nueva grandeza. Ahora podía el Sumo Pontífice subir al cielo en cuerpo y alma...
[168].

Esta transferência do amor à *mama grande* para o encantamento das actividades do imenso grupo social é uma análise da paixão que acontece entre seres humanos. A Mama Grande era amada, temida, esperada, respeitada, obedecida, desenhada, a sua palavra era um Édito à Justiniano, as suas ideias eram lei e não havia rapariga que pudesse mexer sem o seu conhecimento nem homem a agir sem a sua autorização. Como o bebé que nasce na ideia dos pais, sem os pais cultivarem primeiro um carinho calmo e sereno entre eles, que possa levar a separar duas actividades que os teóricos e a lei esquecem: a de pais e a de cônjuges, como me ocorreu um dia escrever [169]. Os pais são os ancestrais das crianças, devem-lhe carinho e cuidados, alimentos, estudos e novas ideias, dentro de uma relação que, até hoje, me parecia eterna; os cônjuges, são apenas os amantes de olhos nos olhos que podem durar até ao dia da morte de um deles, podem ou não ser pais das mesmas crianças, ou podem, recorrer à nova instituição denominada divórcio, lei que não existe para separar a paternidade da filiação, excepto nas heranças, mas não na consanguinidade. Um matrimónio pode ser desfeito, uma paternidade dura até que permaneça na lembrança do último parente conhecedor dessa paternidade – maternidade, ou nas fotos, ou na árvore genealógica, no carinho e na lembrança. Na materialidade dos afectos. O que o autor nos ensina é a passagem de sensações e carinho de uma actividade para outra.

É o que Guthrie nos diz no texto francês até agora comentado: *Travail de séparation. Les parents confrontent l'enfant imaginaire à l'enfant réel. Un processus de deuil commence. L'enfant existe. Le processus de deuil doit être achevé à l'accouchement. L'enfant naître réel, autonome et différent. La femme pense à son accouchement, craint les douleurs, le risque de l'enfant mort-né, ou anormal.* O trabalho de separação mencionado é uma realidade, um golpe da realidade, o começo da análise da diferença entre a criança imaginária, idealizada pelos progenitores para complementar uma falta de acompanhamento entre os pais, essa ideia de Criação que parece estar no pensamento de todas as culturas, como Alice Miller e Françoise Dolto analisam: *o luto pela criança aparece, começa, porque o ideal não existe mais e o que nasce passa a ser um problema quer para a casa, quer para a vida social e, às vezes, o motivo do afastamento dos cônjuges por serem progenitores* [170]

Este tipo de análise faz-me pensar a ideia central da nossa cultura, o nosso comportamento e o comportamento regulamentado quer pela lei, quer por textos sagrados que, dentro da cultura, têm força de lei. O próprio Wilfred Bion começa a analisar as formas pelas quais uma criança pode passar a ser um torvelinho no meio dos outros e no meio dos adultos. Se lembrarmos bem, Bion propõe que todo o ser humano é uma finitude ou é finito, um 0, do qual se parte para aprender com a experiência. Por outras palavras: nas formas religiosas de entender a mente de Wilfred Bion, todo o ser humano está subordinado a grupos, de cuja experiência aprende, como definia ao ser ainda discípulo de Melanie Klein, nos anos 40 do Século passado [171]. Texto no qual propõe que o entendimento dos fenómenos sociais são possíveis na medida em que o inconsciente é revelado entre todos e fazem História ou consciente, o que ele denomina como a Quinta Hipótese. As formas de tratar as pessoas, entre as quais as crianças, ideia que como Klein [172] já propunha, funcionam melhor em grupo, especialmente se são do mesmo tipo de origem. O infinito pode ser trazido ao finito por meio do grupo, como explica no texto já citado, *Learning from experience* de 1962. A criança é essa finitude que dentro do grupo familiar pode ter memória e perder a ideia de plenitude e onipotência que as caracteriza, quando separadas da sua família. Se assim não acontecer, a criança pode desenvolver uma neurose, uma histeria, para chamar a atenção dos seus adultos. Quase era possível afirmar a partir do texto citado de Klein, que em grupo há possibilidade de entender a realidade que existe para a menina que relata no seu texto de 1946. A criança exhibe um comportamento denominado posição paranoide, relativa ao facto de não se sentir amada pela mãe, não ter acesso ao seio e ao seu alimento, e que é através do jogo e da brincadeira com ele – a criança é um menino – que consegue entender o sentimento de perseguição que os grupos lhe causam. Porque as crianças têm um superego – uma memória de si próprias e uma auto estima bem maior do que a dos adultos, sem ter vergonha de confessar o que não lhe parece claro. Este facto faz mal ao adulto, incapaz de sentir uma realidade perante si sem ter que disfarçar por motivos de interacção social. É preciso recordar que os factos se desenrolam na época da Primeira Grande Guerra, ao pé do que Freud denomina Thanatos [173], quer dizer, o princípio não refutado da procura do prazer e da alegria da vida, que crianças como Richard procuram. Bion, desenvolve a ideia de que as crianças dentro do jogo de História entendem o problema muito complexo e preocupante para os pais de trazer o infinito para si e desenvolver o sentido do poder e da onipotência, que causa estragos entre a população não apenas a infantil. A criança não obedece às ideias

dos seus pais por pensar que estão enganados e eles, os mais novos, têm razão. O próprio Bion desenvolve uma ideia a partir deste facto e a sua hipótese do saber 0 ou infinito e o saber finito que as pessoas têm em grupo. De acordo com o autor, ter grupo é ter uma mente, e a criança faz parte de grupos mais semelhantes entre eles, do que os grupos dos adultos. Os adultos têm uma epistemologia de opção de cálculo e lucro, como mencionei na Lição II e a criança tem em conta a emotividade e o que pode ganhar com uma manipulação da mesma [174]. A mente da criança fascina Bion, que de imediato retira outro saber sobre os mais novos rebeldes com os adultos: *When two characters or personalities meet, an emotional storm is created. If they make a sufficient contact to be aware of each other, or even to be unaware of each other, an emotional state is produced by the conjunction of these two individuals, these two personalities, and the resulting disturbance is hardly likely to be something which could be regarded as necessarily an improvement on the state of affairs had they never met at all. But since they have met, and since this emotional storm has occurred, then the two parties to this storm may decide to make the best of a bad job* [175]. Esta citação acrescenta ideias sobre o nosso jovem pecador, o texto de Bion permite, muito embora não fale directa e exclusivamente de crianças, dá uma ideia bem mais importante do que Klein definia ao falar das reacções próprias dos mais novos: o afastamento de uma forma de comportamento esperada destes pequenos, normalmente de união com adultos, subordinação aos mesmos e aceitação do que os mais velhos dizem. Das análises feitas por estes eruditos, é possível aceitar a afirmação de Bion que refere que a verdade é um facto contingente – não fixo, não provado – mas fundamental. Fundamental porquê? Porque reflecte a forma cultural de entender o contexto da verdade que está definido pelo acontecer histórico resultante da passagem do inconsciente à História e do consciente ao factual quotidiano. Como diriam Freud e Bion: o primeiro, a verdade é o prazer; o segundo, a antítese de escolher o sofrimento para entender a verdade do infinito e poder preencher os Alfa e Ómega da realidade quotidiana. Conceito vazio na cabeça dos mais novos, que tomam os seus posicionamentos, bem longe do que os adultos iludidos esperavam na ilusão da paixão, como foi descrito no início, quase como num conto de fadas. A procura do sofrimento, de que fala Bion, para explicar a verdade, não é gratuidade: permite o crescimento mental na procura de um caminho alternativo à frustração. Se Freud falava de Eros e Thanatos, Klein de posicionamento paranoide e esquizoide – note-se bem, não de paranóia ou esquizofrenia – Bion procura alternativas à frustração, podemos concluir perante estas três ideias básicas, para a terapia dos

nossos dias, que acusar os pequenos de querer matar o pai, ter ciúmes da mãe, sentir perseguição da família e pretender onipotência, são realidades bem mais positivas que revelam uma mente infantil capaz de crescer, não correspondendo a doenças ou aos modelos neuróticos que Alice Miller critica no seu livro sobre *O saber proscrito* [176].

Fascinante é aplicar o saber de Freud, Klein e Bion ao entendimento de um ser humano que, nos seus curtos anos, é considerado um pecador. As análises revelam a possibilidade, a realidade diria eu, de seres que, desde a sua existência dentro do líquido amniótico pensam, sentem, têm emoções, choram, decidem. Aprendem a optar a ter autonomia. Sobre esta temática, a melhor análise é o texto *Inveja e Gratidão* de Klein, base das ideias de disciplina religiosa de Bion no seu *Attention and Interpretation*, debate que define o comportamento como ideias partilhadas, em harmonia ou em desencontro. Uma espécie de religião, como o autor denomina, sem entrar pela Teologia, o Direito Canónico ou a Catequese. Uma procura como a de John Locke [177] no seu *Tratado sobre a Tolerância*, baseado nas suas observações de crianças e sobre teologia, teoria que era do seu domínio [178].

Não é o caso de Bion, nem de Freud, nem de Klein, entre outros. Sim, usam os elementos da teoria cultural e a sua lógica, a religião. Mas a definição é diferente. Enquanto os Locke, os William of Ockam, os Henry Bergson e outros, incluindo os economistas Marie Jean Antoine Nicolas de Caritat, Marquis de Condorcet, François Quesnay, Adam Smith, James Mill, Alfred Marshall, Lord John Maynard Keynes, até o Socialista David Ricardo em 1823, procuram um saber do real na base de uma religião orientada pela divindade, pelo totem que colabora com o lucro e ajuda a guardar a mais valia retirada ao operariado dos seus povos, como analiso no meu livro *A Dádiva, essa grande mentira social. A mais valia na reciprocidade*, Afrontamento, Porto, e menciono no Capítulo 1 desse texto. Bem longe do caso, claro está, de Émile Durkheim e Marcel Mauss, fundadores do Marxismo-leninismo francês e colaboradores da Revolução Soviética, como é possível observar em todas as suas obras.

Freud, por seu lado, define religião, analisada anteriormente, baseando-se na mesma para entender a mente e a procura da felicidade na interacção social, que Bion define em 1970 como *um pensamento de modelos de seres humanos, criaturas de intencionalidade que transcende as necessidades físicas imediatas e permite actos pessoais de compensação como a meta emocional e cognitiva que procura o ser*

humano, para acrescentar que usa a notação 0 para indicar a realidade última, representada por termos como realidade última, verdade absoluta, a deidade, o infinito, a coisa – em – si [179]. Esta deidade não é ritual nem faz milagres, é apenas um conceito que indica que entre todos os seres humanos há uma procura de saber para fazer – contrariamente a Aquino em 1275, a Averrões dois Séculos antes ou entre os Muçulmanos que já tinham tudo definido pela cultura revelada e o denominado Direito Natural, intelectuais que estabelecem um diálogo com uma mente em branco, e denominam divindade a procura do fazer a seguir ao entendimento dos factos. Não é em vão que Freud denomina num dos seus textos – revisto por ele em francês – *Psychopatologie de la vie quotidienne* [180], a masculinidade de Moisés e a sua capacidade de ditar leis e obrigar o seu cumprimento. Melanie Klein é indiferente à religião e à filosofia, mas nada opõem às análises que as precisam.

A análise do presente texto pretende salientar a liberdade que existe entre adultos e crianças, no que diz respeito ao comportamento. A criança manifesta um pensamento autónomo, o adulto está contextualizado pelas necessidades de complementar a sua vida social na base da crença e do sentimento de fé. A criança procura o infinito, o adulto complementa o finito, como refere Georges Devereux [181]. O terapeuta húngaro discípulo de Marcel Mauss e analista dos Mohave nos Estados Unidos, enuncia muito claramente uma proposição que permite a criação da análise etnopsicológica da infância: *Le monde extérieur existe; Il est plus commode de supposer que le monde extérieur existe* [182]. Qual a brincadeira do fundador? *...toute étude trop poussée d'un phénomène. [...]... le détruit...* [183]. A questão é simples; perante um facto, é preciso encontrar uma outra alternativa que prove esse facto: há a forma de comportamento social de um grupo, mas também as regras e os fundamentos concretos que constituem a realidade desse agir. É o caso não só dos Mohave, estudados por Devereux [184], como o de qualquer ser humano.

Mas, corresponde ao observador viver e conviver como, no caso de Devereux, os Mohave, para entender o sentido das normas, das palavras e da semiologia. Tal como na análise dos sentimentos e do entendimento dos motivos das trocas, entre os mais novo, até às preferências afectivas dos habitantes da etnia. Somos, pois, levados a entender as formas analíticas dos nativos. Pretensão que o autor procurar explicar ao mundo externo, mas sem consequências.

O mesmo se passa no caso de Malinowski e as suas análises dos habitantes das Ilhas Kiriwina, na Melanésia. A diferença é que Malinowski faz etnografia, enquanto Devereux faz, também, psiquiatria para entender o real, influenciado pelas análises de Marcel Mauss. Desta forma, o seu estudo que, hoje em dia nos é de grande utilidade, juntou duas ciências: a etnografia e a psiquiatria.

As crianças Kiriwina, como as Mohave, têm os seus próprios pecados, que passamos a ver. O motivo que não permitia à Antropologia entender os mais novos, deve-se ao facto de analisar uma norma com apenas uma ciência, a da cultura, não permite ver as alternativas de auto estima e de ego forte dentro das crianças, mais do que entre os adultos. Devereux compara ele próprio duas ciências diferentes; Malinowski dispõe de apenas uma e as pessoas ficam relatadas, mas não analisadas.

Os pecados de crianças de grupos sociais diferentes do nosso – e falar de diferente do nosso é já um problema: o nosso grupo é de uma alta heterogeneidade erudita, de capital, de tecnologia, de mais valia, como comentei com os textos de Marx do Capítulo II – são diferentes. Gunther, no seu texto de Infirmierie, introduz todas as ideias do casal que idealiza uma criança e a seguir sofre os resultados de ter, em frente de si, como Bion, Freud e Klein e os outros testemunham, provam, argumentam, uma mente desenvolvida, crescida, para desafiar se for preciso, os seus adultos.

Nos casos *Picunche* que tenho estudado [185] toda a criança é descendente de uma família certa, com um pai e muitas mães. São parte da cultura adequada por receberem cuidados e carinhos da população toda, por estrato social. Um *inquilino*, isto é, um trabalhador da terra, não entraria na casa de proprietários de recursos maiores ou de famílias estimadas descendentes de Conquistadores, excepto nós, Antropólogos. A estrutura exogâmica é o centro das relações de acasalamento, uma exogamia consanguínea, baseada na lei civil e no direito canónico, até ao segundo grau de parentesco – primos com primos, como se denominam os filhos de irmãos, procuram uma união matrimonial que junte riqueza investida em terras, minas, animais, pesca e barcos. A exogâmia *Picunche* é de alta conveniência e permite juntar seres humanos que passam a ser parentes, sejam *Picunche* ou *Huinca* [186]. O pecado de Édipo parece não existir e as relações pedófilas, incestuosas, paternas – filiais, são parte do comportamento de um povo clânico em extinção, que tenta, por todos os meios, guardar a sua História. Factos que constam na cronologia histórica, mas impossíveis de

comprovar por falta de textos escritos [187]. Ou, talvez, por falta de encontrar mais textos escritos, escondidos apressadamente no tempo de expulsão da Sociedade de Jesus do reino de Espanha, do qual os *Picunche*, sem o saber, faziam parte. Como hoje, fazem parte do povo do Chile. O ódio ao pai, os ciúmes da mãe e o desejo sexual escondido de um rapaz, por causa de uma fêmea do parentesco, entre os *Picunche*, parece não existirem quer para mim, quer para o grupo de terapeutas e outros especialistas, com quem pesquisei. A lei, que pune o incesto, é manipulada pelas autoridades *Picunche*, incestuosas elas próprias.

É-me impossível não abordar o facto de ter ficado surpreendido quando soube que uma rapariga, membro do meu grupo, tinha sido violada pelo pai. Aliás, acontecimentos que se verificou na maior parte da criançada, como eles próprios narraram. O meu espanto aumentava, todas as histórias possíveis eram acrescentadas às narrações das crianças, inventadas ou não. Histórias que analiso com as teorias de Freud e Klein, no livro do ano 2000, citado e comentado também neste texto. O adultério faz parte das formas matrimoniais e a lei permite – há uma lei para os *Huinca* e outra para os nativos – apesar do facto ser mantido em segredo ou não referido a estrangeiros como eu, até sermos íntimos do Oficial do Registo Civil, do Padre de Paróquia que vive como *Picunche*, ou de famílias com as quais contactada e me procuravam por eu ser Doutor, julgando que a minha formação era em medicina.

A masturbação faz parte dos hábitos e é pública entre rapazes com ejaculação, e simulada pelos mais novos que desejam ser pessoas de mente crescida. A libido erótica caracteriza as relações dentro destes espaços abertos e desolados, de quilómetros imensos de largura e de isolamento de casas: os vizinhos podem viver numa vila, como a que eu analiso, Pencahue, ou isoladamente com quilómetros de distância entre si. Penso que referi no texto de 1998, o isolamento da Tia Juana, que tinha tido um filho com o seu irmão mais novo que, mal nasceu, desapareceu dentro de um matrimónio, dos vários que podem ter, exceptuando com a irmã consanguínea. Se tenho afirmado que o incesto existe, eis aqui a prova. É preciso ser responsável pela ética das pessoas da mesma casa, sempre em perigo de incesto para a moral, o facto é aceite e a criança passa a ser mais um irmão com o nome do avô, ou a rapariga é punida e nunca mais tem um homem com ela, excepto o fruto do seu ventre, que pode ser treinado na vida erótica pela própria jovem mãe.

Para conhecer estes factos, públicos entre os membros de um povo da montanha, tive que ter a paciência de ver, ouvir e calar e saber dos factos por espreitar conversas, de imediato corria às pessoas mais amigas para confirmarem a minha descoberta. Da mesma forma, interroguei um número de docentes que mantinham regularmente relações com discentes adolescentes do mesmo sexo, relação que na Europa e no Chile é designada de homossexualidade, até reparar, para minha lição e grande vergonha, que a relação entre adultos e rapazes era parte dos rituais de iniciação para assegurar a continuidade do grupo...excepto se, como diria Freud no texto citado de 1907, a opção do mais novo é pelas pessoas do mesmo género e praticam a prostituição, ou procuram outro companheiro com o qual vivem dentro da vila. Sobre estes casos, nunca houve mais comentários que os que eu próprio despertei com as minhas inquirições de trabalho de campo. O pecado mais corrente entre uma população que orienta o seu comportamento pela libido erótica definida por Freud, é a luta entre pessoas ciumentas, como presenciei no caso de um rapaz que vivia com outro, mas também tinha filhos com uma rapariga sua vizinha. As facas dão voltas entre todos eles, bem como socos, raivas, desprezos e bisbilhotices.

Que parece ser? Um povo com a ilusão de serem pais, apenas para serem pais uns dos outros? Um povo Histórico? [188]. Ou um povo que procura o prazer definido por Freud em 1895, como objecto de vida e que, como afirmava em 1886 com Charcot em Paris, precisava de psicanálise para curar *emotividades perturbadas*, como diz Freud? [189]. Quer Géza Róheim, quer Gilbert Herdt [190], quer ainda Georges Devereux, têm experimentado aplicar a teoria psicanalítica a povos não Ocidentais, sem resultado. Como analisa Maurice Godelier [191] no seu livro de 1981 e que acabou no estudo do comportamento ocidental sobre sexualidade e filiação. É o elo analítico de Malinowski, que debate o complexo de Édipo, conjuntamente com as ideias sobre o Édipo Ocidental e o anti Édipo da Melanésia, entendido por meio das formas complementares da cultura, ou análise a partir de duas ciências que suplementam o saber das normas, como referia Georges Devereux, nos seus textos sobre os *Mohave* [192], que passaremos a abordar.

Bronislaw Malinowski, Polaco – Austríaco, refunda a Antropologia Britânica, interessa-se pelas formas de troca de povos sem mercado e, ainda, pelas formas de organização da reprodução em grupos sociais não europeus, ao escrever a sua tese

doutoral em Antropologia em Londres, em 1913, sobre *The Family Among the Australian Aborigines* [193], certo de que era uma família monogâmica, nuclear e regida pela lei que governava a Melanésia, a Coroa Britânica. Em procura de prova certa, compara – comparar é o método que cria – estuda um outro, denominado *The Natives of Mailu*, de 1915 [194]; nos dois livros fala de pais e filhos, rituais de iniciação e, especialmente, a autoridade pater famílias. Era a época da ideia do mundo em mudança, assim como das formas diferentes ou semelhantes do acasalamento para a reprodução humana – conceito usado por Malinowski pela primeira vez e definido por ele e usado sem citação até hoje. Na verdade, o mundo começou a mudar, o Rei da nova Alemanha, declara guerra, Malinowski é um inimigo e é transferido para a Austrália para trabalho de campo. A sua surpresa é grande ao reparar que a família Australiana, na época em que nenhuma família escapava às análises de Durkheim, Freud, ou pelos alemães como Thurnwald no Estreito de Torres, Boas no Canadá, os Ingleses Haddon e Seligman, mais tarde Gregory Bateson entre os Iatmul da Nova Zelândia, Reo Fortune entre os Dobu Kiriwina, Raymond Firth entre os seus parentes maori da Nova Zelândia, Ruth Benedict entre os Japoneses e entre os índio Pueblo do México, Margareth Mead primeiro entre os Dobu e a seguir entre os Mundugumor e Arapesh da Polinésia, todo o mundo corre para ver como é que era e como vai deixar de ser. Malinowski encontra a família da Melanésia de uma forma muito diferente daquilo que se tinha falado. O seu primeiro objectivo, foi tentar entender se era possível funcionar de forma económica sem mercado, ideia retirada do seu Mestre Marcel Maus e do mestre do seu Mestre, Émile Durkheim, que mais tarde tiveram que reconhecer que não existia grupo social sem troca, como refiro em alguns dos meus trabalhos. Mais Valia na Reciprocidade, esse conceito Freudiano de 1906 que refere a troca de amamentar e de carinho entre a criança e a sua mãe, até à idade dos seis meses, também analisada por Melanie Klein. Um conceito emotivo e romântico, que Malinowski retira dos textos de Freud de 1906 e de 1913 e aplica às relações de mercado como um dar para receber e devolver, como a mãe que dá o leite, o bebé recebe e em troca, dá carinho e ternura [195]. Análise que nem Malinowski nem a sua escola ia fornecer, apesar de ter estudado de forma importante as trocas que o Kula permite: objectos, pessoas, aliança para a defesa, ataque em caso de guerra, carinho, acasalamentos, emotividade, ou uma forma especial de carisma, denominada *mana*. Um *mana* que existe entre os que mais sabem, sejam homens ou mulheres, adultos ou crianças, jovens ou pessoas de mais idade. Esta troca leva Malinowski a duas grandes descobertas: a primeira e que caracteriza a

Antropologia Britânica, que o estudo dos seres humanos não é feito como o fizeram os seus mestres anteriores, que nunca foram ao terreno, era necessário partilhar o dia a dia das pessoas e entrar pela vida dos Massim da forma que eles permitiam: aberta, amiga e fraterna, sem segredos, nem mesmo de tipo íntimo. O Diário de Malinowski assim o diz [196], nunca pensou que os seus relatos seriam tornado públicos quase 50 anos após a sua morte.

A análise do Kula entre os *Massim*, permite a Malinowski estudar as famílias e a forma de serem geridas. Entre nós, o acasalamento tem sido monogâmico, seriado ou não, com adultério ou sem ele, sendo que a pedofilia ritual ou emotiva, também existe nas sociedades europeias. Entre os *Massim*, o autor começa por colocar um problema, após ter abandonado o estudo da economia – um comércio, como diz na página 204 do texto que uso. O problema aparece já no Prefácio do seu texto de 1926 [197]: *Le problème central de la psychanalyse est celui de l'influence que la vie de famille exerce sur l'esprit humain. Elle nous montre comment les passions, les chocs et les conflits que l'enfant éprouve et subit dans ses rapports avec son père, sa mère, ses frères et (...), aboutissent à la formation de certaines attitudes mentales ou de certains sentiments permanents à leur égard, attitudes et sentiments qui, tantôt subsistant dans la mémoire, tantôt englobés dans l'inconscient, influent sur toute la vie ultérieure de l'individu, dans ses rapports avec la société. J'emploie le mot « sentiment » dans le sens technique que lui attache M. A. F. Shand, avec toutes les implications importantes qu'il comporte dans sa théorie des émotions et des instincts.* Começando por debruçar-se sobre o primeiro problema, o famoso problema de Édipo e acrescenta: *C'est ainsi que le sociologue estime que le problème du complexe n'est pas purement psychologique, mais qu'il comporte aussi deux chapitres sociologiques: une introduction faisant ressortir la nature sociologique des influences familiales, et un épilogue contenant l'analyse des conséquences que ce complexe comporte pour la société* [198].

Tenho escolhido, de entre os problemas que o autor define, estas duas citações, porque salienta o papel que Freud sempre ignorou, pelo menos até 1930 e *O mal-estar na cultura*, porque, apesar de ter analisado as famílias australianas, não reparou na sua estrutura, usou conceitos psicanalíticos e não etnográficos. A primeira coisa que o nosso autor faz, é distinguir entre Direito Paterno e Direito Materno, análise não feita pelos psicanalistas. Esta distinção poderia parecer estranha aos leitores de uma sociedade

ocidental, especialmente na época do começo do Século XX, a fonte mesma do *Pater familias*, quando no Ocidente, como vimos anteriormente, a mulher tem de obedecer ao seu marido e aos seus filhos varões. Temos vivido, e em Portugal ainda vivemos, numa sociedade masculina que acrescenta a servil feminilidade da mulher para com o marido e os filhos varões e que, na actual independência feminina, faz agir de forma autoritária masculina as senhoras, enquanto os homens começam a mudar para formas sedutoras de senhoras e pessoas sem autoridade, como tenho referido num texto meu [199].

Não é bem este tipo de convívio o que Malinowski analisa: *L'attitude de la femme á l'égard du mari est loin d'être servile. Elle possède des biens personnels et une sphère d'influence, privée et publique. Il n'arrive jamais que les enfants voient leur père brutaliser la mère. D'autre part, le père ne contribue qu'en partie á gagner le pain de la maison, obligé qu'il est de travailler avant tout pour ses propres, tâche qui – les garçons le savent – leur incombera á leur tour, lorsqu'ils seront grands* [200]. Bem se podia pensar que é por causa da mulher ser a proprietária dos bens, que a sua atitude é de companhia. Mas não, é mais a estrutura de constituição da família que permite esta forma de relação da forma que descrevo. O acasalamento não existe como entre nós, a forma de se juntarem casais acontece no dia e momento em que uma rapariga sente que no seu corpo entrou um espírito que habita na Ilha dos mortos ou *Baloma* [201] e que está a espera de vez para recuperar a vida entre os seus. Os *Massim* acreditam na reencarnação, mas é uma reencarnação clânica: o acasalamento é extra – clânico. Cada clã é um grupo de parentes disponíveis para casar com um membro de um outro clã. A relação de acasalamento é previamente tratada entre o irmão da rapariga e um membro de outro clã, o mais velho parente do homem para onde a rapariga deve sair e alimentar o seu corpo com o sémen do marido e assim organizar o bebé que cresce no seu corpo, resultado dos seus banhos de mar ou dos seus passeios pela praia. Por ser uma sociedade matrilinear, a rapariga sai da sua aldeia ou sub – clã, habita na casa do seu marido, têm os seus filhos e estes, na altura da puberdade, saem para a casa do irmão da mãe que faz o papel equivalente ao do pai na nossa sociedade. Passam a ser seus colaboradores e cuidadores na sua velhice e herdeiros dos seus bens e das mulheres que o irmão da mãe pode ter, tal como o homem da sua mãe tem e das quais também tem filhos, que na puberdade, vão para a casa dos irmão de sua mãe [202].

A vida sexual das crianças é de grande liberdade e existe a possibilidade de relações amorosas entre elas, seja de *plaisanterie*, sedução, brincadeira, ou ainda, de juntar os corpos em *fellatio*, esfregar um no outro, masturbação em grupo, ou uma penetração possível – a criança de três, quatro ou mais anos, tem erecção, prazer e orgasmo, como diria Klein na sua teoria meta psicológica já citada [203], embora não tenha ejaculação, esfregam os corpos como vêm fazer aos adultos com quem moram. Para entender essa vida sexual parece-me necessário explicar dois factos: a classificação por idades entre os Kiriwina e o que acontece entre nós, como está permitido termos relações sexuais antes do ritual do matrimónio, ou apenas no dia do matrimónio, e nunca durante a época do contrato de compromisso para o matrimónio ocidental.

Também, entre nós, os tempos têm mudado, especialmente a partir de 1985. O que Freud diz da sexualidade infantil é diferente das análises de hoje [204]. Quer Freud, quer Ferenczi, apesar de hoje em dia se dizer que inventaram a sexualidade infantil a partir de um código de comportamento retirado da vida adulta, analisam, sobretudo, o abuso da sexualidade infantil, como hoje em 2004, fica mais do que provada pelos factos de pedofilia, do fecho de Instituições, do acusar de homens detentores do poder político de uma sociedade, do tráfico de crianças entre países e famílias, a prostituição infantil, demonstram largamente que os textos sobre abuso infantil destes autores não estavam nada longe do real e dos danos que causava. Diz Freud que o desenvolvimento da sexualidade infantil leva até à *ansiedade de castração*. A comparação do que a criança vê entre os adultos e o seu próprio corpo e as possibilidades dentro da sua libido erótica, faz com que o mais novo tenha medo desse adulto que pode violar o seu corpo, fisicamente falando. Como Richard relata a Klein. Não existe apenas desejo infantil ou excitação ou necessidades genitais precoces, mas também comportamento infantil em procura de prazer com adultos, como sugar um pénis de um homem adulto até à ejaculação, acariciar uma vagina ou brincar com corpos de adolescentes, como eu próprio tenho presenciado no meu trabalho de campo, para prazer de ambos. É o que o analista denomina sexualidade oral ou anal, entre nós permitida e ritual entre outros [205]. A sensação de angustia do adulto, tem início na idade infantil, nas brincadeiras de masturbação em grupo, com amigos ou com adultos, como acontece nos factos observados, especialmente de homens novos com crianças que procuram o seu corpo, viúvas a temer gravidezes não desejadas, sucção de pénis que ejacula e outras actividades eróticas da libido [206]. Actividades que acontecem especialmente em

actividades rituais e festivas, na altura em que o adulto tem usado drogas que rebaixam as suas pulsões éticas e a criança confia no adulto por não conhecer essas diferenças entre a vida quotidiana e de trabalho ou em família, e a vida solitária, quando o adulto não resiste conter a sua pulsão erótica e penetra na criança, pelo ânus ou pela boca. Penetração que a criança aceita ao pensar que é emotivamente evidente e permitida, especialmente se o adulto é da sua confiança, conhecimento e proximidade emotiva sentimental, como parentesco, filiação e outras já referidas para outros grupos sociais, tentando ignorar o nosso, hoje em tribunal, enquanto muito adulto anda pelos campos das neuroses.

As estruturas Melanésicas são de outro tipo de organização social. É preciso entender a diferença de idades para ver as possibilidades das crianças *Massim* e a sua vida sexual que é conforme a idade e a proximidade clânica e os comportamentos culturais *Kiriwina*. Malinowski elabora um quadro, antes de falar de comportamentos dinâmicos e proibições [207].

Désignation des âges		
1. <i>Waywaga</i> (fã“tus; enfant jusqu'à l'âge ou il commence á se traîne; garçon ou fille).		1e Phase : <i>Gwadi</i> : mot générique servant á désigner les phases 1-4 : signifie enfant, de sexe masculin ou féminin, pendant toute la période qui s'étend de la naissance á la puberté.
2. <i>Pwapwawa</i> (enfant, jusqu'à l'âge ou il commence á marcher; garçon ou fille).		
3. <i>Gwadi</i> (enfant, jusqu'à la puberté; garçon ou fille).		
4. <i>Monagwadi</i> (enfant mâle).	4. <i>Inagwadi</i> (enfant de sexe féminin).	
5. <i>To'ulatile</i> (<i>jeune</i> homme, de la puberté au mariage).	5. <i>Nakapugula</i> ou <i>Nakubukwabuya</i> (<i>jeune</i> fille, de la puberté au mariage).	2e Phase : Désignations génériques : <i>Ta'u</i> -homme, <i>Vivila</i> -femme.
6.	6. <i>Nabubowa'u</i>	

<i>Tobulobowa'u</i> (homme mÃ»r).	(femme mÃ»re)	
6a. <i>Tovavaygile</i> (homme mariée).	6. <i>Navavaygile</i> (femme mariée).	
7. <i>Tomwaya</i> (vieillard).	7. <i>Numwaya</i> (vieille femme).	3e Phase : Vieillesse.
7a. <i>Toboma</i> (vieillard honoré).		

Como vimos, entende-se a diferença entre as pessoas, a vida livre da infância, em relação à sua libido parental, amiga, fraterna e, eventualmente, erótica, que Malinowski descreve na página 48 da 2ª parte do texto e que, antes de debater, vou citar:

Les enfants jouissent aux îles Trobriand d'une liberté et d'une indépendance considérables. Ils sont émancipés de bonne heure de la tutelle des parents qui n'est jamais bien stricte. Quelques-uns obéissent à leurs parents de bon coeur, mais cela dépend uniquement du tempérament personnel aussi bien des parents que des enfants: il n'existe ni notion de discipline régulière ni système de coercition domestique. Il m'est souvent arrivé, lorsque j'assistais à un incident de famille ou à une querelle entre parent et enfant, d'entendre le premier dire au second de faire ceci ou cela : c'était toujours une prière plutôt qu'un ordre, bien que cette prière fût parfois accompagnée d'une menace de violence. Le plus souvent, lorsque les parents flattent ou grondent leurs enfants en leur demandant quelque chose, ils s'adressent à eux comme à des égaux. Ici on n'adresse jamais à un enfant un simple ordre impliquant l'attente d'une obéissance naturelle.

Il arrive parfois que les parents se mettent en colère contre leurs enfants et vont même jusque-là les frapper; mais j'ai vu tout aussi souvent des enfants se précipiter furieusement sur le père ou la mère et les frapper à leur tour. Cette attaque sera reçue avec un sourire indulgent, ou bien le coup sera rendu avec colère; mais l'idée d'une rétribution définie ou d'une punition coercitive n'est pas seulement étrangère à

l'indigène: elle lui répugne. Lorsque je croyais devoir suggérer, après un flagrant méfait commis par un enfant, que ce serait une bonne leçon pour l'avenir que de le corriger ou de le punir d'une façon quelconque, en dehors de tout emportement, mon conseil apparaissait à mes amis immoral et contre nature et était repoussé non sans un certain ressentiment.

Un des effets de cette liberté consiste dans la formation de petites communautés d'enfants, groupes indépendants qui englobent naturellement tous les enfants dès l'âge de quatre ou cinq ans et dans lesquels ils restent jusque-là la puberté. N'écoutant que leur bon plaisir, ils peuvent tantôt rester avec leurs parents toute la journée, tantôt s'en aller rejoindre pour un temps plus ou moins long leurs camarades de jeux dans leur petite république. Et cette communauté dans la communauté n'agit que conformément aux décisions de ses membres et se trouve souvent dans une attitude d'opposition collective aux aînés. Lorsque les enfants ont décidé de faire telle ou telle chose, de s'en aller, par exemple, en expédition pour toute la journée, les plus âgés et même leur chef (j'ai souvent eu l'occasion de le constater) sont impuissants à les en empêcher. J'ai été à même, voire obligé, au cours de mes travaux ethnographiques, de me renseigner directement auprès des enfants sur eux-mêmes et sur leurs affaires: tous s'accordaient à m'affirmer leur indépendance spirituelle dans les jeux et autres activités enfantines et beaucoup d'entre eux ont même été capables de m'instruire en me donnant des explications sur la signification souvent compliquée de leurs jeux et entreprises.

Encore tout jeunes, les enfants commencent à comprendre les traditions et coutumes tribales et à s'y conformer; cela est particulièrement vrai des restrictions ayant un caractère tabou, des dispositions impératives des lois tribales ou des usages relatifs à la propriété [208].

La liberté et l'indépendance des enfants s'étendent également au domaine sexuel. En premier lieu, les enfants entendent beaucoup parler de choses se rapportant à la vie sexuelle de leurs aînées et assistent même souvent à certaines de ses manifestations. A la maison même, ou les parents n'ont pas la possibilité de s'isoler, l'enfant a de multiples occasions d'acquérir des informations pratiques concernant l'acte sexuel. Aucune précaution spéciale n'est prise pour empêcher les enfants d'assister en témoins oculaires aux rapports sexuels des parents. On se contente tout au plus de gronder l'enfant et de lui dire de se couvrir la tête avec une natte. J'ai souvent entendu faire

l'éloge d'un petit garçon ou d'une petite fille dans ces termes: « C'est un bon enfant : il ne raconte jamais ce qui se passe entre les parents. » On permet á de jeunes enfants d'assister á des conversations au cours desquelles on parle ouvertement de choses sexuelles, et ils comprennent parfaitement le sujet de la conversation. Ils savent eux-mêmes jurer et employer un langage obscène avec une maîtrise passable. Étant donnée la précocité de leur développement mental, on entend souvent de tout petits enfants lancer des plaisanteries graveleuses que les aînées accueillent avec un gros rire. [209].

A ideia da liberdade sexual não acaba com princípios éticos ou aberrações, definida pelos costumes Massim. Há uma lista de "pecados" já não dos mais novos, mas sim dos adultos. Ou foi omitido por Malinowski, ou os comportamentos mencionados para a nossa cultura não aparecem em parte nenhuma dos textos dedicados à vida sexual da Melanésia. No entanto, a lista dos tabus é dura e deve ser cumprida, como na nossa própria cultura, só que os grupos Kiriwina vivem em espaços pequenos, cada casa é parte de uma família e todos os membros que a habitam, acabam por ser parentes que tomam conta uns dos outros. A vida sexual infantil acaba na adolescência, ao começar a época de poder reproduzir seres humanos e a idade do matrimónio aproxima-se, ou seja, pelos 12 ou 14 anos da nossa cronologia. A lista dos tabus começa, como refere o autor para os adultos, a partir da página 123 e seguintes do texto, com a ideia de "Aberrações sexuais", conceito que me faz pensar se estas problemáticas são mais do autor e da sua cultura, ou advêm dos seus livros de notas de trabalho de campo. Do conjunto de proibições, o autor salienta a mais importante no seu debate Freudiano: a do incesto. Depois de ter esclarecido no Volume 1 que o complexo de Édipo é um facto possível no ocidente, define, como vários analistas hoje, o Édipo como a proibição do incesto, passível entre pessoas de um mesmo clã [210] ou parentesco, semelhante à nossa definição consanguínea. O que interessa neste texto, é salientar não as semelhanças ou diferenças dos autores, mas entender um conceito que é muito ocidental: a liberdade humana, que não é fazer o que se deseja e quando se quer, mas o convívio dentro de normas respeitadas pelas pessoas e que, a não observância dessas normas, entre nós, se denomina pecado. Ao qual passamos para finalizar este capítulo, por ser uma noção fundamental para entender o conceito da criança pecadora que não aparece em parte nenhuma dos textos malinowskianos.

De uma ou outra maneira, entre um ou outro processo, todos vivemos atados a uma mesma estrutura. Normalmente, denomino este processo a hierarquia parental, esse que faz de nós ascendentes e de outros, descendentes. Os adultos teriam a autoridade, as crianças a obediência. Tem-me sido muito simples dizer, na maior parte do meu discurso, que o mundo está dividido em dois grupos, o do adulto e o das crianças. Tudo isso é verdade, tudo acontece, há os que têm uma epistemologia desenvolvida nas opções da mais valia, há os que têm a epistemologia desenvolvida nos investimentos emotivos de quem confia, porque toma conta, alimenta, agasalha, faz carícias, ouve, cala e responde apenas se é perguntado. Sim, estamos divididos em duas culturas que procuram formas diferentes de encantar o real e de serem felizes, dentro da dor de viver. Essa dor que Bion tão claramente define na sua obra, essa dor ao invés da felicidade que segundo Freud o nosso inconsciente procura num Id esquecido pela consciência do dia de hoje, do dia de ontem, da fadiga do trabalho, do desejo insatisfeito, da alegria que não encontramos. Um dia sonhamos com sermos pais, passado um curto espaço de tempo, quando ainda fica muito de nós para viver dentro de um corpo que vai ficando pequeno, como Úrsula Iguarán de García Márquez em *Cem anos de Solidão*, até ao ponto dos tetranetos brincarem com ela como se fosse um anjo de brinquedo a servir os nossos ideais e imaginário. Esse nosso corpo que pensa, mas que a matéria faz dele uma área de abrigo ou tulheiro e dentro desse corpo recipiente ou tulha, a criança que me importa desenvolve a sua epistemologia da afectividade e a sua subordinação que ajuda à aprendizagem e à reprodução de outros e do saber. Essa criança, digo, dá continuidade à História como desde Flávio Josefo [211] temos ficado a saber, ou Heródoto de Alicarnaso – à epistemologia da opção do lucro e, por lei de vida encontra uma outra alternativa para a sua reprodução, nós, os adultos que fomos pais, passamos a adultos que perturbamos a nova filiação e devemo-nos desabituar ao facto e à ideia de sermos pais. Passarmos do amor paterno, ao abandono celibatário, porque nem para seduzir somos capazes de existir, menos ainda para termos companhia, porque a História passa dentro de contextos diferenciados, com conceitos e comportamentos concebidos pelos que foram crianças para fazer do tulheiro, um adulto que entenda, aceita, cala e não repreende, definição que dou dessa idade do ser humano. Os melanésicos têm a sua casa para celibatários [212] como acontece com os chineses e as suas casas para morrer, como nós os lares da terceira idade, com os *Picunche* os grupos do Centro de Tecido, o Tear para entreter os que já não vendem produtos agrícolas por lhes faltar força para transformar a terra em mercadoria, proibido para o consumo da

casa ou valor de uso e transferidos com prazer aos *conchuchos* (intermediário em Mapudungun) [213] pelo dinheiro de mais valia que dá o mercado. É o dia que a criança passa de pequeno que aprende, a adulto que grita, zanga-se, repreende, pede para ficar isolado para não ter que ver de quem aprendeu, uma solidão desprezível e desagradável...excepto se é o proprietário, o monarca ou o Cardeal Patriarca de Veneza, Constantinopla ou Lisboa. A criança, agora adulta, manda. Nem ouve, nem vê, nem cala e responde ainda que não perguntado. O adulto, se cresce à Bion, desenvolve as suas capacidades para procurar seu finito no infinito do prazer freudiano da verdade Bioniana, acaba por aceitar o sofrimento que permite a aprendizagem da verdade da vida, [214] que é o fazer.

Adultos pecadores, reprodutores de pequenos pecadores. Todo o ser humano procura a sua liberdade e responsabilidade. É assim que o diz o texto que define o nosso comportamento, e que começa por uma imensa verdade: *A dignidade da pessoa humana se fundamenta em sua criação à imagem e semelhança de Deus (artigo 1); realiza-se em sua vocação à bem-aventurança divina (artigo 2). Cabe ao ser humano a livre iniciativa de sua realização (artigo 3). Por seus actos deliberados (artigo 4), a pessoa humana se conforma ou não ao bem prometido por Deus e atestado por sua consciência moral (artigo 5). As pessoas humanas se edificam e crescem interiormente: fazem de toda a sua vida sensível e espiritual matéria de crescimento (artigo 6). Com a ajuda da graça, crescem na virtude (artigo 7), evitam o pecado e, se o tiverem cometido, voltam como o filho pródigo (a 35), para a misericórdia de nosso Pai do Céus (artigo 8). Chegam, assim, à perfeição da caridade [215].* Esta frase é uma verdade para os que lêem o texto, aprendem, ou praticam e sentem a emotividade da fé como um sentimento de caridade, já definido antes, como a base da relação com outros seres humanos ou da interacção social, como gosto de dizer. Aliás, é a introdução para uma outra verdade de vida em grupo: a liberdade do homem: *Deus [§80] criou o homem dotado de razão e lhe conferiu dignidade de uma pessoa agraciada com a iniciativa e o domínio de seus actos. "Deus deixou o homem nas mãos de sua própria decisão" (Eclesiastes 15,14), para que pudesse ele mesmo procurar seu Criador e, aderindo livremente a Ele, chegar à plena e feliz perfeição [a81]*

O homem é dotado de razão e por isso é semelhante a Deus: foi criado livre e senhor de seus actos [a82].

I. Liberdade e responsabilidade

1691 1731 A [§83] liberdade é o poder, baseado na razão e na vontade, de agir ou não agir, de fazer isto ou aquilo, portanto, de praticar actos deliberados. Pelo livre – arbítrio, cada qual dispõe sobre si mesmo. A liberdade é, no homem, uma força de crescimento e amadurecimento na verdade e na bondade. A liberdade alcança a sua perfeição quando está ordenada para Deus, nossa bem-aventurança.

1692 1732 Enquanto [§84] não se tiver fixado definitivamente em seu bem último, que é Deus, a liberdade comporta a possibilidade de escolher entre o bem e o mal, portanto, de crescer em perfeição ou de definhar e pecar. Ela caracteriza os actos propriamente humanos. Toma-se fonte de louvor ou repreensão, de mérito ou demérito.

1693 1733 Quanto [§85] mais pratica o bem, mais a pessoa se toma livre. Não há verdadeira liberdade a não ser a serviço do bem e da justiça. A escolha da desobediência e do mal é um abuso de liberdade e conduz à *escravidão do pecado* [a86].

1694 1734 A [§87] **liberdade** torna o homem responsável por seus actos, na medida em que forem voluntários. O progresso na virtude, o conhecimento do bem e a ascese aumentam o domínio da vontade sobre seus actos.

1695 1735 A [§88] *imputabilidade e a responsabilidade* de uma acção podem ficar diminuídas ou suprimidas pela ignorância, inadvertência, violência, medo, hábitos, afeições imoderadas e outros factores psíquicos ou sociais.

1696 1736 Todo [§89] acto directamente querido é imputável a seu autor:

Assim, o Senhor pergunta a Adão, após o pecado no jardim: *O que fizeste?* (Gn 3,13). O mesmo pergunta a Caim [a90]. A mesma pergunta faz o profeta Natã ao rei David, após o adultério com a mulher de Urias e o assassinato deste [a91].

Uma acção pode ser indirectamente voluntária quando resulta de uma negligência quanto a alguma coisa que deveríamos saber ou fazer, por exemplo, um acidente ocorrido por ignorância do código de trânsito.

1697 1737 Um [§92] efeito pode ser tolerado sem ser querido pelo agente, por exemplo, o esgotamento da mãe à cabeceira de seu filho doente. O efeito ruim não é imputável se não foi querido nem como fim nem como meio de acção, como poderia ser o caso de morte sofrida por alguém quando tentava socorrer uma pessoa em perigo. Para que o efeito ruim seja imputável, é preciso que seja previsível e que o agente tenha a possibilidade de evitá-lo, como, por exemplo, no caso de um homicídio cometido por motorista embriagado.

1738 A [§93] liberdade se exerce no relacionamento entre os seres humanos. Toda a pessoa humana, criada à imagem de Deus, tem o direito natural de ser reconhecida como ser livre e responsável. Todos devem a cada um esta obrigação de respeito. O direito ao exercício da liberdade é uma exigência inseparável da dignidade da pessoa humana, sobretudo em matéria moral e religiosa [a94]. Este direito deve ser reconhecido civilmente e protegido nos limites do bem comum e da ordem pública [a95], [216].

Este texto nem comentário precisa, excepto dizer que é retirado da realidade social, que segue as águas do moinho da procura da liberdade do homem. Mas, como já comentei, essa liberdade é a subordinação à lei que não apenas nos governa, mas que também define cada passo que damos na nossa vida e dá nomes às pessoas conforme o seu comportamento. A capacidade de raciocinar, de pensar e decidir, é o que traz a liberdade ao ser humano. O problema é, que liberdade... O texto, como todos os outros denominados sagrados que tenho referido, remete a actividade humana para uma metáfora que não vive entre nós, que radica na mente do ser humano e que dita leis por meio de pessoas como Moisés, Elias, Jesus, hierarquias pontifícias, formas de acreditar e que, no fim dos finais, é parte da cultura ou formas de comportamento adequadas às conveniências da nossa individualidade. O que é adequado à nossa pessoa, é viver sem pecado, ou seja, sermos capazes de fixar um último bem, uma auto-estima que, em metáfora, está definida como a procura de Deus, muito embora a divindade não esteja definida em parte nenhuma. É aí que Freud e os seus seguidores foram capazes de ver as dificuldades da vida, para além da metáfora e entrar dentro de cronologias e contextos genealógicos, orientados por uma libido erótica que leva à reprodução. Ideia que o texto que comento não refere, antes pelo contrário,

retira da materialidade da vida o que a ilusão de sermos pais tinha colocado: factos históricos, com provas complementares para demonstrar a sua verdade.

Este texto define já a criança como uma entidade que, como diz o artigo 1739, página 387 do Código de Direito Canónico, livremente soube rejeitar o amor, quer dizer, pecou. O pecado, que tenho definido noutro texto, é a forma de organizar as relações entre os seres humanos: nenhum ser humano publicamente rejeita a empatia simpática a outro. No enquanto, a metáfora do texto começa por dizer que nascemos todos já na situação de estar preparados para não amar, para rejeitar o outro ou procurar no outro o que convêm à minha felicidade. Definição que dou de pecado original no fim do Capítulo II:

1698 *"O pecado está presente na história do homem: seria inútil tentar ignorá-lo ou dar a esta realidade obscura outros nomes. Para tentarmos compreender o que é o pecado, é preciso antes de tudo reconhecer a ligação profunda do homem com Deus, pois fora desta relação o mal do pecado não é desmascarado em sua verdadeira identidade de recusa e de oposição a Deus, embora continue a pesar sobre a vida do homem e sobre a história.*

(Parágrafo relacionado: 1847)

1699 387 *A realidade do pecado, e mais particularmente a do pecado das origens, só se entende à luz da Revelação divina. Sem o conhecimento de Deus que ela nos dá não se pode reconhecer com clareza o pecado, e somos tentados a explicá-lo unicamente como uma falta de crescimento, como uma fraqueza psicológica, um erro a consequência necessária de uma estrutura social inadequada etc. Somente à luz do desígnio de Deus sobre o homem compreende-se que o pecado é um abuso da liberdade que Deus dá às pessoas criadas para que possam amá-lo e amar-se mutuamente.*

(Parágrafos relacionados: 1848,1739)

SESTA LIÇÃO

O PECADO ORIGINAL UMA VERDADE ESSENCIAL DA Fé

1700 388 Com o progresso da Revelação, é esclarecida também a realidade do pecado. Embora o Povo de Deus do Antigo Testamento tenha conhecido a dor da condição humana à luz da história da queda narrada no Génesis, não era capaz de entender o significado último desta história, que só se manifesta plenamente à luz da Morte e Ressurreição de Jesus Cristo [a5]. É preciso conhecer a Cristo como fonte da graça para conhecer Adão como fonte do pecado. E o Espírito – Paráclito, enviado por Cristo ressuscitado que veio estabelecer "a culpabilidade do mundo a respeito do pecado" (Job 16,8), ao revelar Aquele que é o Redentor do mundo.

(Parágrafos relacionados: 431,208,359,729)

389 A doutrina do pecado original é, por assim dizer, "o reverso" da Boa Notícia de que Jesus é o Salvador de todos os homens, de que todos têm necessidade da salvação e de que a salvação é oferecida a todos graças a Cristo. A Igreja, que tem o senso de Cristo[a6], sabe perfeitamente que não se pode atentar contra a revelação do pecado original sem atentar contra o mistério de Cristo [217].

A criança desejada pelos progenitores, chega a este mundo com a carga de ideias que outros estão a pensar por ela, porque da história da desobediência, é suficiente a que ela própria faz ao longo da sua vida, como para carregar aliás, as desobediências da metáfora da origem bíblica do mundo. O que o texto está a dizer, é a paciência que teve Jesus, o filho de Deus e que todo o ser humano deve ter para com os mais pequenos. No decorrer da vida, acontece o contrário. A racionalidade catequista é uma forma de pensamento que Freud e Klein, embora cristãos, eles próprios – são da cultura cristã, dentro desta cultura, não da muçulmana, shiita, budista, etc., como Weber estuda entre 1904 e 1919 – analisam para entender o que foi primeiro denominado querer matar o pai, como a tábua que apresentei na Lição anterior. Pelas provas clínicas e pelas observações culturais feitas em terreno, cada um de nós tem observado um duplo comportamento: esse que se explica pela lei positiva, dentro da qual está o Direito Canónico, a Catequese, a Patrística e a Teologia; o outro, que pouco ou nada entendemos, a luta pela emotividade e a felicidade.

Há duas verdades provadas nos derradeiros cem anos: a procura do erotismo, de orgasmo e a satisfação da fome. Ambas levam à procura do lucro e da mais-valia e, mesmo que Marx, Durkheim e Mauss, tenham defendido a devolução de bens ao povo por parte dos proprietários dos meios de produção, cada um deles viveu dentro de uma mais-valia facilitada pelo seu pensamento. Nenhum deles teve de se interrogar sobre qual a ilusão de ser pai: uma *fessée* [218] à Alice Miller, uma bofetada, uma palmada, um murro, é a resposta que satisfaz. Acrescento eu, ai dos adultos que não saibam punir no minuto adequado! Mais tarde na vida, ficam sem filhos e sem descendentes.

Acabam por ser duas as interpretações do comportamento de criança. De Etnopsicologia, pouco sabemos para entender o comportamento enraivecido ou doce de uma criança, mas devíamos entrar por ele. A ciência antropológica tem armas para entender, suficiente trabalho de campo e milhares de interpretações conforme o que pensa cada um dos profissionais. Mas, e a metodologia complementar à Devereux? Como entender as formas de viver entre uma metáfora e uma procura da realidade feliz? Ainda, como entender que parte dessa felicidade acaba por aceitar o sofrimento para crescer. Sou de opinião que a ciência antropológica é parte do inquérito etnológico para saber o comportamento e a conduta social, a partir do entendimento da individualidade. Não digo de cada indivíduo em particular, com nome e ficha, mas sim de cada indivíduo de um grupo cultural, até entender que a masturbação, pecado para os Romanos até 1992, que a homossexualidade, banida que esteve até finais do Século XX, é hoje um Sacramento que até permite a carreira política, ser dignitário de Igrejas, que o incesto é parte da cultura reprodutiva de etnias que conhecemos, etc. Tentemos entender os textos sagrados, ler as suas diferentes versões ao longo do tempo, e observar que mudam conforme a conveniência do grande público.

A *Paternidade Eterna*, faz tempo acabou. A ideologia de sermos pais faleceu com a globalização, como refiro no meu texto da Profedições, A Página da Educação do mês de Maio de 2004. A companhia filial, o cultivo da descendência, a consanguinidade, o comportamento de estrutura endogâmica, ou a exogâmia, os outros conceitos de família permanente, com amantes ou sem eles, com fidelidade ou com neurose, passam a ser ideias para definir outra vez, conforme a realidade. Se as formas de definir emotividade emitida pelos primeiros clínicos, provam ainda ser verdade,

significa que a Antropologia deve trazer para dentro da sua hermenêutica uma forma moderna de entender o trabalho de campo.

A criança é uma pecadora por dois motivos: porque deixa de amar entre os seis meses e quatro anos de idade e enche-se de ciúmes; e porque, a criança que fica na mente e na afetividade dos progenitores, acaba por precisar de uma liberdade que retira da sua ascendência. É aí, onde as tábuas que apresentei em Lições anteriores, me fazem duvidar da minha análise: o Édipo é um comportamento muito mais aberto do que no começo Freud e Charcot definiram, mas a vida de Jesus é um ponto comparativo de pouca estima por ser resultado de História inventada no Século III da nossa era, para Constantino invadir o Ocidente através dos Evangelhos e das cartas de Pedro Simão e Paulo de Tarso, sem contar com a escrita dos próprios Evangelhos, pelo Século II e III da nossa era, quer dizer, pela época da necessidade de Roma ser Lei e Bizâncio, Rei.

Não há ilusão de se ser pai, há a solidão de quem já fez o caminho da vida e precisa abrir uma nova alternativa para elevar a sua auto-estima e amar-se como se amou na sua infância.

De momento, vou fechando este rascunho até poder abrir as duas linhas analíticas da conduta humana: a Etnologia e a Terapia Social.

Parede, 18 de Setembro de 2004/25 de Abril de 2009

Dia da Independência do Chile, 194 Anos de Soberania do Reino da Espanha.

Dia da minha recuperação e da comemoração dos 35 anos de Liberdade em Portugal

BIBLIOGRAFIA E NOTAS

Alcorão, Muhammed, (570?) (632), 1989: Alcorão, Europa – América, Lisboa. Website com comentários: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Mohamed+Alcor%C3%A3o+on+line&btnG=Pesquisar&meta>

Babeuf, Gracchus, 1795: [http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Grachus+Babeuf+Le+manifeste+de+pl%C3%A9b%C3%A9iens&btnG=Pesquisa&lr=.](http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Grachus+Babeuf+Le+manifeste+de+pl%C3%A9b%C3%A9iens&btnG=Pesquisa&lr=)

Bayley, Jaime, 1994: *No se lo digas a nadie*, Seix Barral, Barcelona, http://www.boardsnet.com/noselo_digas_a_nadie.htm

Bion, Wilfred, 1948-1951: *Experiences in groups. Human Relations*, reeditado em 1961 pelo Instituto Tavistock como *Experiences in Groups*, website para informação e debate <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Wilfred+Bion+Experiences+in+groups&btnG=Pesquisar&meta=>

Bion, Wilfred, 1979 a) *A Memoire of the future*, Book Two: The Past Presented, Imago, Rio de Janeiro. Website para informação e debate, <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Wilfred+Bion+Memoirs+of+the+future&btnG=Pesquisar&meta=>

Bion, Wilfred, 1997, retirado do texto de R.D. Hinshelwood, website <http://psychematters.com/papers/hinshelwood2.htm> Bion, Wilfred 1970: *Attention and interpretation*, Tavistock Institute, Londres. Website para debate e ideias: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Wilfred+Bion+Attention+and+Interpretation&btnG=Pesquisar&meta=>

Bion, Wilfred, (1962) 1967: *Learning from experience*, Tavistock, Londres. Reeditado Karnac, Londres, 1984 a 2004. Website para debate, mais informação e síntese de obras: <http://www.mythosandlogos.com/Bion.html> ou http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Winifred+Bion+Learning+from+Experience&btnG=Pesquisar&meta=lr%3Dlang_pt.

Bion, Wilfred, 1970: retirada, por falta de texto em Portugal, do livro *O pensamento clínico de Wilfred Bion*, de Joan e Neville Symington, Climepsi Editores, Lisboa.

<http://www.precos.com.pt/psicologia-c3374/o-pensamento-clinico-de-wilfred-bion-p21760563.html>

Código Civil de Portugal, 2001: Definição de incesto.
<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Defini%C3%A7%C3%A3o+Incesto++&btnG=Pesquisar&meta=>

Código Civil Português, 2007, Título 10-Da Filiação, especialmente artigos 1874 a 1876.

<http://www.confap.pt/docs/codcivil.PDF>

Código Civil Português, 2007: define a relação entre nubentes, de formas diferentes: ARTIGO 1577º. Noção de casamento:

<http://www.confap.pt/docs/codcivil.PDF>

Código Civil Português, 2007: *Estado livre*. Este requisito é para demonstrar que os noivos não têm vínculo anterior que impeça o matrimónio Atestado de óbito do cônjuge anterior, quando se trata de nubente viúvo; - Certidão de baptismo para fim matrimonial. Certidão de baptismo para fim matrimonial, de cada um dos noivos. O documento tem validade de 6 meses. Quando não se encontrar o termo do baptismo, providencia-se uma certidão negativa. Neste caso, pede-se o testemunho sob juramento de pessoas de confiança que conheçam o (a) nubente. Não havendo esse testemunho, o(a) nubente deverá ser baptizado(a) sob condição. Comprovante de residência na Paróquia (geralmente contas mensais em nome do noivo ou da noiva, ou de seus respectivos pais). Porém, caso os noivos peçam transferência de Paróquia para celebração do casamento, esta não poderá ser negada. Certidão do Curso de noivo ou Preparação Doutrinal, que é curso de apenas alguns dias. O documento tem validade de

6 meses Recibo do pagamento da taxa de 672,00 reais (*), que pode ser paga 50% na reserva da data da cerimónia e 50% até quinze dias antes do casamento.

<http://www.cobra.pages.nom.br/bm-casamentoreligdoc.html>

Código Civil Português, versão 2001: artigos 1587 a 1590.

Código Civil Português, versão de 2008
http://homepage.esoterica.pt/~anabelar/CodigoCivilPortugues.html#_Hlk446308267 .

Código Civil, 2002, Definição de incesto, site de texto e consulta:
<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Defini%C3%A7%C3%A3o+Incesto++&btnG=Pesquisar&meta=>

Código de Direito Canónico: Define criança como Infante no Cânon 97, &2: "O menor, antes de completar os setes anos, chama-se infante e considera-se que não tem uso da razão; completados os sete anos, presume-se que o tem". Website:
http://www.vatican.va/archive/ESL0020/_INDEX.HTM

Código de Justiniano, (534) 1888, Editorial Lex Nova, Valladolid. Site com texto
<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=C%C3%B3digo+de+Justiniano&btnG=Pesquisar&meta=>.

Código de Justiniano, 534: Retirado en castellano-parte del texto es en latín – de la versión de 1892, de D. Idelfonso Garcia del Corral Livro II, Tomo 4, Código de Derecho Romano, Jaime Molina Editor, Barcelona. Website com texto:
<http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Codigo+Justiniano+&btnG=Pesquisar&lr=>.

Código Penal, 1998, Vislis Editores, Lisboa. Website com texto:
http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=C%C3%B3digo+Penal+de+Portugal+1998&btnG=Pesquisar&meta=lr%3Dlang_pt
pt Apenas troços de texto e comentários.

Constituição da República Portuguesa, 2001, Revista em 2004, edição organizada por José Magalhães, Editorial Notícias, Lisboa. Website
<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF->

[8&q=Constitui%C3%A7%C3%A3o+da+Rep%C3%BAblica+Portuguesa+2001&btnG=Pesquisar&meta=](http://www.cne.pt/x.cfm?sec=06010000) texto integral, com texto da revisão constitucional de 2004
<http://www.cne.pt/x.cfm?sec=06010000>.

Constituição Política do Estado Português. Website com texto:
http://www.cne.pt/Legislacao/dlfiles/crp_pt2004_integral.pdf Versão de 2004.

Curso de Ethnopsyquiatry et d" Etnopsicologie, Enfermagem, Paris, 1999

Cyrulnik, Boris, 1991 : *La naissance du sens*, Hachette, Paris. Website de debates : <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Boris+Cyrulnik+La+naissance+du+sens&btnG=Pesquisar&meta=> 1993 : *Les nourritures affectives*, Odile Jacob, Paris. Website com texto : http://www.boulimie.fr/livres/cyrulnik2_bon.htm ; 2001: *Les vilaines petites canards*, Odile Jacob, Paris. Website para informação www.bestofverviers.be/chimio.htm . Há versão portuguesa, Piaget, 2003: *Resiliência. Essa inaudita capacidade de construção humana*, Lisboa. Website com comentários: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2755/2103>

ou: http://www.wook.pt/product/searchidautores/autor_id/6851

Cyrulnik, Boris, 1999: *La naissance du sens*, já referido e citado *in passim* nesta parte do texto. Comentários em: <http://www.decitre.fr/livres/La-naissance-du-sens.aspx/9782012788916>

Cyrulnik, Boris, 2001 : *Les vilaines petits canards*, obra citada, página 225 e nota de rodapé referida antes. Website com comentários, em: <http://livres.fluctuat.net/boris-cyrulnik/livres/les-vilains-petits-canards/>

Cyrulnik, Boris, 2001: *Les vilaines petits canards* já citada, páginas 224 e 225, citação composta por mim para o leitor melhor entender a ideia de amor e desenvolvimento, mas com a necessidade de ler a obra...Texto em francês que comenta a obra, em: http://ifsi.ch-hyeres.fr/IMG/pdf/FL-Vilains_canards.pdf. O texto do comentário é uma ficha de leitura para o módulo de psiquiatria 3, do Intitute de Formation en Soins Infirmieres de Toulon-Hyers.

Cyrulnik, Boris, 2003: páginas 26 e 28. Por acaso há um website de comentários: <http://www.wook.pt/authors/detail/id/6851>

Cyrulnik, Boris, 2003 : *Le murmure des fantômes*, Odile Jacob, Paris. Há versão portuguesa em Temas e Debates – Actividades Editoriais, Lisboa. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Boris+Cyrulnik.+Les+murmures+des+fantomes&btnG=Pesquisar&meta=>.

Cyrulnik, obra citada, página 19, primeiro e segundo parágrafos invertidos. Website nota anterior.

Devereux, Georges, (1972) 1985: *Ethnopsychanalyse complémentaire*, Flammarion, Paris. Website para debate e informação <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Georges+Devereux+Ethnopsychanalyse+compl%C3%A9mentariste&btnG=Pesquisar&meta=>

Devereux, Georges, (1985) 1975 : *Ethnopsychanalyse Complémentariste*, Flammarion, Paris ; 1961 (1974) *Ethnopsychiatrie des Indiens Mohaves*, Réédité par Smithsonian Institutions Press, Paris. Site para debate sem texto <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Georges+Devereux+Oeuvres+&btnG=Pesquisar&meta=> .

Devereux, Georges, 1961: *Ethnopsychiatrie des indiens Mohaves*, Smithsonian Institute, USA ou para debate e informação. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Georges+Devereux+Ethnopsychiatrie+des+indiens+Mohaves&btnG=Pesquisar&meta=>

Dez Mandamentos, ver em Wojtila, Karol, 1992: *O Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra. <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Catecismo+da+Igreja+cat%C3%B3lica&btnG=Pesquisar&meta=>

Dias, Jorge, 1996: *Os Macondes de Moçambique*, IIE, Lisboa. Website com comentários, em: <http://memoria-africa.ua.pt/search.aspx?q=TI%20'Macondes'> ou em

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Jorge+Dias+Os+Maconde+de+Mo%C3%A7ambique&btnG=Pesquisa+Google&meta=>

Dolto, Françoise, 1977: *L'évangile au risque de la psychanalyse*, Volume II, éditions de Seuil. Resposta de Dolto a um comentário de Gérard Sévérin, que conduz a entrevista : « ce jeune prodige lui, est descendu á ses propres "enfers"», páginas 66 e seguintes. Website apenas para bibliografia, recensões e comentários. <http://www.google.pt/search?q=Fran%C3%A7oise+Dolto+G%C3%A9rard+S%C3%A9v%C3%A9rin+L%27%C3%89vangile+au+risque+de+la+psychanalyse&ie=UTF-8&hl=pt-PT&btnG=Pesquisa+Google&meta=>.

Dolto, Françoise, 1977: *L'évangile au risque de la psychanalyse*, dois volumes, Seuil. Site sem texto <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Fran%C3%A7oise+Dolto+L%27%C3%89vangile+au+risque+de+la&btnG=Pesquisar&meta=>

Dolto, Françoise, 1981 : *Au Jeu du Désir. Essais Cliniques*, Seuil, Paris. Há versão portuguesa, que uso, Relógio D'Água, 1993. Ou <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Fran%C3%A7oise+Dolto+Au+jeu+de+d%C3%A9sir&btnG=Pesquisar&meta=>

Dolto, Françoise, 1985: *La cause des enfants*, Laffont, Paris ou <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Fran%C3%A7oise+Dolto+La+cause+des+enfants&btnG=Pesquisar&meta=>, para comentários e debate e troços de texto.

Dolto, Françoise: textos entre anos 1960 e 1980, reunidos em 1995 pela Gallimard, Paris, sob o título *La difficulté de vivre*. Website com comentários e história, em: http://fr.wikipedia.org/wiki/Fran%C3%A7oise_Dolto

Donald Woods Winnicott, que já nos seus textos de 1969, estudava a relação criança-adulto. A sua teoria e a sua obra em português, podem lidas em http://pt.wikipedia.org/wiki/Donald_Woods_Winnicott. As obras em língua francesa, especialmente *De la pédiatrie á la psychanalyse*, estão editadas em Petite Bibliotheque Payot nº 253 e *L'enfant et le monde exteriur*, mesma editora, nº 205, Website com

comentários, em: <http://www.chapitre.com/CHAPITRE/fr/BOOK/winnicott-donald-w/de-la-pediatrie-a-la-psychanalyse,1019327.aspx> também http://ceor.fastlane.com.br/art_nascer_de_novo.htm. Para a *Revista Pais e filhos ou Viver Psicologia* on-line: <http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Revista+Pais+e+Filhos&btnG=Pesquisar&lr=>

Durkheim, Émile, 1912. A cerimónia que refiro está nas páginas 327-324 da versão inglesa de 1914, que uso da editora George Allen and Unwin, Londres. Website com texto: <http://www.mdx.ac.uk/www/study/xdur.htm> A versão original está na nota a seguir.

Durkheim, Émile, 1912 : *Les forme élémentaires de la vie religieuse*, Félix Alkan, Paris. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=%C3%89mile+Durkheim+Les+formes+elementaires+de+la+vie+religieuse&spell> = 1 texto completo on line.

E saiu Caim de diante da face do SENHOR, e habitou na terra de Node, do lado oriental do éden.

Edwin R Guthrie, 1989 : *De la méthode de tolérance*, Curso de Etnopsicologia, Hospital de la Sorbonne, Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Edwin+R+Guthrie,+1989+:+De+la+m%C3%A9thode+de+tol%C3%A9rance&spell> = 1

Ferenczi, Sandor, 1912-1014: SIGMUND FREUD & SANDOR FERENCZI: CORRESPONDÊNCIA (1912-1914) 2009, Imago Editora, Rio de Janeiro, referido em: SIGMUND FREUD & SANDOR FERENCZI: CORRESPONDÊNCIA (1912-1914) em http://www.imagoeditora.com.br/product_info.php?products_id=291&osCsid=e2r6lng7hh5h6t4be9cuqqocj5 O seus estudos sobre Arpad de Java, Indonésia, em: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Sandor+Ferenczi+Arp%C3%A1ld&btnG=Pesquisar&meta=>. Comentários sobre o estudo, por Teresinha Costa, Psicanalista, Mestre em Pesquisa e Clínica em Psicanálise pelo Programa de Pós-graduação em Psicanálise do Departamento de Psicologia do Instituto de Psicologia da UERJ, Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Secção Rio de Janeiro, Professora e Supervisora da UNIMATH, União das Faculdades Maria Thereza, em Niterói, autora do livro *Psicanálise com crianças*, Jorge Zahar editor Cita uma obra de Ferenczi: Ferenczi, S. “Um Pequeno Homem-Galo”, In: *Psicanálise*

II, em: <http://www.corpofreudiano.com.br/documents/txtteresinhacosta-umcasodeSandorFerency-OcasoArpard.doc>

Feuerbach, Ludwig, (1848-1849) 1989: *A essência da religião*, Papirus, Campinas. Website do texto não existe, mas há comentários em: http://www.administradores.com.br/artigos/a_religiao_sob_um_outro_olhar_ludwig_feuerbach_e_a_essencia_do_cristianismo/24426/

Firth, Raymond, 1929: *Primitive Economy of the New Zealand Maori*, Routledge and Kegan Paul. Website com texto de Les Classiques en Sciences Sociales <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Raymond+Firth+Primitive+economics+of+the+New&btnG=Pesquisar&meta=>

Flavio Josefo: Jerusalén, 37 d JC-?, c. 100) Historiador judeu. Fez parte do partido dos. Traiu Roma para defender ao seu povo a sua maneira. Desenvolveu as suas capacidades de sofrimento e criou uma História que até hoje nos domina. Website com biografia, história e obra, em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Fl%C3%A1vio_Josefo

Fortes, Meyer, 1938: "Sociological and psychological aspects of education in Thailand", in *Africa*, Suplemento, Volume XI, Nº4 páginas 40 em frente. Website para texto e debate <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Meyer+Fortes+Sociological++psychological+aspects++education++Thailand&btnG=Pesquisar&meta=>

Foucault, Michel, 1976: *L'Histoire de la Sexualité*, Gallimard, páginas 56 e 57. Website <http://www.isis.aust.com/stephan/writings/sexuality/vict.htm>

Freud, 1926, *Signal d'angoisse* Website: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+Signal+angoisse&spell=1>

Freud, Sigmund, (1912) 1923: *Totem et Tabou. Interprétation par la psychanalyse de la vie sociale des peuples primitifs*, website com texto. http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/freud_sigmund/totem_tabou/totem_tabou.html

Freud, Sigmund, (1913 em alemão) 1919: *Totem and Taboo*. Resemblances between the Psychic lives of the savages and neurotics, George Routledge & Sons.

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+Totem+and+taboo&btnG=Pesquisar&meta=> Texto em francês site Les Classiques des Sciences Sociales, sítio com texto, em: http://classiques.uqac.ca/classiques/freud_sigmund/totem_tabou/totem_tabou.htm l

Freud, Sigmund, (1913) 1930: *La malaise de la culture*. Website em <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+La+malaise+dans+la+culture&btnG=Pesquisa+Google&meta=> Ver motor *Les Classiques en Sciences Sociales*, para debate e texto completo, em francês.

Freud, Sigmund, 1885, *L'interpretation des rêves*, com texto e comentários, em: <http://www.oodoc.com/26095-commentaire-compose-interpretation-reve-freud.php> *A interpretação dos Sonhos*, Publicado em Bremenn em 1885 pela Universidade. Website com texto: <http://www.scribd.com/doc/4216924/SIGMUND-FREUD-A-interpretacao-dos-sonhos>

FREUD & BREUER, Sigmund & Joseph. **Sobre o mecanismo psíquico dos fenómenos histéricos: comunicação preliminar (1893)**. Estes conceitos são analisados, o primeiro, por Sigmund Freud ao desenvolver em 1885 as ideias de *Eros* e *Thanatos*, enquanto o segundo é um derivado dos conceitos de Mélanie Klein nas palavras do seu discípulo Wilfred Bion, citações tratadas nos capítulos seguintes. Bronislaw Malinowski para o Arquipiélagos Kiriwina na Melanésia, Maurice Godelier para os Baruya da mesma área, Raymond Firth para a Nova Zelândia, Jorge Dias para os Maconde de Moçambique, Luís Silva Pereira para os Mapuche Rauco do Chile, Sónia Ferreira para os familiares de detidos desaparecidos do mesmo país, e eu próprio, entre outros autores, para os Picunche da Cordillera de los Andes na América Latina. Analisa grupos de Java na Indonésia e outros na Índia, Wilhem Kraepelin no Século XVIII para XIX, com o objectivo de procurar semelhança na causa das doenças depressivas. Émile Durkheim, discípulo do psicólogo Alemão Wilhelm Wundt, entre XIX e XX estuda Australianos, tal e qual Sigmund Freud, discípulo de Jean Charcot durante esse tempo, e outros consignados no texto, como o Antropólogo Marcel Mauss e a sua análise de várias etnias do mundo e o seu comportamento mítico, legal e económico, o seu discípulo Georges Devereux para os Mohave Norte americanos, nos mediados do Século XX, o Húngaro Géza Róheim sobre Austrália e o Sul-Africano Britânico Meyer Forté, sobre os Ashante da Antiga Costa de Ouro, hoje Ghana, de

descendência uni linear – matrimónio entrecruzado entre filhos de irmãos: o primo com a prima; e Margaret Mead em Samoa, especialmente sobre o povo Arapesh, cujas mães procuram mulher para os seus filhos. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Meyer+Fortes+Ashanti&spell=1>. Pais todos cuja realidade heterogénea é procurarem a reprodução da linhagem dentro das normas culturais. Se uma prima Tallensi da Antiga Costa de Ouro – hoje Ghana – tem o dobro da idade do primo filho de irmã, o matrimónio, combinado por linhas de parentesco por mandato da cultura, realiza-se e o adultério passa a ser proibido para proteger a mulher mais velha, apesar de acontecer com certa cumplicidade parental masculina.

Freud, Sigmund, 1895 : *Ensemble organisé de désires amoureux et hostiles que l'enfant éprouve à l'égard des ses parents... désir de la mort de ce rival qu'est le personnage du même sexe et désir sexuel par le personnage de sexe opposé*, Website com texto em: <http://www.iep.utm.edu/f/freud.htm#H4>

Freud, Sigmund, 1905: *On Sexuality*, citado dentro do texto. *His theories about sexuality being the centre of psychopathology as well as the major drive of all individual developments and dream ...* em: <http://psychology.about.com/?once=true&> .Website com textos: Freud, Sigmund, 1905, *Three essays on sexuality*, Pelican Londres, páginas 120 e seguintes. Website com texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+Three+essays+on+sexuality&btnG=Pesquisa+Google&meta=>

Freud, Sigmund, 1905: *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* ou *Trois essais sur la théorie de la sexualité*, tradução inglesa Sigmund Freud-7-On Sexuality, Pelican, Londres, 1977. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+The+sources+of+infantile+sexuality&btnG=Pesquisa+Google&meta=>

Freud, Sigmund, 1909: *Analysis of a phobia of a five-year-old boy*, ou também denominado *A História do Pequeno Hans* – Website para análise e para texto: <http://www.holah.karoo.net/freudstudy.htm> . Diz Freud em parte do texto: "*One of the key themes of Freud work is the importance of the first few years of life in the subsequent development of personality. He also believed that children experience emotional conflicts, and their future adjustment depends on how these conflicts are resolved...*" E fala a seguir de uma temática, já muito mudada na sua análise, o

denominado complexo de Édipo. Daí a ideia dos pequenos vilões, que desejam matar ao progenitor do sexo oposto e tem ciúmes do de o seu mesmo sexo. Website citado nesta nota.

Freud, Sigmund, 1910: *Introductory Lectures*, Viena, desenvolvidas como livro em *Totem and Taboo*.

<http://www.sla.purdue.edu/academic/engl/theory/psychoanalysis/definitions/oedipus.html>

Freud, Sigmund, 1913: *Totem and taboo. Some points of agreement between the mental lives of savages and neurotics*, publicado em inglês em 1918, versão que uso. Website: nota anterior.

Freud, Sigmund, 1920, traduzido do alemão com a sua revisão: *Au-delà du principe du plaisir*

http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/freud_sigmund/essais_de_psychanalyse/Essai_1_au_dela/au_dela_prin_plaisir.html, edição electrónica de 1920, revista a tradução pelo autor: *Le moi et le ça*.

http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/freud_sigmund/essais_de_psychanalyse/Essai_3_moi_et_ca/moi_et_ca.html, edição electrónica *on-line*.

Freud, Sigmund, 1920: *Au-delà du principe de plaisir*, versão francesa revista pelo autor de 1923, já referida, define: tradução portuguesa "Além do princípio do prazer"¹, trabalho no qual Freud desenvolveu suas ideias sobre pulsão de vida, pulsão de morte, compulsão à repetição, etc. é segundo ele próprio, um trabalho que se nutre de especulação². A actividade especulativa difere por sua natureza da actividade de raciocinar. Ela permite-nos a suprema ousadia de avançar por espaços desconhecidos, liberando novas formas de pensamento e sensibilidade. Enquanto a Razão no mantém atados ao conceito – abstracção das realidades estéticas – o Pensamento nos fornece ideias que estão fora de senso comum. Eros/Thanatos produtos do pensamento e não da Razão, são ideias e não conceitos". Retirado do artigo "Eros/Thanatos: uma exegese e uma pragmática de «Além do principio do prazer»", de Nahman Armony, <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+Thanatos&btnG=Pesquisa+Google&meta=> .

Freud, Sigmund, (1913 versão original em língua Austro-Húngara, 1919 em versão inglesa) 1929, *Malaise dans la civilisation*, versão francesa revista pelo autor. http://www.ugac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/freud_sigmund/malaise_civilisation/malaise_civilisation.html Texto em linha.

Freud, Sigmund, 1938: *Der Mann Moses und die Monotheistische Religion* ou *Moses and Monotheism*, <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+Moses&btnG=Pesquisar&meta=>

Freud, Sigmund, e Jean Charcot, 1895: em frente: *Um desordem psicológico que converte conflitos emotivos em perturbações físicas* <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Sigmund+Freud+Hysteria&btnG=Pesquisar&meta=>.

Freud, Sigmund, em Website http://directory.google.com/Top/Society/Issues/Children,_Youth_and_Family/Child_Abuse/Sexual_Abuse/, bem como em *Totem e Taboo* e 1905: *O abandono da infância a sexualidade* ou *Drei Abhandlungen zur Sexuakltheorie*. <http://www.iep.utm.edu/f/freud.htm#Infantile%20Sexuality> ou teoria tripartida, retirada das ideias de Platão, as análises clínicas e as suas conclusões do Id, Ego e Superego, onde o ego da criança fica neurotizado. Ver Website: <http://www.iep.utm.edu/f/freud.htm#Neuroses%20and%20The%20Structure%20of%20the%20Mind>.

Freud, Sigmund, *Psychopathologie de la vie quotidienne*, 1901: texto que define as pequenas gralhas normais de realizar no quotidiano, como esquecer nomes, lapsus, erros de leitura e escrita, etc. Website com texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Sigmund+Freud+Psychopathologie+de+la+vie+quotidienne&btnG=Pesquisar&meta=>

García Márquez, Gabriel, 1962: *Cien años de soledad*, Mondadori, Madrid; 1982. Website com texto completo, em: <http://www.monografias.com/trabajos14/cien-soledad/cien-soledad.shtml>; *Crónica de una muerte anunciada* Bruguera, Barcelona;

1985, em: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Garcia+M%C3%A1rquez+Cr%C3%B3nica+de+una+muerte+anunciada&btnG=Pesquisar&meta=>

García Márquez, Gabriel, 1989: *El general en su laberinto*, Mondadori, España, página 106. Website: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Garcia+M%C3%A1rquez+El+general+en+ssu+laberinto&btnG=Pesquisar&meta=>.

García, Márquez, Gabriel: *El amor en los tiempos del cólera*, Bruguera, Barcelona. Website com comentários, troços de texto e parte do filme, em: <http://blogln.ning.com/video/2189391:Video:35185>

Devereux, Georges, (1965) 1977: *Essais d'ethnographie générale*, Flammarion, Paris. Biografia, história e obra, em: http://en.wikipedia.org/wiki/George_Devereux#Writings_.28Selection.29

Feuerbach, Ludwig, (1841) 1988, Papyrus, Campinas, São Paulo. Em linha: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Feuerbach>

Giddens, Anthony, 2000: *The third way and its critics*, Polity Press, Cambridge Grã-bretanha. Website para comentários e debate, em: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Anthony+Giddens+The+third+way&btnG=Pesquisar&meta=>.

Godelier, Maurice, 1981, *La Production des Grands Hommes*, Fayard, Paris. Website: http://fr.wikipedia.org/wiki/Maurice_Godelier

Godelier, Maurice, 1981 : *La production des grandes hommes*, Fayard, Paris. <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Godelier+La+production+de+grandes+hommes&btnG=Pesquisar&meta=>.

Godelier, Maurice, 1996: *Meurtre du Père, Sacrifice de la Sexualité*, Arcanes, Paris, onde mais uma vez a análise do totem como organizador do comportamento sexual, aparece como ordenador das relações paterno – filiais. Para debate: [http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Godelier+La+production+de+grandes+hommes&btnG=Pesquisar&meta=)

[8&q=Maurice+Godelier+Meurtre+du+P%C3%A9re+Sacrifice+de+la+Sexualit%C3%A9&btnG=Pesquisar&meta=](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Maurice+Godelier+Meurtre+du+P%C3%A9re+Sacrifice+de+la+Sexualit%C3%A9&btnG=Pesquisar&meta=)

Goody, Jack, 1966: *Succession to High Office* (org), CUP; 1971: *Technology, Tradition and the State in Africa*, Oxford University Press; 1976: *Production and Reproduction*, CUP; 1977: *The domestication of the savage Mind*, website para debate: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Jack+Goody+Bibliography&btnG=Pesquisar&meta=>

Herdt, Gilbert, 1982: *Rituals of Manhood. Male initiation in Papua New Guinea*, University of California Press; 1984: *Ritualized homosexuality in Melanesia*, University of California Press; 1987: *The Sambia. Ritual and Gender in New Guinea*, Holt, Rinehart and Winston, San Francisco. Para debater e saber mais, Website: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Gilbert+Herdt&btnG=Pesquisar&meta=>

Héritier, Françoise; Cyrulnik, Boris; Naouri, Aldo; Vrignaud, Dominique; Xanthakou, Marguerita: 1994: *De l'inceste*, Odile Jacob, Paris. Website: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Fran%C3%A7oise+Heritier&btnG=Pesquisar&meta=> .

Heródoto de Alicarnaso: 484-425 a C: o mais importante dos historiadores gregos mais antigos. Website com textos dos seus livros sobre a História e a sua Epistemologia (9 volumes): http://www.antroposmoderno.com/antroposmoderno/articulo.php?id_articulo=604

Hick, John, 1980, *Philosophy of Religion*, Routledge and Kegan, website: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Philosophy+of+Religion+John+Hick&btnG=Pesquisar&meta=>

Hipona, Agostinho, (398) 1937: *Confissões*, Thomas Nelson and Sons, Londres. Ou *Confissões* em linha <http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Agostinho+de+Hipona+Confessions&spell=1>; (409) 1989: *O Livre Arbítrio*, Faculdade de Filosofia, Braga. <http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Agostinho+de+Hipona+Livre+Arb%C3%ADtrio&btnG=Pesquisar&lr=>; (412) 1988: *A Cidade de Deus*, Editorial Porrúa, México.

<http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Agostinho+de+Hipona+A+Cidade+de+Deus&btnG=Pesquisar&lr=>

Hopkins, Keith, 1987: "The universality of incest" in Digital Archive of PSYCHOHISTORY, Website para debate e texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Keith+Hopkins++The+Universality+of+Incest&btnG=Pesquisar&meta=>

Iturra, Raúl, 1972, "El Paro de los *conchenchos*" Revista do CEAS, Pontifícia Universidad Católica do Chile, Santiago.

Iturra, Raúl, 1989: "Pensamento dogmático, Pensamento positivista. O Governo Letrado das Relações Sociais" in *Antropologia Portuguesa*, Vol. 7, Museu e Laboratório de Antropologia, Universidade de Coimbra. Este texto foi a base do meu livro de 1990 a) *Memória e Aprendizagem. A construção social do saber em Vila Ruiva*, Escher, Lisboa, base do conceito, debatido por mim, da subordinação da criança ao adulto. Website para debate <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Raul+Iturra+Mem%C3%B3ria+e+aprendizagem.+A+constru%C3%A7%C3%A3o+social+&spell=1>

Iturra, Raúl, 1998, 2000 e 2002, para referir os citados e publicados em Portugal apenas. Pode-se consultar <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Raul+Iturra&btnG=Pesquisa+Google&meta=> para debate e informação, especialmente textos publicados no estrangeiro e que estão on-line.

Iturra, Raúl, 1998: *Como era quando não era como sou. O crescimento das crianças*, Profedições, Porto. <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Ra%C3%BAI+Iturra+Como+era+quando+n%C3%A3o+era+como+sou.+O+crescimento+das+crian%C3%A7as%2C+Profedi%C3%A7%C3%B5es%2C+Porto.+&btnG=Pesquisar&meta=>

Iturra, Raúl, 2000: *O saber sexual das crianças. Desejo-te porque te amo*, Afrontamento, Porto. Website com comentários: <http://www.freipedro.pt/tb/290600/soc9.htm>

Iturra, Raúl, 1998: *O Imaginário das crianças. Os silêncios da cultura oral*, Fim de Século, Lisboa.....Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Ra%C3%BAI+Iturra+O+imagin%C3%A1rio+das+crian%C3%A7as.+Os+sil%C3%AAncios+da+cultura+oral&btnG=Pesquisar&meta=> 2ª Edição, 2007, corrigida e aumentada. Comentários em Website: <http://www.apantropologia.net/publicacoes/eboletim/Janeiro2009/BoletimAPA-Janeirode2009.html#Publicacoes>

Iturra, Raúl, 2000: "Mulher a crescer, machismo a tremer", in *Jornal A Página*, ano 9, nº 94, Setembro. Website com texto http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/mulher_a_crescer.htm

Iturra, Raúl, 2001: *O Caos da criança. Ensaios de Antropologia da Educação*, Livros Horizonte, Lisboa, resultado dos debates com o meu amigo ausente, Pierre Bourdieu. Website: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Ra%C3%BAI+Iturra+O+caos+da+crian%C3%A7a.+Ensaios+de+Antropologia+da+Educa%C3%A7%C3%A3o&btnG=Pesquisar&meta=> .

Iturra, Raúl, (1991) 2002 a, 2ª Edição, corrigida e aumentada: *A religião como teoria de reprodução social*, Fim de Século, Lisboa, recensão e referido em: <http://www.criticaliteraria.com/9727541704> e b) *A economia deriva da religião*, Afrontamento, Porto. Ver nota 11 e 12 Debate e excertos do texto, em: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Ra%C3%BAI+Iturra+A+religi%C3%A3o+como+teoria+da+reprodu%C3%A7%C3%A3o+social&btnG=Pesquisar&meta=>.

Josefo, Flávio, 79 antes da nossa era: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Fl%C3%A1vio+Josefo+Biografia&btnG=Pesquisar&meta=> para a sua biografia. Para a sua obra: http://pt.wikipedia.org/wiki/Fl%C3%A1vio_Josefo#Obra

Jones, Ernest, 1935: *The Oedipus-Complex as an Explanation of Hamlet's Mystery: a Study in Motive*, <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Ernest+Jones+Oedipus+complex&btnG=Pesquisar&meta=>

Klein, Melanie (1947) 1973: *Psychanalyse d'un enfant*, Tchou. Paris. Também Imago, Rio de Janeiro 1991. Website: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Melanie+Klein+Psychanalyse+d%27un+enfant+1946&btnG=Pesquisar&meta=>

Klein, Melanie, 1928: Early stages in the Oedipus complex. Contributions to Psycho-Analysis, 1921-1945 (includes *Early Stages of the Oedipus Conflict* 1928 and *The Oedipus Complex in the Light of Early Anxieties*, 1945) (hyperligação para o texto). Website com debates e textos: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Melanie+Klein+Early+stages+in+the+Oedipus+Complex&spell=1>

Klein, Melanie, 1957, *Envy and gratitude*, Tavistock, Londres. Versão Lusa Imago, 1991: *Inveja e Gratidão*, Rio de Janeiro. Texto escrito em inglês no exílio britânico da autora. Comentado em Website: http://en.wikipedia.org/wiki/Kleinian_envy_and_gratitude.

Klein, Melanie, especialmente ao longo da sua obra *Essai de psychanalyse* 1921-1945-Payot 1968 ou website http://www.doctissimo.fr/html/psychologie/grands_auteurs/ps_1324_melanie_klein, entre outros. Há versão lusa, Imago, 1991, Rio de Janeiro.

Klein, Melanie, obra citada e, especialmente 1932: *Die psychanalyse des Kindes*, Vienna, Internationaler Psychoanalytischer Verlag. Versão inglesa, 1932, Hoggart Press. A obra que uso é *La psychanalyse des enfants*, PUF, Paris, 1959. Texto largamente comentado em Website: http://fr.wikipedia.org/wiki/Psychanalyse_de_l'enfance

Kraepelin, Emil, 1904 : *Psychiatrie Comparée*, "Du voyage de Kraepelin aux migrations actuelles. *Journal of Mental Science*. Website com textos e debate: <http://www.google.pt/search?hl=pt->

[PT&q=Emil+Kraepelin+Psychiatrie+Compar%C3%A9e+Journal+of+Mental+Scienc
e.&btnG=Pesquisar&meta=](#)

Lacan, Jacques, 1966 e 2001: *Ensembles des Ecrits*, Seuil, Paris. Website com textos : <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Jacques+Lacan&btnG=Pesquisa+Google&meta=>

Levi Makarius, Raoul et Laura, 1961: L'Origine de l'exogamie, website: http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/makarius_Laura_raoul/origine_exogamie/origine_exogamie.pdf

Lévi-Straus, Claude : 1952, *Race et Histoire*, Unesco. Há versão portuguesa, Presença, Lisboa, 1954. Website com texto e debate, em: <http://lévi-straus,%20claudes%201952,%20Race%20et%20Histoire,%20Unesc>

Lévi-Strauss, Claude, 1961, *La pensée sauvage*, Plon, Paris. Website: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=L%C3%A9vi-Strauss+La+pens%C3%A9e+sauvage&btnG=Pesquisar&meta=> .

Locke, John, 1682, <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=John+Locke+Tolerance&btnG=Pesquisa+Google&meta=>

Lutero, Martin, 1529: *Catechism*, Concórdia Publishing House, St Louis, USA. Website com texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Martin+Luther+Catechism&spell=1>

Malinowski, Bronislaw, (1989) *A Diary in the Strict Sense of the Term*, Stanford, California: Stanford University. <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Bronislaw+Malinowski+Diary&btnG=Pesquisar&meta=> Há versão francesa em: *Journal d'ethnologue*. [Titre anglais original: *A Diary in the Strict Sens of the Term*]. Traduction française: 1985.

Malinowski, Bronislaw, 1919: *Baloma; the Spirits of the Dead in the Trobriand Islandas*, em <http://www.sacred-texts.com/pac/baloma/index.htm>

Malinowski, Bronislaw, 1921: *Sex and repression in primitive societies*, Routledge and Kegan Paul Londres. Há versão francesa de 1930 no motor Les

http://classiques.uqac.ca/classiques/malinowsli/sexualite_repression/sexualite_repression.html **texte téléchargeable**; versão portuguesa, Vozes, 1973. Website com texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Bronislaw+Malinowski+Sex+and+repression&btnG=Pesquisar&meta=>. **Texte téléchargeable**

Malinowski, Bronislaw, 1922: *The Argonauts of Southern Pacific*, Routledge and Kegan Paul, website para debate e definição de conceitos: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Bronislaw+Malinowski+The+Argonauts+of+Southern+Pacific&btnG=Pesquisar&meta=> Há versão francesa com texto completo, em: Bronislaw Malinowski, **Les Argonautes du Pacifique occidental** (1922). Traduction française: 1963. Paris: Éditions Gallimard, 1963, 606 pages, Traduit de l'Anglais et présenté par André et Simone Devyver. Préface de Sir James Frazer. Collection nrf. Bem como no motor de pesquisa Les Classiques en Sciences Sociales : http://classiques.uqac.ca/classiques/malinowsli/les_argonautes/les_argonautes.html **Texte téléchargeable**

Malinowaki, Bromislaw, 1929: *The Sexual life of the Savages in North-Western Melanesia*, Routledge and Kegan Paul, Londres, largamente comentado em: http://en.wikipedia.org/wiki/The_Sexual_Life_of_Savages_in_North-Western_Melanesia Há versão luso brasileira, titulada: *A vida Sexual dos Selvagens*, 1983, Francisco Alves, Rio de Janeiro. Versão francesa : **La vie sexuelle des sauvages du Nord-ouest de la Mélanésie.** (1930) Description ethnographique des démarches amoureuses, du mariage et de la vie de famille des indigènes des Îles Trobriand (Nouvelle-Guinée) **Texte téléchargeable !**

Mead, Margaret, (1936) 1961: Sex and temperament in three primitive societies, comentado em: <http://www.pep-web.org/document.php?id=psar.023d.0444a>, texto que pode ser lido em em francês, intitulado: **Moers et sexualité en Océanie** (1955)

Livre 1. **Trois sociétés primitives de Nouvelle-Guinée** (1935)
(Titre américain original: "Sex and Temperament in Three Primitive Societies")

http://classiques.uqac.ca/classiques/mead_margaret/moers_sexuelles/livre_1/livrel_tdm.htm

Marx, Karl, 1862 e 1863, (1977): *Theories of Surplus Value*, Oxford University Press. Website <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1863/theories-surplus-value/preface.htm> ou <http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Karl+Marx+Theories+of+Surplus+Value+1862+e+1863&btnG=Pesquisar&lr=> .

Melo, Rosa Maria, 2000: *O Rito do Eufuko. A iniciação feminina entre os Handa de Angola*, policopiado, Biblioteca do ISCTE.

Melón, Jean e Stasaart, Martine, 2004: «La contribution du Szondi á l'Ethnopsicologie », em website, com texto e comentários <http://www.Szondiforum.com/szondiet.htm>

Miller, Alice, (1987 em alemão) 1990: *For your own good. The roots of violence in Child-rearing*, Virago, Londres. Site sem texto <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Alice+Miller+For+your+own+good&btnG=Pesquisar&meta=>

Miller, Alice, 1979: *Das Drama dès begabten Kinder und die Suche nach dem wahren Selbst*. Versão Castelhana: 1985 e 1998: *El drama del niño dotado y la búsqueda del verdadero yo*, Tusquets, Barcelona. Há versão inglesa, Virago, Londres, 1988. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Alice+Miller+El+drama+del+ni%C3%B1o+dotado&btnG=Pesquisar&meta=>
Versão inglesa, 1987, Virago Press: *For your own good. The roots of violence in Child rearing*

Miller, Alice, 1988: *Das verbannte Wissen*, Surkham Verlag, Frankfurt am Main – Versão Castellana: 1990 e 1998: *El saber proscrito*, Tusquets Editores, Barcelona. Website para ampla informação e sínteses de obras e artigos : http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Alice+Miller+El+saber+proscrito&btnG=Pesquisar&meta=lr%3Dlang_pt Há versão inglesa de Virago Press, 1988.

Miller, Alice, 1996: *Breaking down the wall of silence*, Virago, Barcelona. Website: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=+Alice+Miller+Breaking+down+the+wall+of+silence&btnG=Pesquisar&meta=>

Miller, Alice, 1977, lingual original, 1979 [The Drama of the Gifted Child \(Das Drama des begabten Kindes, 1977\)](#), nas páginas 18 a 19, acrescenta que "*las vivencias traumáticas de toda infancia permanecen en la oscuridad. Ocultas en esas tinieblas permanecen asimismo las claves para la comprensión de toda la vida ulterior*" Há versão Castellana: *El drama del niño bien dotado y la búsqueda del verdadero yo*, Tusquates, Barcelona, 1998. Comentário em: [http://en.wikipedia.org/wiki/Alice_Miller_\(psychologist\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Alice_Miller_(psychologist)) Há versão luso brasileira: *Drama da criança bem dotada como os pais podem formar (e deformar)* versão Internet, pode-se ler em: http://books.google.pt/books?id=fpGqnZq4FHoC&pg=PA93&lpg=PA93&dq=Alice+Miller+1977&source=bl&ots=gZb5Jewq1-&sig=pDTsYsfs9fVFqrSKnnKmiEhA774&hl=pt-PT&ei=4UDaSciHEobUjAfr9OCWDQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2#PPA5,M1 1979

Mito de Caim e Abel, Génesis, Bíblia de toda religião, incluindo o Alcorão: Génesis 4 da Bíblia. Website com texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Mito+de+Caim+e+Abel&btnG=Pesquisar&meta=>

1 E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz Caim, e disse: Alcancei do SENHOR um homem.
2 E deu à luz mais a seu irmão Abel; e Abel foi pastor de ovelhas, e Caim foi lavrador da terra.
3 E aconteceu ao cabo de dias que Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao SENHOR.
4 E Abel também trouxe dos primogénitos das suas ovelhas, e da sua gordura; e atentou o SENHOR para Abel e para a sua oferta.
5 Mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o semblante.
6 E o SENHOR disse a Caim: Por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante?
7 Se bem fizeres, não é certo que serás aceito? E se não fizeres bem o pecado jaz á porta, e sobre ti será o seu desejo, mas sobre ele debes dominar.
8 E falou Caim com o seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel, e o matou.

9 E disse o SENHOR a Caim: Onde está Abel, teu irmão? E ele disse: *não sei; sou eu guardador do meu irmão?*

10 E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra.

11 E agora maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue do teu irmão.

12 Quando lavrares a terra, não te dará mais a sua força; fugitivo e vagabundo serás na terra.

13 Então disse Caim ao SENHOR: é maior a minha maldade que a que possa ser perdoada.

14 Eis que hoje me lanças da face da terra, e da tua face me esconderei; e serei fugitivo e vagabundo na terra, e será que todo aquele que me achar, me matará.

15 O SENHOR, porém, disse-lhe: Portanto qualquer que matar a Caim, sete vezes será castigado. E pôs o SENHOR um sinal em Caim, para que o não ferisse qualquer que o achasse.

Murra, John, 1965 : *Formaciones económicas e políticas del mundo andino*, Instituto de Estudios Peruanos, Lima. Site de pesquisa <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=John+Murra+Formaciones+econ%C3%B3micas&btnG=Pesquisar&meta=>

Para o texto: http://books.google.pt/books?id=fpGqnZq4FHoC&pg=PA93&lpg=PA93&dq=Alice+Miller+1977&source=bl&ots=gZb5Jewq1-&sig=pDTsYsfs9fVFqrSKnnKmiEhA774&hl=pt-PT&ei=4UDaSciHEobUjAfr9OCWDQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2#PPA5,M1

Patrick, Fermi, 2001, **Remaniements cliniques face á la diversité culturelle**, Journal de Psychiatrie, Tome XIV, N° 4. **Website de texto e PESQUISA** <http://patrick.fermi.free.fr/nervure.htm>

Paulo de Tarso, *Carta aos Romanos o Epístola*, C. 13, versículos 1 a 3. A versão que uso é Castelhana, Bac, 1956, Madrid. Também <http://www.google.pt/search?q=Paulo+de+Tarso+Ep%C3%ADstola+aos+Romanos&ie=UTF-8&hl=pt-PT&btnG=Pesquisa+Google&meta=>.

Platão, c.427, antes de nossa era, Europa – América, Lisboa, 1986. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Plat%C3%A3o+O+banquete&btnG=Pesquisar&meta=>.

Platão, *O Banquete*, frase retirada de <http://loja.autenticaeditora.com.br/loja01/detalhes.php?id=100>, Haroldo Marques.

Plon, Webring, obra em polaco, textos curtos em francês. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Elisabeth+Roudinesco&spell=1>

Quesnay, François, (1756) 1988: *Oeuvres de Quesnay*, Oncken, Paris. Versão portuguesa, Gulbenkian, Lisboa. Website: http://gallica.bnf.fr/Fonds_Tables/000/M0005448.htm.

Radcliff -Brown, Sir Archibald Reginald, 1955: *Structure and function in Primitive Society*, Cohen and West Ltd, Londres. Website com texto: http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/radcliffe_brown/radcliffe_brown.html

Radcliffe-Brown, Sir Archibald Reginald, 1939: *Taboo*, CUP ou website com o texto www.bol.ucla.edu/~cdn/pubs/meattaboo.pdf

Referido no Capítulo I e parte do II.

Respeitar todos aqueles que Deus, para o nosso bem, revestiu de sua autoridade. Web site <http://angelgireh.tripod.com/tp07.html>

Revista Pais e Filhos (Bloch Editores) Setembro de 1996 Website <http://www.infonet.com.br/meubebe/obebe01.htm>.

Richard: Webster, Richard, 1995: *Why Freud Was Wrong: Sin, Science and Psychoanalysis*, <http://www.richardwebster.net/freudandhysteria.html>, e em <http://www.richardwebster.net/>

Robertson Smith, William, 1929, *The religion of the semites*, entre outros. Website: vasta informação em: http://en.wikipedia.org/wiki/William_Robertson_Smith

Roudinesco, Elisabeth, 1968, Pourquoi la psychanalyse ? Livros do Brasil. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Elisabeth+Roudinesco&spell=1>

Sá, Eduardo, 2003, 4ª Edição revisada, Junho de 2003: *Psicologia dos pais e do brincar*, Fim de Século, Lisboa. Website nota 5.

Sá, Eduardo, 2003: *Tudo o que o amor não é*, Oficina do Livro, Lisboa, página 26. Recomendo ver páginas 24 a 27, para contextualizar a ideia, frase estruturada por mim. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Eduardo+S%C3%A1&btnG=Pesquisar&meta=>

Sá, Eduardo, Op. Cit, parágrafo 2. Website nota 5

Sampaio, Daniel, 1994: *Inventem-se novos pais*, Caminho. Site para comentários sem texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Daniel+Sampaio+Inventem-se+novos+pais&btnG=Pesquisar&meta=> .

Sampaio, Daniel, 1994: *Inventem-se novos pais*, Caminho. Site para comentários sem texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Daniel+Sampaio+Inventem-se+novos+pais&btnG=Pesquisar&meta=> .

Seno Chibeni, Sílvio, 2000: "Caridade e amor" em *Revista Mundo Espírita*, São Paulo. Website com texto <http://www.geocities.com/athens/academy/8482/caridade.htm> 1 . Para mais debate ver

Silva Pereira, Luís 1999, no seu texto: *Médico, Xamã e Ervanária*, Ispa, Lisboa, Website para informação e debate <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Lu%C3%ADs++Cirilo+Silva+Pereira+ISPA&btnG=Pesquisar&meta=>

Smith, Adam, (1759) 2000: *The theory of the moral sentiments*, Prometheus Books, Nova Iorque. Website: <http://www.adamsmith.org/smith/tms/tms-p1-s2-intro.htm>.

Smith, Adam, 1776: *An enquire into the causes and reasons of the wealth of nations*, George Routledge and Sons, Londres. Há versão portuguesa, Gulbenkian, Lisboa. <http://www.adamsmith.org//won-b5-cl-article-2-ss1.htm> .

Storr, Anthony, 2003: *Freud* Website: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=The+Freudian+theory+of+Religion&btnG=Pesquisa+Google&meta=> .

Szondi, Léopold, 1930: foi o ano decisivo para o desenvolvimento da sua teoria, "*A Psicologia do Destino*". A partir dos dados colectados de famílias com filhos com algum tipo de deficiência, começou a delinear a teoria da electividade genética e propensão para determinadas doenças. Numa época de muitos perigos, principalmente para a população de origem judaica da Hungria, desenvolveu o "genoteste" e a análise do destino. Muitas famílias fugiram para outros países, mas Szondi, não. Lá permaneceu, pois o seu trabalho estava num estágio muito avançado

Em 1941, foi obrigado a abandonar o seu status académico, o professorado e a direcção do laboratório de psiquiatria da Universidade Real Húngara. Em Julho de 1944 foi levado, junto com a sua mulher e os seus dois filhos para um campo de concentração em Bergen-Belsen, próximo de Hamburgo, deixando para trás todo o seu trabalho. No entanto, continuou difundindo as suas ideias para seus colegas de prisão. Em Dezembro de 1944, os americanos conseguiram negociar uma troca com os alemães, que resultou na libertação de 1365 pessoas, entre elas Szondi e a sua família, esta acolhida pela Suíça.

Há evidências que sugerem que C.G. Jung foi um dos que activamente contribuíram para a sua libertação. O contacto entre ambos era próximo, embora Jung jamais tenha mencionado Szondi em sua obra. O texto mais importante é de 1947: *Traité du diagnostic expérimental des pulsions*, base do teste que, durante dez anos, fez em crianças entre os 8 e 10 anos para poder entender se as pulsões eram coordenadas ou autónomas. Website: <http://www.gwconsult.com.br/Szondi.asp> , para o autor o Website é <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Szondi+&btnG=Pesquisar&meta=>

Torah, Livro denominado *Antigo Testamento* ou *Bíblia*, de data duvidosa de origem. No entanto, o *Tora* parece ser c. 1000, antes da nossa era; 1996: Editorial Desclee de Brouwer, Bilbao. Website com comentários. Texto: <http://www.jr.co.il/hotsites/j-torah.htm>

Trata do mesmo assunto para os *Mapuche Rauco*, como é o meu caso com os *Mapuche Picunche*. é, na aldeia, o pai de todas as crianças. Na paternidade destes seres humanos está longe da que defino no Capítulo I, ao falar de Pater Famílias ou autoridade da casa. O Pai dentro destes grupos, é um adulto designado, casado ou não, para observar as brincadeiras e afazeres dos mais novos, ou, eventualmente, colaborar nos trabalhos de escola, do que eu denomino Ensino e Aprendizagem O Pai de turno, é um ser carinhoso que não ralha e transfere saberes. Muito semelhante ao detalhe de Durkheim e do *Aleteucha*, distante do nosso Pater cujo objectivo é manter distância, tomar conta da pessoa e a representar e gerir os seus bens. Entre nós, é a primeira palavra da oração cristã para pedir misericórdia e perdão. Malinowski, no seu livro de 1926, diz: « *Le père est ainsi un ami bienveillant des enfants et, comme tel, aimé d'eux* » – ver citação Capítulo III e descrição do comportamento. Uso a versão francesa de 1930. O Website, no Capítulo III.

Victor Hugo, *Entretiens*, 1847, citado pelo editor do site *Les Classiques des Sciences Sociales*, Jean- Marie Tremblay. Vida e obra em : http://pt.wikipedia.org/wiki/Victor_Hugo

Vitz, Paul, 2002: *Sigmund Freud's Christian Unconscious*, Amazon <http://www.amazon.com/exec/obidos/tg/detail/-/0802806902/002-1307274-1097621?v=glance>

Website com texto e debate: <http://www.nathan.co.za/biblepor.asp?chapter=4>

Wojtila, Karol, 1992: *Catecismo da Igreja Católica*, artigos 2197 a 2257 <http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Catecismo+da+Igreja+Cat%C3%B3lica&btnG=Pesquisar&lr> .

Wojtila, Karol: *Catecismo da Igreja Católica*, 1992, artigos 2197 e seguintes: *O [§4]quarto mandamento encabeça a segunda tábuca. Indica ordem da caridade. Deus quis que, depois dele mesmo, honrássemos nossos pais, a quem devemos a vida e que nos transmitiram o conhecimento de Deus. Devemos honrar e*

Wundt, Wilhelm, 1870: *Totem e Tabu - Tabu e ambivalência emocional*; Wilhelm Wundt describes taboo as "the oldest unwritten laws of humanity". ...Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF->

[&q=Wundt++on+totemism&btnG=Pesquisar&meta=](#) ; Sir James Frazer, 1922, *The Golden Bough*. Há versão portuguesa. Claude Lévi-Strauss, 1962: *Le totemism aujourd'hui*, PUF, Paris. A sua ideia central é: "*Appliquant la méthode structurale, Lévi-Strauss définit le totémisme comme recouvrant des relations réglées entre deux séries, l'une naturelle et l'autre culturelle. La série naturelle comprend des catégories et des individus. La série culturelle comprend des groupes et des personnes. Il y a quatre façons d'associer deux à deux les termes provenant de séries différentes.*"

Young, Robert 1999: "NEW IDEAS ABOUT THE OEDIPUS COMPLEX, website: <http://www.shef.ac.uk/~psysc/human/chap5.html> ou <http://www.shef.ac.uk/~psysc/psychoanalytic-studies/msg00901.html>

Yourcenar, Marguerite, 1983 : *Le temps, ce grand sculpteur*, Gallimard, Paris. Há versão portuguesa, Diffel, 1984. Website : <http://www.google.pt/search?q=Marguerite+Yourcenar+Le+temps+ce+grand+sculpteur&ie=UTF-8&hl=pt-PT&btnG=Pesquisa+Google&meta=> .

Para a minha neta Maira Rose,

filha de Cristan e Paula van Emden (née Iturra) e irmã do Tomás.

Autor:

Raúl Iturra

[lautaro\[arroba\]netcabo.pt](mailto:lautaro[arroba]netcabo.pt)

[1] <http://mper.chez.tiscali.fr/ComText/EduFreud.html>

[2] Freud, Sigmund, 1909: *Analysis of a phobia of a five-year-old boy*, ou também denominado a "História do Pequeno Hans" - Website para análise e para texto: <http://www.holah.karoo.net/freudstudy.htm> . Diz Freud em parte do texto: "*One of the key themes of Freud work is the importance of the first few years of life in the*

subsequent development of personality. He also believed that children experience emotional conflicts, and their future adjustment depends on how these conflicts are resolved..." E fala a seguir de uma temática, já muito mudada na sua análise, o denominado complexo de Édipo. Daí a ideia dos pequenos vilões, que desejam matar o progenitor do sexo oposto e tem ciúmes do, do mesmo sexo. Website citado nesta nota.

[3] Ferenczi, Sandor, 1912: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Sandor+Ferenczi+Arp%C3%A1d&btnG=Pesquisar&meta=>

[4] Freud, Sigmund, 1905: *On Sexuality*, citado dentro do texto

[5] Freud, Sigmund, (1913) 1930: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+La+malaise+dans+la+culture&btnG=Pesquisa+Google&meta=> Ver motor *Les Classiques en sciences sociales*, para debate e texto completo, em francês.

[6] Godelier, Maurice, 1981: *La production des grandes hommes*, Fayard, Paris. <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Godelier+La+production+de+grandes+hommes&btnG=Pesquisar&meta=>

[7][7] Malinowski, Bronislaw, 1928: *Sexual repression in savage society*, Routledge and Kegan Paul, Londres. <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Bronislaw+Malinowski+The+sexual+repression+in+savage+society&btnG=Pesquisar&meta=> , ver site *Les Classiques en Sciences Sociales* para texto completo em francês, 1930.

[8] Freud, Sigmund, (1913 em alemão) 1919: *Totem and Taboo. Resemblances between the Psychic lives of the savages and neurotics*, George Routledge & Sons. Website: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+Totem+and+taboo&btnG=Pesquisar&meta=> Texto em francês no site referido *Les Classiques*.

[9] Devereux, Georges, (1985) 1975: *Ethnopsychanalyse Complémentariste*, Flammarion, Paris ; 1961 (1974) *Ethnopsychiatrie des Indiens Mohaves*, Réédité par Smithsonian Institutions Press, Paris. Site para debate sem texto:

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Georges+Devereux+Oeuvres+&btnG=Pesquisar&meta=>

[9a] Bayley, Jaime, 1994: No se lo digas a nadie, Seix Barral, website com comentários e recensão, em: http://www.boardsnet.com/noselo_digas_a_nadie.htm

[10] *Dez Mandamentos*, ver em Wojtila, Karol, 1992: *O Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra. <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Catecismo+da+Igreja+cat%C3%B3lica&btnG=Pesquisar&meta=>

[11] *Código de Justiniano*, (527) 1888, Editorial Lex Nova, Valladolid. Site com texto. <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=C%C3%B3digo+de+Justiniano&btnG=Pesquisar&meta=>

[12] Dolto, Françoise, 1977: *L'évangile au risque de la psychanalyse*, dois volumes, Seuil. Site sem texto <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Fran%C3%A7oise+Dolto+L%27%C3%89vangile+au+risque+de+la&btnG=Pesquisar&meta=>

[13] Miller, Alice, (1987 em alemão) 1990: *For your own good. The roots of violence in Child-rearing*, Virago, Londres. Site sem texto <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Alice+Miller+For+your+own+good&btnG=Pesquisar&meta=>

[14] Sampaio, Daniel, 1994: *Inventem-se novos pais*, Caminho. Site para comentários sem texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Daniel+Sampaio+Inventem-se+novos+pais&btnG=Pesquisar&meta=>

[15] Estes conceitos são analisados, o primeiro, por Sigmund Freud ao desenvolver em 1885 as ideias de *Eros* e *Thanatos*, enquanto o segundo é um derivado dos conceitos de Melanie Klein nas palavras do seu discípulo Wilfred Bion, citações tratadas nos capítulos seguintes.

[16] Bronislaw Malinowski para o Arquipélago Kiriwina na Melanésia, Maurice Godelier para os Baruya da mesma área, Raymond Firth para a Nova Zelândia, Jorge Dias para os Maconde de Moçambique, Luís Silva Pererira para os Mapuche

Rauco do Chile, Sónia Ferreira para os familiares de detidos desaparecidos do mesmo país, e eu próprio, entre outros autores, para os Picunche da Cordillera de los Andes na América Latina. Analisa grupos de Java na Indonésia e outros na Índia, Wilhem Kraepelin no Século XVIII para XIX, com o objectivo de procurar semelhança na causa das doenças denominadas depressivas. Émile Durkheim, discípulo do psicólogo Alemão Wilhelm Wundt, entre XIX e XX estuda Australianos, tal e qual Sigmund Freud, discípulo de Jean Charcot durante esse tempo, e outros consignados no texto, como o Antropólogo Marcel Mauss e a sua análise de várias etnias do mundo e o seu comportamento mítico, legal e económico, o seu discípulo Georges Devereux para os Mohave Norte americanos, aos mediados do Século XX, o Húngaro Gézha Róheim sobre Austrália e o Sul-Africano Britânico Meyer Forte, sobre os Ashante da Antiga Costa de Ouro, hoje Ghana, de descendência uni linear – matrimónio entre cruzado entre filhos de irmãos: o primo com a prima; e Margaret Mead em Samoa, especialmente sobre o povo Arapesh, cujas mães procuram mulher para os seus filhos.

Website

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Meyer+Fortes+Ashanti&spell=1> Pais todos cuja realidade heterogénea é procurar a reprodução da linhagem dentro das normas culturais. Se uma prima Tallensi da Antiga Costa de Ouro – hoje Ghana -tem o dobro da idade do primo filho de irmã, o matrimónio, combinado por linhas de parentesco por mandato da cultura, realiza-se e o adultério passa a ser proibido para proteger a mulher mais velha, apesar de acontecer com certa cumplicidade parental masculina.

[17] Referido no Capítulo I e parte do II.

[18] Godelier, Maurice, 1981: *La production des Grandes Hommes*, Fayard, II Parte, paginas 119 a 253.

[19] Robertson Smith, William, 1929 : *The religion of the semites*, entre outros.
Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=William+Robertson-Smith+The+religion+of+the+Semites&btnG=Pesquisar&meta=>

[20] Wojtila, Catecismo da Igreja Católica, 1992, artigos 2197 e seguintes: *O [§4] quarto mandamento encabeça a segunda tábuca. Indica ordem da caridade. Deus quis que, depois dele mesmo, honrássemos nossos pais, a quem devemos a vida e que nos transmitiram o conhecimento de Deus. Devemos honrar e respeitar todos aqueles*

que Deus, para o nosso bem, revestiu de sua autoridade. Web site <http://angelgireh.tripod.com/tp07.html>

[21] Malinowski, Bronislaw, obra referida, volume II, páginas 123 e seguintes, análise que inclui o incesto como aberração web site e texto http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/malinowski/vie_sexuelle_2.doc . O autor afirma que a relação homossexual é platónica, a denomina pulsão e autorizada pelo costume. A única aberração sexual punida com separação, evitar encontros e pronunciar o nome, é para relações incestuosas e quem deve tratar do assunto é a mãe que, eventualmente, pode receber a filha de volta em casa. O homem não tem punição, excepto a reprimenda do chefe da tribo e ser banido da área onde o facto aconteceu. Apesar de analisar estes factos no Capítulo 3, não podia deixar de insistir na realidade dos pais, neste caso, da mãe e do seu irmão. A regra que orienta o comportamento é: "un caverne, une ligne, un sous-clan", página 140, # 4 do texto Net. Bem como existe uma outra prova do incesto: larva no corpo da pessoa defunta, facto que os ascendentes e descendentes não podem ocultar. Donde, a exogamia ser um tabu absoluto. No entanto, as denominadas Aberrações são apenas comportamentos fora da regra cultural, reprimidos pelos ancestrais e os mais velhos, mas sem maior punição nem associados a doenças psicopatas, como analisa Freud em 1905 <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+The+sexual+aberrations&btnG=Pesquisar&meta=> A sua explicação é que o ser humano tem a tendência a procurar o prazer da sua libido nas formas "invertidas" de agir, na bissexualidade, no incesto, masturbação e outras actividades libidinosas eróticas, que ele denomina como sexualidade não amadurecida, ideias retiradas do *Tora*, a sua Bíblia. Estas ideias levaram Freud acrescentar uma nota em 1910, para condenar de vez as ditas aberrações, quer na Europa como sítio,, quer no ser humano: "Deviation in Respect of the Sexual Aim" que define como "*the normal sexual aim is regarded as being the union of the genitals in the act known as copulation...a satisfaction analogous to the sating of hunger*" e a nota a este parágrafo de 1910: "*The most striking distinction between the erotic life of antiquity and our own no doubt lies in the fact that the ancient laid the stress upon the instinct itself, whereas we emphasize the object...we despise the instinctual activity in itself, and find excuses for it only in the merits of the object*", retuírado da versão inglesa original, página 61, Penguin, Londres. Website flash.lakeheadu.ca/~engl4904/freud.html

[22] Dias, Jorge, 1996: *Os Maconde de Moçambique*, IIE, Lisboa.

[23] Durkheim, Émile, citado mais em frente. A cerimónia que refiro está nas páginas 327-324 da versão inglesa de 1914, que uso da editora George Allen and Unwin, Londres.

[24] Autor e texto referidos, páginas 119 e seguintes.

[25] Melo, Rosa Maria, 2000: *O Rito do Eufuko. A iniciação feminina entre os Handa de Angola*, policopeado, Biblioteca do ISCTE.

[26] Silva Pereira, Luís 1999, no seu texto: *Médico, Xamã e Ervanária*, Ispa, Lisboa, Website para informação e debate em: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Lu%C3%ADs++Cirilo+Silva+Pereira+ISPA&btnG=Pesquisar&meta=>

Trata do mesmo assunto para os *Mapuche Rauco*, como é o meu caso com os *Mapuche Picunche*. é a aldeia o pai de todas as crianças. E a paternidade destes seres humanos está longe da que defino no Capítulo I, ao falar de Pater Famílias ou autoridade da casa. O Pai dentro de estes grupos, é um adulto designado, casado ou não, para observar as brincadeiras e afazeres dos mais novos, ou, eventualmente, colaborar nos trabalhos de escola, do que eu denomino Ensino e Aprendizagem O Pai de turno, é um ser carinhoso que não ralha e transfere saberes. Muito semelhante ao detalhe de Durkheim e do *Aleteucha*, distante do nosso Pater cujo objectivo é manter distância, tomar conta da pessoa e a representar e gerir os seus bens. Entre nós, é a primeira palavra da oração cristã para pedir misericórdia e perdão. Malinowski, no seu livro de 1926, diz: « Le père est ainsi un ami bienveillant des enfants et, comme tel, aimé d'eux » – ver citação Capítulo III e descrição do comportamento. Uso a versão francesa de 1930. O Website, no Capítulo III.

[27] Firth, Raymond, 1929: *Primitive Economy of the New Zealand Maori*, Routledge and Kegan Paul. Website com texto de Les Classiques en Sciences Sociales <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Raymond+Firth+Primitive+economics+of+the+New&btnG=Pesquisar&meta=>

[28] Radcliffe Brown, Sir Archibald Reginald, 1955: *Structure and function in Primitive Society*, Cohen and West Ltd, Londres. Website com texto: http://www.ugac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/radcliffe_brown/radcliffe_brown.html

[29] Texto que é o Capítulo 1 do livro citado na nota anterior.

[30] Radcliffe-Brown, Sir Archibald Reginald, 1939: *Taboo*, CUP ou website com o texto www.bol.ucla.edu/~cdn/pubs/meattaboo.pdf

[31] <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Defini%C3%A7%C3%A3o+Incesto++&btnG=Pesquisar&meta=>

[32] Hopkins, Keith, 1987: "The universality of incest" in **Digital Archive of PSYCHOHISTORY**, Website para debate e texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Keith+Hopkins++The+Universality+of+Incest&btnG=Pesquisar&meta=>

[33] Fortes, Meyer, 1938: "Sociological and psychological aspects of education in Taleland", in *Africa*, Suplemento, Volume XI, Nº4 páginas 40 em frente. Website para texto e debate <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Meyer+Fortes+Sociological++psychological+aspects++education++Thailand&btnG=Pesquisar&meta=>

[34] Goody, Jack, 1966: *Succession to High Office* (org), CUP; 1971: *Technology, Tradition and the State in Africa*, Oxford University Press; 1976: *Production and Reproduction*, CUP; 1977: *The domestication of the savage Mind*, website para debate: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Jack+Goody+Bibliography&btnG=Pesquisar&meta=>

[35] Giddens, Anthony, 2000: *The third way and its critics*, Polity Press, Cambridge Grã-bretanha. Website para comentários e debate <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Anthony+Giddens+The+third+way&btnG=Pesquisar&meta=>

[36] Szondi, Léopold, 1930 foi o ano decisivo para o desenvolvimento de sua teoria, "*A Psicologia do Destino*". A partir dos dados colectados de famílias com filhos com algum tipo de deficiência, começou a delinear a teoria da electividade genética e propensão para determinadas doenças. Numa época de muitos perigos, principalmente para a população de origem judaica da Hungria, desenvolveu o "genoteste" e a análise do destino. Muitas famílias fugiram para outros países, mas Szondi, não. Ele lá permaneceu pois o seu trabalho estava num estágio muito avançado. Em 1941, foi obrigado a abandonar o seu status académico, o professorado e a direcção do laboratório de psiquiatria da Universidade Real Húngara. Em Julho de 1944 foi levado, junto com sua mulher e seus dois filhos para um campo de concentração em Bergen-Belsen, próximo a Hamburgo, deixando para trás todo o seu trabalho. No entanto, lá ele continuou difundindo suas ideias para seus colegas de prisão. Em Dezembro de 1944, os americanos conseguiram negociar uma troca com os alemães, que resultou na libertação de 1365 pessoas, entre elas Szondi e sua família, esta acolhida pela Suíça

Há evidências que sugerem que C.G. Jung foi um dos que activamente contribuíram para sua libertação. O contacto entre ambos era próximo, embora Jung jamais tenha mencionado Szondi em sua obra. O texto mais importante é de 1947: *Traité du diagnostique expérimental des pulsions*, base do teste que, durante dez anos, fez em crianças entre os 8 e 10 anos para poder entender se as pulsoes eram coordenadas ou autónomas. Website <http://www.gwconsult.com.br/Szondi.asp> , para o autor o Website é <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Szondi+&btnG=Pesquisar&meta=>

Para o texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Leopold+Szondi+Trait%C3%A9+du+diagnostic+experimental+de+pulsion&btnG=Pesquisar&meta=>

[37] Melón, Jean e Stasaart, Martine, 2004: «La contribution du Szondi à l'Ethnopsicologie », em website, com texto e comentários <http://www.Szondiforum.com/szondiet.htm>

[38] Mito de Caim e Abel, Génesis, Bíblia de toda religião, incluindo o Alcorão: Génesis 4

1 E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu á luz a Caim, e disse:

Alcancei do SENHOR um homem.
2 E deu á luz mais a seu irmão Abel; e Abel foi pastor de ovelhas, e Caim foi lavrador da terra.
3 E aconteceu ao cabo de dias que Caim trouxe do fruto da terra uma oferta ao SENHOR.
4 E Abel também trouxe dos primogénitos das suas ovelhas, e da sua gordura; e atentou o SENHOR para Abel e para a sua oferta.
5 Mas para Caim e para a sua oferta não atentou. E irou-se Caim fortemente, e descaiu-lhe o semblante.
6 E o SENHOR disse a Caim: Por que te iraste? E por que descaiu o teu semblante?
7 Se bem fizeres, não é certo que serás aceito? E se não fizeres bem, o pecado jaz á porta, e sobre ti será o seu desejo, mas sobre ele debes dominar.
8 E falou Caim com o seu irmão Abel; e sucedeu que, estando eles no campo, se levantou Caim contra o seu irmão Abel, e o matou.
9 E disse o SENHOR a Caim: Onde está Abel, teu irmão? E ele disse: *não sei; sou eu guardador do meu irmão?*
10 E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra.
11 E agora maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue do teu irmão.
12 Quando lavrares a terra, não te dará mais a sua força; fugitivo e vagabundo serás na terra.
13 Então disse Caim ao SENHOR: é maior a minha maldade que a que possa ser perdoada.
14 Eis que hoje me lanças da face da terra, e da tua face me esconderei; e serei fugitivo e vagabundo na terra, e será que todo aquele que me achar, me matará.
15 O SENHOR, porém, disse-lhe: Portanto qualquer que matar a Caim, sete vezes será castigado. E pós o SENHOR um sinal em Caim, para que o não ferisse qualquer que o achasse.
16 E saiu Caim de diante da face do SENHOR, e habitou na terra de Node, do lado oriental do éden.

Website com texto e debate: <http://www.nathan.co.za/biblepor.asp?chapter=4>

[39] O Código civil Português define a relação entre nubentes, de formas diferentes: ARTIGO 1577º

(Noção de casamento)

Casamento é o contrato celebrado entre duas pessoas de sexo diferente, ique pretendem constituir família mediante uma plena comunhão de vida, nos termos das disposições deste Código. (Redacção do Dec. - Lei 496/77, de 25-11)

http://homepage.esoterica.pt/~anabelar/CodigoCivilPortugues.html#_Hlk446308267

[40] Estado livre. Este requisito é para demonstrar que os noivos não têm vínculo anterior que impeça o matrimónio Atestado de óbito do cônjuge anterior, quando se trata de nubente viúvo;

- Certidão de baptismo para fim matrimonial. Certidão de baptismo para fim matrimonial, de cada um dos noivos. O documento tem validade de 6 meses. Quando não se encontrar o termo do baptismo, providencia-se uma certidão negativa. Neste caso, pede-se o testemunho sob juramento de pessoas de confiança que conheçam o(a) nubente. Não havendo esse testemunho, o(a) nubente deverá ser baptizado(a) sob condição.

- Comprovante de residência na Paróquia (geralmente contas mensais em nome do noivo ou da noiva, ou de seus respectivos pais). Porém, caso os noivos peçam transferência de Paróquia para celebração do casamento, esta não poderá ser negada.

- Certidão do Curso de noivo ou Preparação Doutrinal, que é curso de apenas alguns dias. O documento tem validade de 6 meses.

- Recibo do pagamento da taxa de 672,00 reais (*), que pode ser paga 50% na reserva da data da cerimónia e 50% até quinze dias antes do casamento.

<http://www.cobra.pages.nom.br/bm-casamentoreligdoc.html>

[41] Ver artigos 1587 a 1590 do mencionado Código, versão de 2001 ou recente modificação. Website nota (2) **1**

[42] Cyrulnik, Boris, 1991: *La naissance du sens*, Hachette, Paris; 1993: *Les nourritures affectives*, Odile Jacob, Paris; 2001: *Les vilaines petites canards*, Odile Jacob, Paris. Há versão portuguesa, Piaget, 2003, como *Resiliência. Essa inaudita capacidade de construção humana*, Lisboa. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Boris+Cyrulnik&btnG=Pesquisa+Google&meta=>

[43] Sá, Eduardo, 2003: *Tudo o que o amor não é*, Oficina do Livro, Lisboa, página 26. Recomendo ver páginas 24 a 27, para contextualizar a ideia, frase estruturada por mim. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Eduardo+S%C3%A1&btnG=Pesquisar&meta=>

[44] Iturra, Raúl, 2000: *O saber sexual das crianças. Desejo-te, porque te amo*, Afrontamento, Porto. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Ra%C3%BAI+Iturra&btnG=Pesquisar&meta=>

[45] Sá, Eduardo, 2003, 4ª Edição revisada, Junho de 2003: *Psicologia dos pais e do brincar*, Fim de Século, Lisboa. Website nota 5

[46] Sá, op. Cit, parágrafo 2. Website nota 5

[47] Héritier, Françoise; Cyrulnik, Boris; Naouri, Aldo; Vrignaud, Dominique; Xanthakou, Marguerita: 1994: *De l'inceste*, Odile Jacob, Paris. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Fran%C3%A7oise+Heritier&btnG=Pesquisar&meta=>

[48] Malinowski, Bronislaw, 1921: *Sex and repression in primitive societies*, Routledge and Kegan Paul Londres. Há versão francesa de 1930 de *Les Classiques en Sciences Sociales* e portuguesa, Vozes, 1973 <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Bronislaw+Malinowski+Sex+and+repression&btnG=Pesquisar&meta=> .

[49] Iturra, Raúl, 2001: *O Caos da criança. Ensaio de Antropologia da Educação*, Livros Horizonte, Lisboa, resultado dos meus debates com o meu amigo ausente, Pierre Bourdieu. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Ra%C3%BAI+Iturra&btnG=Pesquisar&meta=>

[8&q=Ra%C3%BAI+Iturra+O+caos+da+crian%C3%A7a.+Ensaio+de+Antropologia+da+Educa%C3%A7%C3%A3o&btnG=Pesquisar&meta=](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Ra%C3%BAI+Iturra+O+caos+da+crian%C3%A7a.+Ensaio+de+Antropologia+da+Educa%C3%A7%C3%A3o&btnG=Pesquisar&meta=)

[50] Iturra, Raúl, 1998: *O Imaginário das crianças. Os silêncios da cultura oral*, Fim de Século, Lisboa. 2ª Edição, corrigida e aumentada, Fim de Século, Lisboa. Website: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Ra%C3%BAI+Iturra+O+imagin%C3%A1rio+das+crian%C3%A7as.+Os+sil%C3%A2ncios+da+cultura+oral&btnG=Pesquisar&meta=>

[51] Cyrulnik, Boris, 2003: *Le murmure des fantômes*, Odile Jacob, Paris. Há versão portuguesa em Temas e Debates - Actividades Editoriais, Lisboa. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Boris+Cyrulnik.+Les+murmures+des+fantomes&btnG=Pesquisar&meta=>

[52] Cyrulnik, obra citada, página 19, primeiro e segundo parágrafos invertidos. Website nota anterior.

[53] Código Civil Português, versão de 2001 http://homepage.esoterica.pt/~anabelar/CodigoCivilPortugues.html#_Hlk446308267

[54] *Código Civil Português*, 2001, Título 10-Da Filiação, especialmente artigos 1874 a 1876.

[55] Wojtila, Karol, 1992: *Catecismo da Igreja Católica*, artigos 2197 a 2257 <http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Catecismo+da+Igreja+Cat%C3%B3lica&btnG=Pesquisar&lr=>

[56] Catecismo citado, página 479. Os das Igrejas Luteranas de 1525, Calvinistas de 1535 e Anglicana de 1635, referem o mesmo tipo de deveres. Catecismo Luterano <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Martin+Luther+Small+Catechism&spell=1> Jean Calvin: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Jeane+Calvin+Catechism&spell=1> Catecismo Anglicano <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Anglican+Catechism&btnG=Pesquisar&meta=>

[57] Iturra, Raúl, 1998: *Como era quando não era como sou. O crescimento das crianças*, Profedições, Porto.

2002^a) *A religião como teoria de reprodução social*, Fim de Século, Lisboa e b) *A economia deriva da religião*, Afrontamento, Porto. Ver nota 11 e 12

[58] Código Civil Português, 2001, artigo 1878. <http://homepage.oninet.pt/806mbx/famsucess/legis/cclivroiv.htm#titulo3>

[59] http://members.fortunecity.es/robertexto/archivo10/dere_romano.htm e <http://www.google.pt/search?q=Codigo+Justiniano+Pater+Potestas&ie=UTF-8&hl=pt-PT&btnG=Pesquisa+Google&meta=>

[60] http://en.wikipedia.org/wiki/Breviary_of_Alaric

[61] Hipona, Agostinho, 398: *Confissões* <http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Agostinho+de+Hipona+Confessions&spell=1> ;409: *O Livre Arbítrio* <http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Agostinho+de+Hipona+Livre+Arb%C3%ADtrio&btnG=Pesquisar&lr=> ; 412: *A Cidade de Deus* <http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Agostinho+de+Hipona+A+Cidade+de+Deus&btnG=Pesquisar&lr=>

[62] Retirado en castellano-parte del texto es en latín - de la versión de 1892, de D. Idelfonso Garcia del Corral Livro II, Tomo 4, Código de Derecho Romano, Jaime Molina Editor, Barcelona. <http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Codigo+Justiniano+&btnG=Pesquisar&lr=>

[63] Quesnay, François, (1756)1888: *Oeuvres de Quesnay*, Oncken, Paris. Versão portuguesa, Gulbenkian, Lisboa. http://gallica.bnf.fr/Fonds_Tables/000/M0005448.htm

[64] Smith, Adam, 1776: *An enquire into the causes and reasons of the wealth of nations*, George Routledge and Sons, Londres. Há versão portuguesa, Gulbenkian, Lisboa. <http://www.adamsmith.org/won-b5-cl-article-2-ss1.htm>

[65] Marx, Karl, 1862 e 1863, (1977): *Theories of Surplus Value*, Oxford University Press. Website <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1863/theories->

[surplus-value/preface.htm](#) ou <http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Karl+Marx+Theories+of+Surplus+Value+1862+e+1863&btnG=Pesquisar&lr=>

[66] Smith, Adam, (1759) 2000: *The theory of the moral sentiments*, Prometheus Books, Nova Iorque. Website <http://www.adamsmith.org/smith/tms/tms-p1-s2-intro.htm>

[67] Babeuf, Grachus, 1795 <http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Grachus+Babeuf+Le+manifeste+de+pl%C3%A9b%C3%A9iens&btnG=Pesquisa&lr=>

[68] Yourcenar, Marguerite, 1983: *Le temps, ce grand sculpteur*, Gallimard, Paris. Há versão portuguesa, Difel, 1984. Website : <http://www.google.pt/search?q=Marguerite+Yourcenar+Le+temps+ce+grand+sculpteur&ie=UTF-8&hl=pt-PT&btnG=Pesquisa+Google&meta=>

[69] Marquez Garcia, Gabriel, 1989: *El general en su laberinto*, Mondadori, España, página 106. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Garcia+M%C3%A1rquez+El+general+en+ssu+laberinto&btnG=Pesquisar&meta=>

[70] Yourcenar, obra citada, página 158 da versão lusa que leio.

[71] Platão, c.427, antes de nossa era, Europa-América, Lisboa, 1986. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Plat%C3%A3o+O+banquete&btnG=Pesquisar&meta=>

[72] Platão, *O Banquete*, frase retirada de <http://loja.autenticaeditora.com.br/loja01/detalhes.php?id=100> , Haroldo Marques.

[73] Platão, obra citada, páginas 62, 63 e seguintes.

[74] García Márquez, Gabriel, 1962: *Cien años de soledad*, Mondadori, Madrid; 1982. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Garcia+M%C3%A1rquez+Cien+a%C3%B1os+de+soledad&btnG=Pesquisar&meta=> : *Crónica de una muerte anunciada* Bruguera, Barcelona; 1985,

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Garcia+M%C3%A1rquez+Cr%C3%B3nica+de+una+muerte+anunciada&btnG=Pesquisar&meta=>

: *El amor en los tiempos del cólera*, Bruguera, Barcelona.

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Garcia+M%C3%A1rquez+El+amor+en+los+tiempos+del+c%C3%B3lera&btnG=Pesquisar&meta=>

[75] Cyrulnik, texto nota seguinte, páginas 26 e 28. Por acaso há um website de comentários:

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Boris+Cyrulnik&btnG=Pesquisar&meta=>

[76] Cyrulnik, Boris, 2001: *Les vilains petits canards*, já citada, páginas 224 e 225, citação composta por mim para o leitor melhor entender a ideia de amor e desenvolvimento, mas com a necessidade de ler a obra...

[77] Feuerbach, Ludwig, (1848-1849) 1989: *A essência da religião*, Papirus, Campinas. Website do texto não existe, mas há comentários em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Feuerbach>

[78] Freud, Sigmund, (1912) 1923: *Totem et Tabou. Interprétation par la psychanalyse de la vie sociale des peuples primitifs*, website com texto : http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/freud_sigmund/totem_tabou/totem_tabou.htm l

Freud, Sigmund, 1929: *Malaise dans la civilisation*, website com texto : http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/freud_sigmund/malaise_civilisation/malaise_civilisation.html

[79] Freud, Sigmund, 1895 : « Ensemble organisé de désires amoureux et hostiles que l'enfant éprouve à l'égard des ses parents... désir de la mort de ce rival qu'est le personnage du même sexe et désir sexuel par le personnage de sexe opposé »

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Sigmund+Freud+Le+compl%C3%A9xe+d%27Oedipe&btnG=Pesquisar&meta=>

[80] Klein, Melanie, 1928: Early stages in the Oedipus complex. Contributions to Psycho-Analysis, 1921-1945 (includes "Early Stages of the Oedipus Conflict 1928" and "The Oedipus Complex in the Light of Early Anxieties, 1945") (hyperligação para o texto)

[81] Cyrulnik, Boris, 2001 : *Les vilaines petits canards*, obra citada, página 225.

[82] Lutero, Martin, 1529: *Catechism*, Concórdia Publishing House, St Louis, USA. Website com texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Martin+Lutero+Catechism&btnG=Pesquisar&meta=> texto: <http://www.luther.de/en/>

[83] *Alcorão*, Muhammad, (570?) (632), 1989: *Alcorão*, Europa-América, Lisboa. Website com comentários: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Mohamed+Alcor%C3%A3o+on+line&btnG=Pesquisar&meta=>

[84] *Tora*, Livro denominado *Antigo Testamento* ou *Bíblia*, de data duvidosa de origem. No entanto, o *Tora* parece ser c. 1000, antes da nossa era; 1996: Editorial Desclée de Brouwer, Bilbao. Website com comentários. Texto: <http://www.jr.co.il/hotsites/j-torah.htm>

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Torah&btnG=Pesquisar&meta=>

[85] *Catecismo da Igreja Católica*, página 471, artigo 2196. Ver nota 17 para Website e referências.

[86] Paulo de Tarso, *Carta aos Romanos o Epístola*, C. 13, versículos 1 a 3. A versão que uso é Castelhana, Bac, 1956, Madrid. Também

<http://www.google.pt/search?q=Paulo+de+Tarso+Ep%C3%ADstola+aos+Romanos&ie=UTF-8&hl=pt-PT&btnG=Pesquisa+Google&meta=>

[87] Seno Chibeni, Sílvio, 2000: "Caridade e amor" em *Revista Mundo Espírita*, São Paulo. Website com texto <http://www.geocities.com/athens/academy/8482/caridade.html> . Para mais debate ver

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=+Defini%C3%A7%C3%A3o+Caridade&btnG=Pesquisar&meta=>

[88] *Constituição da República Portuguesa*, 2001, Revista em 2004, edição organizada por José Magalhães, Editorial Notícias, Lisboa. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Constitui%C3%A7%C3%A3o+da+Rep%C3%BAblica+Portuguesa+2001&btnG=Pesquisar&meta> texto integral, com texto da revisão constitucional de 2004 http://www.cne.pt/_x.cfm?sec=06010000

[89] http://www.cne.pt/Legislacao/dlfiles/crp_pt2004_integral.pdf f Versão de 2004.

[90] Dolto, Françoise, 1977: *L'évangile au risque de la psychanalyse*, Volume II, éditions de Seuil. Resposta de Dolto a um comentário de Gérard Sévérin, que conduz a entrevista : « ce jeune prodige lui, est descendu á ses propres "enfens"», páginas 66 e seguintes. Website apenas para bibliografia, resenções e comentários, em: <http://www.google.pt/search?q=Fran%C3%A7oise+Dolto+G%C3%A9rard+S%C3%A9v%C3%A9rin+L%27%C3%89vangile+au+risque+de+la+psychanalyse&ie=UTF-8&hl=pt-PT&btnG=Pesquisa+Google&meta=>

[91] *Código Penal*, 1998, Vislis Editores, Lisboa. Website http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=C%C3%B3digo+Penal+de+Portugal+1998&btnG=Pesquisar&meta=lr%3Dlang_pt apenas troços de texto e comentários.

[92] *Catecismo da Igreja Católica*, 1992, mesmo site notas anterior.

[93] Página 481 do texto referido

[94] Artigo 2240, obre citada, página 479

[95] Página 476 da obra em análise.

[96] Mesma obra, página 481

[97] Cyrulnik, Boris, 1999: *La naissance du sens*, já referido e citado *in passim* nesta parte do texto.

[98] <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Psychiatrie+Infirmiere&btnG=Pesquisa+Google&meta>

[99] Definição retirada da Net de um curso para preparar pessoas encarregue de tratar com seres humanos em interacção social, de diferentes estados e diferentes formas de entender o real. Website http://psichiatrieinfirmiere.free.fr/Pages_Fispethnopsychiatrie/ethnopsychiatrie

[100] Lévi-Strauss, Claude, 1961, *La pensée sauvage*, Plon, Paris. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=L%C3%A9vi-Strauss+La+pens%C3%A9e+sauvage&btnG=Pesquisar&meta=>

[101] Os comentários ás obras que permitem a reconstrução do parágrafo citado, são resultado da leitura *in passim* dos textos referidos. é evidente que os três autores estão a referir grupos sociais para além do nosso, etnias estudadas recentemente, como o caso dos Bosquimanos, Nuer, Navahos, Samoanos, Tallensi, e, pela minha parte, Mapuche Picunche, Mapuche Rauco, Huilliches, Aymara e outros, e a sua comparação com os nossos próprios grupos através do tempo, na França, nos USA, na Grã-bretanha, etc. Dai que a classificação etária da "criança" possa ser heterogénea e mutável conforme o grupo que define a hierarquia que concede a um indivíduo. Pelo que, muito embora todos os textos falem de **Etnopsiquiatria**, o conceito correcto para mim é **Etnopsicologia**, ao estudar o comportamento através da cultura e não das definições analíticas do comportamento individual em relação a cultura. O troço seleccionado fala do agir definido pelo que tenho denominado análise dos parâmetros da cultura que orientam as nossas emoções e não o afastar-se de formas de comportamento, de forma

que eu denominaria rebelde, biológica, genética ou, pelo menos, de aprendizagem de conduta social em rebeldia com o definido pela cultura. Como Lévi-Strauss define e como veremos mais em frente o faz Malinowski. Fica assim a minha passagem de um conceito que define doença, para outro que estuda a cultura e os seus indivíduos

[102] As minhas traduções e interpretação.

[103] Cyrulnik, Boris, 2001: *Les villaines petits canards*, Odile Jacob, Paris.
<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Boris+Cyrulnik+Bibliographie&btnG=Pesquisar&meta=>

[104] Infante: Cânon 97, &2: *O menor, antes de completar os setes anos, chama-se infante e considera-se que não tem uso da razão; completados os sete anos, presume-se que o tem.* Website: www.dgsi.pt/bsge.nsf/0/61b20df8ac73264f80256b80003e25a7?OpenDocument

[105] Iturra, Raúl, 1989: "Pensamento dogmático, Pensamento positivista. O Governo Letrado das Relações Sociais" in *Antropologia Portuguesa*, Vol. 7, Museu e Laboratório de Antropologia, Universidade de Coimbra. Este texto foi a base do meu livro de 1990 a) *Memória e Aprendizagem. A construção social do saber em Vila Ruiva*, Escher, Lisboa, base do conceito debatido por mim da subordinação da criança ao adulto. Website para debate <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Raul+Iturra+Mem%C3%B3ria+e+aprendizagem.+A+constru%C3%A7%C3%A3o+social+&spell=1>

[106] Iturra, Raúl, 1998: *Como era quando não era o que sou. O crescimento das crianças*, Profedições, Porto; e 2000: *O saber sexual das crianças. Desejo-te porque te amo*, Afrontamento, Porto. Website nota anterior.

[107] Godelier, Maurice, 1981, *La Production des Grands Hommes*, Fayard, Paris. Website www.arte-tv.com/.../Le_20Monde_20des_20Papous/_20Rites_20_20Initiations/220072,CmC=401656.html

[108] Alice Miller, 1988: *Das verbannte Wissen*, Surkham Verlag, Frankfurt am Main- Versão Castellana: 1990 e 1998: *El saber proscrito*, Tusquets Editores, Barcelona. Website para ampla informação e sínteses de obras e artigos :

[http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Alice+Miller+El+saber+proscrito&btnG=Pesquisar&meta=lr%3Dlang_pt)

[8&q=Alice+Miller+El+saber+proscrito&btnG=Pesquisar&meta=lr%3Dlang_pt](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Alice+Miller+El+saber+proscrito&btnG=Pesquisar&meta=lr%3Dlang_pt) Há
versão inglesa de Virago Presss, 1988

[109] Miller, Alice, 1979: *Das Drama des begabten Kinder und die Suche nach dem wahren Selbst*. Versão Castelhana: 1985 e 1998: *El drama del niño dotado y la búsqueda del verdadero yo*, Tustets, Barcelons. Há versão inglesa, Virago, Londres, 1988. Website

[http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Alice+Miller+El+drama+del+ni%C3%B1o+dotado&btnG=Pesquisar&meta=)
[8&q=Alice+Miller+El+drama+del+ni%C3%B1o+dotado&btnG=Pesquisar&meta=](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Alice+Miller+El+drama+del+ni%C3%B1o+dotado&btnG=Pesquisar&meta=)

[110] Klein, Melanie, 1957, *Envy and gratitude*, Tavistock, Londres. Versão Lusa Imago, 1991: *Inveja e Gratidão*, Rio de Janeiro. Texto escrito em inglês no exílio britânico da autora. Website

[http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Melanie+Klein+Envy+and+Gratitude&btnG=Pesquisar&meta=)
[8&q=Melanie+Klein+Envy+and+Gratitude&btnG=Pesquisar&meta=](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Melanie+Klein+Envy+and+Gratitude&btnG=Pesquisar&meta=)

[111] Miller, 1977, páginas 18 a 19, que acrescenta que "*las vivencias traumáticas de toda infancia permanecen en la oscuridad. Ocultas en esas tinieblas permanecen asimismo las claves para la comprensión de toda la vida ulterior*"

[112] Bion, Winifred, 1967: *Learning from experience*, Tavistock, Londres. Reeditado Karnac, Londres, 1984 a 2004. Website para debate, mais informação e síntese de obras:

[http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Winifred+Bion+Learning+from+Experience&btnG=Pesquisar&meta=lr%3Dlang_pt)
[8&q=Winifred+Bion+Learning+from+Experience&btnG=Pesquisar&meta=lr%3Dlang](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Winifred+Bion+Learning+from+Experience&btnG=Pesquisar&meta=lr%3Dlang_pt)
[_pt](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Winifred+Bion+Learning+from+Experience&btnG=Pesquisar&meta=lr%3Dlang_pt)

[113] Klein, obra citada e, especialmnete 1932: *Die psychanalyse des Kindes*, Vienna, Internationaler Psychoanalytischer Verlag. Versão inglesa, 1932, Hoggart Press. *A obra que uso é La psychanalyse des enfants*, PUF, Paris, 1959.

[114] O recém-nascido precisa de um ambiente tranquilo. Ele acaba de passar por uma situação *stressante* – o nascimento – e ainda não assimilou muito bem que já

não está no interior do útero materno. Nesse momento, o pequenino necessita de todo o aconchego do mundo.

Ele ouve muito bem A audição é um dos sentidos mais desenvolvidos durante a vida intra-uterina. Estudos demonstram que um feto no quinto mês já responde a várias modalidades de sons e alguns pesquisadores acreditam que a gestante que pratica música durante a gravidez predispõe o filho para uma sensibilidade natural ao ritmo. É só observar: o recém-nado está atento e responde aos ruídos do ambiente. Quando escuta um barulho mais forte respira em ritmo mais acelerado, ou então sinaliza com o Reflexo de Moro, esticando e encolhendo os braços e as pernas. E tem a sua preferência.

A intensidade e os tipos de ruídos que não atrapalham dependem, em parte, dos sons que o bebê se habituou a ouvir antes de nascer e também do seu temperamento. Contudo, os pais devem observar o comportamento do filho: se a criança se mostra sensível a algum tipo de som, é melhor evitá-lo, pelo menos, por enquanto. Retirado da *Revista Pais e Filhos (Bloch Editores) Setembro de 1996 Website <http://www.infonet.com.br/meubebe/obebe01.htm>* Para informação mais detalhada:

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=l%C3%ADquido+amni%C3%B3tico+sons+beb%C3%A9&btnG=Pesquisar&meta=>

[115] Análise feita por Maria de Melo Azevedo no seu texto *Terapia de uma condição Intra-uterina*. Invoca os estudos do pediatra psicanalista Donald Woods Winnicott, que já nos seus textos de 1969, especialmente *De la pédiatrie á la psychanalyse*, Petite Bibliotheque Payot nº 253 e *L'enfant et le monde exterirur*, mesma editora, nº 205, importava-se, como Melanie Klein, da liberdade da criança desde o seu começo, ou, por outras palavras, desde que parecia ser possível a autonomia da infância, facto pouco conhecido ainda nos nossos dias. A autora do artigo, até invoca a música de Mozart para o seu exemplo da liberdade da criança ou da capacidade de liberdade. Website para debate:

http://ceor.fastlane.com.br/art_nascer_de_novo.htm . Ou ceor.fastlane.com.br/art_nascer_de_novo.htm. Para a *Revista Pai e Filhos* ou *Viver Psicologia on line*: ver Website <http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF->

[8&q=Revista+Pais+e+Filhos&btnG=Pesquisar&lr=](http://www.revistaviverpsicologia.com.br/site2/detalhe.php?edicao2=124&pag_id=254) ou:
www.revistaviverpsicologia.com.br/site2/detalhe.php?edicao2=124&pag_id=254

Para Winnicott: <http://www.google.com/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Donald+Woods+Winnicott&btnG=Pesquisar&lr=> ou
www.doctissimo.fr/html/psychologie/grands_auteurs/ps_1330_donald_winnicott.htm

[116] *Psychiatrie infirmière*, texto preparado na base das análises clínicas usadas na França, como aproximação Psicanalista, encabeçado por Freud como fundador e Jacques Lacan como continuador a teimar pela análise mal querida na França, a de Freud, e os autores Klein, Winnicot, Piaget, Dolto e Bion, como a organicista, liderada pelos denominados *conductistas* ou *behaviouristas*, entre os quais salienta a análise de Marcel Mauss, Georges Devereux e, especialmente, Edwin Guthrie. Esta parte da análise está dedicada á psicologia da criança:

<http://psychiatrieinfirmiere.free.fr/infirmiere/formtaioninfirmier/psychologiie/cours.htm>
<http://psychiatriinfirmiere.free.fr/infirmiere/thérapie%20organiciste#thérapie%20organiciste>

Retirado do texto *Psychiatrie Infirmière* de Edwin R Guthrie, John Watson, Edward Skinner, gostava citar as seguintes ideias sobre a educação: « *Il y a apprentissage lorsqu'un organisme placé plusieurs fois dans la même situation modifie sa conduite de façon systématique et relativement stable. Cela suppose que l'organisme garde en mémoire une trace des situations passées* » Ou Terapia Orgânica. Uma melhor citação para a nossa análise é o principio de la **méthode de tolérance**, desenvolvida por Edwin Guthrie : a primeira parte do seu método desenvolvido para o ensino de crianças, diz consistir "*á exposer le sujet á un stimulus de faible intensité que l'on augmente progressivement, en restant toujours en deçá de la réponse émotionnelle.*

Par exemple, un sujet qui présent une peur intense de l'avion écoute une musique moderne proche des sons émis par un avion. On lui fait alors écouter la même musique dans laquelle on a inclus, á intervalles réguliers, de véritables enregistrements d'avion-retirado do website seguinte, sobre o seu texto de 1938, reeditado em 1950, em

conjunto com F Powers: *Educational Psychology*, Ronald Press C°, Nove Iorque.
Website

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Edwin+Guthrie+Les+trois+m%C3%A9thodes+de+Guthrie&spell=1>

http://www.animasport.org/dossiers/psycho_app.html . O método da tolerância, é parte da aproximação organicista que Guthrie estudava e aplicava nas suas sessões com crianças, com um website diferente, método a analisar mais adequado ao nosso estudo: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=+Edward+Guthrie+Skinner+Watson&btnG=Pesquisar&meta=> , principio de conductistas ou behaviouristas a trabalharem com adultos e crianças em psicologia e biologia ou *aproximação organicista* da denominada escola Psicanalista francesa, dividida entre Freudianos-Lacanianos e o resto:

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=+Edward+Guthrie+M%C3%A9thode+de+la+tol%C3%A9rance&btnG=Pesquisar&meta=>

[117] Róheim, Géza, 1950 : *Psychanalyse et anthropologie. Culture - Personnalité - Inconscient*, Payot. Website com texto on-line: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Association+G%C3%A9za+R%C3%B3heim&btnG=Pesquisa+Google&meta=> terapeuta húngaro exilado nos Estados Unidos a seguir pesquisa na Austrália e Nova Guiné em 1919, no texto informático organizado por mim, inclui um texto de 2002 de Elizabeth Rudinesco e Michel Plon de 1999, "Ethnopsychanalyse: Esquisse d'un roman familial, Parties I e II, reproduzido na Revista *L'Autre-Cliniques, cultures et sociétés*, Paris, 2002, Vol. 3, N°2, referem a dúvida do fundador das análises organicistas ou de Etnopsicologia: se Róheim ou Emil Kraepelin, germânico de Leipzig do Século XIX, organizador e descobridor dos conceitos *Esquizofrenia* e *Mania Depressiva* ao usar o método comparativo em psiquiatria, usa o método comparativo, base da Ciência da Antropologia. Conclue que entre europeus e nativos de Java em 1881: "*la proximité de la nature protégeait encore la raison humaine dès méfaits de la civilisation, le "primitif", le naturel, devait inévitablement avoir été épargné par les troubles de l'esprit*" [http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Association+G%C3%A9za+R%C3%B3heim&btnG=Pesquisa+Google&meta=)

[8&q=Emil+Kraepelin+Java&btnG=Pesquisar&meta=](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Emil+Kraepelin+Java&btnG=Pesquisar&meta=) para bibliografia e debate:
<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Emil+Kraepelin+Publicaciones&btnG=Pesquisar&meta=> Publicaciones e debates:
<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Emil+Kraepelin+Publications&btnG=Pesquisar&meta=>

[118] <http://patrick.fermi.free.fr/nervure.htm> Sobre as análises de Kraepelin em Java, ver **ALCMEON 12-Formas clínicas de la demencia precoz, según Emil Kraepelin**, por Graciela Carrá , Pablo Berretoni Website http://www.drwebsa.com.ar/aap/alcmeon/12/a12_08.htm Também do texto Civilização e Loucura, de Paulo Dalgarrondo, website <http://www.epub.org.br/cm/n01/dalga/dalga1.htm>

[118] <http://www.epub.org.br/cm/n01/dalga/dalga1.htm> . Quis citar este texto para avançar para o segundo ponto anunciado: o da definição da ciência que me importa.

[120] Kraepelin, Emil, 1904: *Psychiatrie Comparée*, "Du voyage de Kraepelin aux migrations actuelles

«En 1793, pendant la révolution française, Philippe Pinel, médecin-chef à Bicêtre et Jean-Baptiste Pussin, surveillant, décident d'ôter les chaînes aux "furieux". Les insensés deviennent des sujets, la folie devient maladie mentale. Les esprits malins s'envolent avec la fumée des derniers bÃchers et les sorcières, fiancées de Satan, deviennent des malades mentales. Depuis cette conception est demeurée, avec quelques variations, celle du monde occidental.

Un peu plus d'un siècle plus tard, en 1903, Emil Kraepelin, qui en est à la rédaction de son septième manuel, prend connaissance du rapport annuel de l'établissement psychiatrique de Buitenzorg fondé par des Hollandais à Java en 1881. Les circonstances se précipitent un peu car il se trouve que Karl Kraepelin, frère du premier, dirige le musée d'histoire naturelle de Hambourg et que Buitenzorg est aussi connu pour son jardin botanique. Les deux frères entreprirent donc le voyage fin 1903. Nous sommes au début du siècle mais en un certain sens les travaux de Kraepelin viennent parachever le mouvement intensif de médicalisation de la folie commencé

réellement au début du XIX^{ème} siècle même s'il a toujours existé des réflexions sur les rapports entre la folie et la maladie. Il faut rappeler que cette folie médicalisée fã»t cependant longtemps l'apanage des peuples civilisés. Au milieu des années 1800, des états-Unis à l'Europe, le nombre d'aliénés subit une croissance considérable. L'analyse de ce phénomène est mise en corrélation avec l'avènement de l'ère industrielle et du "progrès" en général même si quelques observateurs, dont Esquirol, restent plus prudents. En tout cas et comme Huffschmitt le note :

"la proximité de la nature protégeait encore la raison humaine des méfaits de la civilisation, le "primitif", le "naturel", devait inévitablement avoir été épargné par les troubles de l'esprit." [7]

Dans les premières années de ce siècle cette idéologie s'essouffle et quelques particularités exotiques ont déjà commencé à entrer dans les revues savantes. Dans les Annales Médico-Psychologiques [1] sont rapportées par exemple les observations de Gilmore Ellis parues dans The Journal of Mental Science en 1896-97 et qui concernaient deux entités devenues légendaires, l'amok et le latah des Malais.

24C'est donc dans ce contexte que les deux frères embarquent à Gênes le 23 décembre. L'intérêt principal de Kraepelin est de tester la validité universelle de son élaboration nosographique. Les spécificités malaises, l'amok et le latah, sont bien reconnues mais identifiées, avec précaution il est vrai, à "l'épilepsie psychique" et à l'hystérie. Je cite :

"En tout cas il n'y a pas pour l'instant de raison sérieuse d'admettre l'existence de formes entièrement nouvelles, inconnues de nous, de folie chez les indigènes de Java..". [8]»

Avec quelques réserves méthodologiques Kraepelin retrouve sa démence précoce et la folie maniaco-dépressive. La fin de l'article consacré à cette expédition montre une ouverture vers le développement de la psychiatrie comparée qui "peut être appelée à devenir un jour une importante science auxiliaire de la psychologie des peuples." Kraepelin fait réellement de la psychiatrie comparée et c'est là son réel et non moindre mérite. Les théories indigènes ou un quelconque relativisme culturel ne l'intéressent pas. D'ailleurs comme le note Jacques Postel, Kraepelin pensait que

"l'ignorance de la langue du malade est, en médecine mentale, une excellente condition d'observation." [

[122] <http://patrick.fermi.free.fr/nervure.htm>

[123] Lévi-Straus, Claude : 1952, *Race et Histoire*, Unesco. Há versão portuguesa, Presença, Lisboa, 1954. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=L%C3%A9vi-Strauss+Race+et+Histoire&btnG=Pesquisar&meta=>

[124] Freud, Sigmund, 1913: *Totem and taboo. Some points of agreement between the mental lives of savages and neurotics*, publicado em inglês em 1918, versão que uso. Website:

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+Totem+and+taboo&btnG=Pesquisar&meta=>

[125] Freud, obra citada, *Generalidades*. Website com troços do texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+Totem+and+taboo&btnG=Pesquisar&meta=>

[126] *La psychanalyse française:*
<http://pages.globetrotter.net/desgros/ecoles/français.htm1>

[127] Storr, Anthony, 2003: *Freud*. Website com texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=The+Freudian+theory+of+Religion&btnG=Pesquisa+Google&meta=> página 89 do texto.

[128] Storr, obra citada, website <http://www.faithnet.org.uk/Science/Psychology/freudreligion.htm>

[129] Obra e autor citados nota anterior

[130] Freud, Sigmund, 1938: *Der Mann Moses und die Monotheistische Religion* ou *Moses and Monotheism*, <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+Moses&btnG=Pesquisar&meta=> Há versão portuguesa, Guimarães, Lisboa, 1990.

[131] Citado por John Hick no seu texto de 1980: *One World*, Oxford University Press. Website para debate: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Philosophy+of+Religion+John+Hick&btnG=Pesquisar&meta=>

[132] Freud, 1913: *Totem and taboo*. Website com texto: <http://www.mdx.ac.uk/www/study/xfre1913.htm> Excertos.

[133] A importância do texto não é apenas pelas definições proferidas a partir da comparação de culturas, bem como de autores. Ao mesmo tempo, Freud segue uma via inaugurada pelos seus professores alemães, que referi ao falar de Kraepelin em páginas anteriores: método comparativo, atribuído apenas a Bronislaw Malinowski

[134] Freud, Sigmund, 1920, traduzido do alemão com a sua revisão: *Au-delà du principe du plaisir* , edição electrónica de 1920, revista a tradução pelo autor: *Le moi et le ça*. http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/freud_sigmund/essais_de_psychanalyse/Essai_1_au_dela/au_dela_prin_plaisir.html , edição electrónica *on line*. http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/freud_sigmund/essais_de_psychanalyse/Essai_3_moi_et_ca/moi_et_ca.html , edição electrónica *on line*.

[135] Freud, Sigmund, 1910, *Introductory Lectures*, Viena, e desenvolvido em *Totem and Taboo*. <http://www.sla.purdue.edu/academic/engl/theory/psychoanalysis/definitions/oedipus.html>

[136] Freud, Sigmund, 1905: *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* ou *Trois essais sur la théorie de la sexualité*, tradução inglesa Sigmund Freud-7-*On Sexuality*, Pelican, Londres, 1977. Website com texto: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+The+sources+of+infantile+sexuality&btnG=Pesquisa+Google&meta=>

[137] Jones, Ernest, 1935: *The Oedipus-Complex as An Explanation of Hamlet's Mystery: A Study in Motive*, <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Ernest+Jones+Oedipus+complex&btnG=Pesquisar&meta=>

[138] Freud, Sigmund, 1929, versão francesa revista pelo autor http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/freud_sigmund/malaise_civilisation/malaise_civilisation.html Texto on-line

[139] Citação feita no texto de Robert Young, 1999: NEW IDEAS ABOUT THE OEDIPUS COMPLEX, website para debate: <http://www.shef.ac.uk/~psysc/human/chap5.html> ou <http://www.shef.ac.uk/~psysc/psychoanalytic-studies/msg00901.html>

[140] Freud, Sigmund, 1905, Three essays on sexuality, Pelican Londres, páginas 120 e seguintes. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+Three+essays+on+sexuality&btnG=Pesquisa+Google&meta=>

[141] Foucault, Michele, 1976: *L'Histoire de la Sexualité*, Gallimard, páginas 56 e 57. Website <http://www.isis.aust.com/stephan/writings/sexuality/vict.htm>

[142] Freud, Sigmund, obra citada, página 55, website referido.

[143] Wundt, Wilhelm, 1870: *Totem e Tabu – Tabu e ambivalência emocional*; Wilhelm Wundt

Describes taboo as "the oldest unwritten laws of humanity". ...website: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Wundt++on+totemism&btnG=Pesquisar&meta=> ; Sir James Frazer, 1922, *The Golden Bough*. Ha versão portuguesa. Claude Lévi-Strauss, 1962: *Le totemisme aujourd'hui*, PUF, Paris. A sua ideia central é : Appliquant la méthode structurale, Lévi-Strauss définit le totémisme comme recouvrant des *relations réglées entre deux séries*, l'une naturelle et l'autre culturelle. La série naturelle comprend des catégories et des individus. La série culturelle comprend des groupes et des personnes. Il y a quatre façons d'associer deux á deux les termes provenant de séries différentes:

	N	C	C	In	In
ature	atégorie	atégorie	atégorie	dividu	dividu
	C	G	P	P	G
ulture	roupe	ersonne	ersonne	ersonne	roupe

Website

<http://www.ltm.ens.fr/chercheurs/lassegue/notes%20de%20lecture/levi-strauss-totemisme.htm> l

[144] Freud, em análise, páginas 189 a 193

[145] *Trauma*: designa a angustia que incapacita a um indivíduo para respostas adequadas aos factos que acontecem, ou fluxo excessivo de intolerância que causa um sujeito a outro ou um facto. Website:

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud++trauma&btnG=Pesquisar&meta=>

[146] *Latência*: En la niñez hay con frecuencia intervalos breves durante los cuales los niños tienen la inclinación de acariciar sus genitales. Si ese comportamiento es alentado por la educación sexual prematura, como muchas veces sucede, la masturbación incesante puede ocurrir durante la niñez y la fascinación del niño con sus propios genitales puede llevar a ciertas perversiones. Una niña llevada al juego sexual prematuro por la instrucción sexual puede convertirse en ninfomaniaca, para quien el acto sexual es nada más que un impulso compulsivo de repetir sus seducciones tempranas. Website:

<http://www.anael.org/sexo/freud.htm>

[147] *Recalcado*: *Não existe nenhuma diferença qualitativa entre as condições de saúde e a neurose. As pessoas sadias enfrentam a mesma luta para dominar a libido, porem são apenas melhor sucedidas." Mas atenção... "dominar" a libido: a libido é a carga energética da pulsão.* Definido em 1915, retirado do texto Maria Cristina Ocariz, website com texto:

<http://www.geocities.com/HotSprings/Villa/3170/CristinaOcariz.htm>

[148] *Repressão*: website <http://www.psiqweb.med.br/persona/freud2.html>

[149] *Libido*: website com texto: <http://www.psiqweb.med.br/gloss/>

[150] *Fantasma*, debate de vários autores em vários textos, ligado ao conceito de libido e do inconsciente e do consciente, em consequência, de religião e totem ou, nos

conceitos de Wilfred Bion, 1962: *Learning from experience*, relação do eu – "finito" -, com a meta psicologia ou "infinito" ou conceito religioso do mundo e as suas relações, *William Heineman Medical Books*, Londres, conceitos que, refere Bion, permitem "fazer" e não "sonhar, como era originalmente o debate entre austríacos e alemães - derivado do conceito Fantasia que existe em alemão e passa a ser fantasma na tradução de começos do Século XX. Fazer, é dizer, mudar de categoria de infinito para finito, passar da fantasia para a materialidade, como refere em *Attention and Interpretation*, Tavistock Institute, Londres. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Wilfred+Bion+Attention+and+Interpretation&btnG=Pesquisa+Google&meta=>

[151] Definição de nota 52. Website <http://www.geocities.com/marcofk2/roudi.htm>

[152] Klein, Melanie, especialmente ao longo da sua obra *Essai de psychanalyse 1921-1945*-Payot 1968 ou website http://www.doctissimo.fr/html/psychologie/grands_auteurs/ps_1324_melanie_klein.htm. ht, entre outros. Há versão lusa, Imago, 1991, Rio de Janeiro

[153] Em Forster, Sophia e Carveth, Donald, 1999: "Christianity: A Kleinian Perspective", texto on-line at *Psyche Matter* Website com texto: <http://www.psychematters.com/papers/carveth.htm> .

[154] Bion, obra citada, nota 54, retirada esta parte do texto de Joan e Neville Symington (1997, Routledge), 1999: *O Pensamento clínico de Wilfred Bion*, Climeps Editores, Lisboa. Website: <http://www.precos.com.pt/psicologia-c3374/o-pensamento-clinico-de-wilfred-bion-p21760563.html>

[155] Durkheim, Émile, 1912: *Les forme élémentaires de la vie religieuse*, Félix Alkan, Paris. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=%C3%89mile+Durkheim+Les+formes+elementaires+de+la+vie+religieuse&spell=1> . Texto completo on- line. No entanto, o debate mais interessante sobre o conceito, especialmente entre ideias do autor e de Weber, pode-se ler na Net em <http://geocities.yahoo.com.br/jonhassuncao/durkheim.htm> . Debato o conceito entre vários autores no meu texto de 2002: *A economia deriva da religião*, Afrontamento,

Porto, bem como em ainda mais um texto publicado sem o meu consentimento pela mesma editora, em Abril de este ano: "A religião como lógica da cultura", Afrontamento, Porto, 2004.

[156] Vitz, Paul, 2002: *Sigmund Freud's Christian Unconscious*, Amazon <http://www.amazon.com/exec/obidos/tg/detail/-/0802806902/002-1307274-1097621?v=glance> ou <http://www.paulvitz.com/FreudsXtmUncon/168.htm>

[157] Klein, Melanie, obra referida, citação retirada do texto Forster e Carveth, já referido, website <http://psychematters.com/papers/carveth.htm> , bem como do texto publicado por Imago, Rio de Janeiro, 1991, páginas 209 e seguintes.

[158] Klein, *Inveja e gratidão*, in passim, páginas 215 a 221, versão Imago. Website www2.uol.com.br/percurso/main/pcs02/artigo0218.htm

[159] Chaucer, Geoffrey, 1340-1400, *Canterbury Tales* <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Chaucer+Canterbury+Tales&btnG=Pesquisa+Google&meta=> , histórias éticas e catequistas, base da análise de Klein, bem como Milton <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Milton+Paradise+Lost&btnG=Pesquisar&meta=> , livros on line; e *O Livro de Salomón da Bíblia Luterana* <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=B%C3%ADblia+Luther+Livro+de+Salom%C3%B3n&btnG=Pesquisar&meta=> , entre outros textos usados para a sua análise dos conceitos de inveja, gratidão, amor, reciprocidade, desejo de fazer o bem por se ter sido alimentado por um seio adjudicado a uma entidade isolada, a mãe, a sua "proprietária". Donde, *Imaculada Conceição* como conceito aplicável a análise cristã de Klein.

[160] Dolto, Françoise, 1985: *La cause des enfants*, Laffont, Paris, ou website com textos: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Fran%C3%A7oise+Dolto+La+cause+des+enfants&btnG=Pesquisar&meta=> , para comentários e debate e troços de texto

[161] Dolto, Françoise, 1981 : *Au Jeu du Désir. Essais Cliniques*, Seuil, Paris. Há versão portuguesa, que uso, Relógio D"Água, 1993. ou

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Fran%C3%A7oise+Dolto+Au+jeu+de+d%C3%A9sir&btnG=Pesquisar&meta>

[162] Dolto, Françoise: textos entre anos 1960 e 1980, reunidos em 1995 pela Gallimard, Paris, sob o título *La difficulté de vivre*.

[163] Dolto, Françoise: obra citada nota anterior, páginas 95 e seguintes.

[164] Dolto, obra em análise, páginas 7 e seguintes ou <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Fran%C3%A7oise+Dolto+La+difficult%C3%A9+de+vivre&btnG=Pesquisar&meta=>

[165] Dolto, Françoise www.diplomatie.gouv.fr/label_france/ENGLISH/DOSSIER/enfance/04.html

[166] « *L'histoire de l'enfant commence dans l'imaginaire des parents. On l'imagine grand, beau, fort et plus tard riche. A partir du moment où on est deux (couple), on est déjà trois, même si l'enfant n'est pas encore pensé consciemment...* » **Psychiatrie Infirmière**, já referido, página 147 do manuscrito fabricado por mim e baseado em autores mencionados. Website <http://psychiatrieinfirmiere.free.fr/infirmiere/formationInfirmiere/psychologie/cours.htm> , ver *Capítulo II* de este texto

[167] Ver nota anterior e as obras de Alice Miller referidas, especialmente o texto preparado por mim, na base da minha participação no projecto *The Natural Child Project: All children behave as well as they are treated* em http://www.naturalchild.com/alice_miller , ou *Los funerales de la Mamá Grande* de Gabriel García Márquez, 1974, Bruguera, Barcelona, website [www.ciao.es/Los funerales de mama grande 144017](http://www.ciao.es/Los_funerales_de_mama_grande_144017) -

[168] García Márquez, nota 2, páginas 154 a 157, intercaladas por mi.

- [169] Iturra, Raúl, Junho 2000, p. 26. "*Pais e Cônjuges*" *A Página da Educação*; Raúl Iturra; Jornal "A Página", ano 9, nº 91, Maio 2000, p. 26: [**Divorciar não é deixar de amar. Ensaio de etnopsicologia da infância**](#)

[170] Ver não apenas nota anterior, bem como as citações de Alice Miller e Dolto, especialmente no caso de Miller o seu texto de 1985, publicado por Tusquets em Barcelona em 1994: *El drama del niño dotado y la búsqueda del verdadero yo*, que analisa a ilusão da uma infância que nunca foi vivida; ou Françoise Dolto, 1995: *La difficulté de vivre*, especialmente páginas 79 a 209, sobre família e sentimentos.

[171] Bion, Wilfred, 1948-1951: *Experiences in groups*. *Human Relations*, reeditado em 1961 pelo Instituto Tavistock como *Experiences in Groups*, website para informação e debate em: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Wilfred+Bion+Experiences+in+groups&btnG=Pesquisar&meta=>

[172] Klein, Melanie (1947) 1973: *Psychanalyse d'un enfant*, Tchou . Paris. Também Imago, Rio de Janeiro 1991. Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Melanie+Klein+Psychanalyse+d%27un+enfant+1946&btnG=Pesquisar&meta=>

[173] Freud, Sigmund, versão francesa revista pelo autor de 1923, já referida, define: "*Além do princípio do prazer*"¹, trabalho no qual Freud desenvolveu suas ideias sobre pulsão de vida, pulsão de morte, compulsão á repetição, etc. é segundo ele próprio, um trabalho que se nutre de especulação². A actividade especulativa difere por sua natureza da actividade de raciocinar. Ela permite-nos a suprema ousadia de avançar por espaços desconhecidos, liberando novas formas de pensamento e sensibilidade. Enquanto a Razão no mantém atados ao conceito - abstracção das realidades estéticas - o Pensamento nos fornece ideias que estão fora de senso comum. Eros/Thanatos produtos do pensamento e não da Razão, são ideias e não conceitos". Retirado do artigo "Eros/Thanatos: uma exegese e uma pragmática de «Além do principio do prazer»", de Nahman Armony, em: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+Thanatos&btnG=Pesquisa+Google&meta=>

[174] Bion, Wilfred, 1979 a) *A Memoire of the future*, Book Two: The Past Presented, Imago, Rio de Janeiro. Website para informação e debate <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Wilfred+Bion+Memoirs+of+the+future&btnG=Pesquisar&meta=>

[175] Bion, nota anterior, retirado do texto de R.D. Hinshelwood, website:
<http://psychematters.com/papers/hinshelwood2.htm>

[176] Ver Bion, 1970: *Attention and interpretation*, Tavistock Institute, Londres.
Website para debate e ideias: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Wilfred+Bion+Attention+and+Interpretation&btnG=Pesquisar&meta=>

[177] Locke, John, 1682, <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=John+Locke+Tolerance&btnG=Pesquisa+Google&meta=>

[178] Locke, John, 1693, *Some thoughts concerning education*, em <http://www.libraries.psu.edu/tas/locke/ch0h.htm1> e <http://www.google.pt/search?q=John+Locke+A+treatise+on+tolerance&btnG=Pesquisa&hl=pt-PT&ie=UTF-8>

Freud, Sigmund: O Complexo de Édipo

[179] Bion, obra citada, 1970, retirada, por falta de texto em Portugal, do livro *O pensamento clínico de Wilfred Bion*, já referido.

[180] Freud, Sigmund, texto citado, que define as pequenas gralhas normais de realizar no quotidiano, como esquecer nomes, lapsus, erros de leitura e escrita, etc.
Website com texto <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Sigmund+Freud+Psychopathologie+de+la+vie+quotidienne&btnG=Pesquisar&meta=>

[181] Devereux, Georges, (1972) 1985: *Ethnopsychanalyse complémentaire*, Flammarion, Paris. Website para debate e informação <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Georges+Devereux+Ethnopsychanalyse+compl%C3%A9mentariste&btnG=Pesquisar&meta=>

[182] Devereux, Georges, obra citada nota anterior, página 104

[183] Devereux, obra citada, bem como em: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Georges+Devereux+Ethnopsychanalyse+compl%C3%A9mentariste&btnG=Pesquisar&meta=>

[8&q=Georges+Devereux+Ethnopsychanalyse+compl%C3%A9mentariste&btnG=Pesquisar&meta =](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Georges+Devereux+Ethnopsychanalyse+compl%C3%A9mentariste&btnG=Pesquisar&meta=)

[184] Devereux, Georges, 1961 : *Etnopsychiatrie des indiens Mohaves*, Smithsonian Institute, USA. Website para debate e informação em: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Georges+Devereux+Ethnopsychiatrie+des+indiens+Mohaves&btnG=Pesquisar&meta>

[185] Iturra, Raúl, 1998, 2000 e 2002, para referir os citados e publicados em Portugal apenas. Pode-se consultar <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Raul+Iturra&btnG=Pesquisa+Google&meta=> para debate e informação, especialmente textos publicados no estrangeiro e que estão on- line.

[186] Na língua *Mapudungun*, falada pelos Picunche, que têm imensa dificuldade em usar o castelhano e retiram as consoantes das palavras, *Huinca* quer dizer "Estrangeiro" e "branco" ou também "Chileno". O Ditador do Chile, *Picunche* de Ranço, por perto de Penciahue sítio no qual trabalho, fala língua mestiza: "*nesta tierra semos tos aparentados y co"ocidos, pu"i inhor*" que en castellano seria: *En esta tierra somos todos hermanos y conocidos, mi señor*" As palavras anteriores são mestiças, não portuguesas, muito embora tenham um som luso. As minhas passam por inglesas e as das crianças que comigo trabalham, no primeiro dia fazem um grande esforço "*pela pronuncia*", abandonada meio hora depois...excepto se há professores por perto...que ganham a vida incutindo cultura hispânica...num povo mestiço e autónomo. Excepto para os ditadores *Picunche*.

[187] Como tenho referido ou neste texto ou em outros livros, tive a sorte de encontrar um manuscrito jesuíta, com a História, Matrimónios, Baptizados e defunções, que começa em 1602 até o dia de hoje, manuscrito cuja cópia está comigo.

[188] Freud, Sigmund, e Jean Charcot 1895 em frente: *uma desordem psicológica que converte conflitos emotivos em perturbações físicas* <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Sigmund+Freud+Hysteria&btnG=Pesquisar&meta=> . *Ou representações simbólicas da repressão inconsciente de factos que, pela idade e a capacidade de*

entendimento dos factos, passavam do canal físico ao canal emotivo. Para entender melhor este conceito cumprimento estudado e muito debatido, retirado do texto de Richard Webster: Website <http://www.richardwebster.net/freudandhysteria.html> , "Hysteria, medicine and misdiagnosis" Normalmente, a estatística tem mostrado que as fêmeas sofrem da doença mais duas vezes que os homens.

[189] Freud, Sigmund-1895-1939, conceito que nunca mais para de definir, quer ele próprio, quer nos debates com os seus discípulos, a pesar de que, como comenta a *Columbia Encyclopedia* em 2001, é " *um nome dado por Freud a um sistema de interpretações e tratamentos terapêuticos de desordens psicológicos*". Website para debate e definição: <http://www.bartleby.com/65/ps/psychoam.html> Freud dá um forte ênfase às motivações sexuais, pelo qual Jung e Adler se retiraram do trabalho com o seu Mestre. Freud retira estas ideias do seu texto sobre A integridade da pessoa, no seu livro citado de 1906, em *Id, ego e superego*, debatido por Bion em 1970. A teoria está focada na infância e nas não lembranças da mesma mas que causaram dano à criança. Website para debate <http://skepdic.com/psychoan.html> e também <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Sigmund+Freud+Psychoanalysis+&btnG=Pesquisar&meta=>

[190] Herdt, Gilbert, 1982: *Rituals of Manhood. Male initiation in Papua New Guinea*, University of California Press; 1984: *Ritualized homosexuality in Melanesia*, University of California Press; 1987: *The Sambia. Ritual and Gender in New Guinea*, Holt, Rinehart and Winston, San Francisco. Para debater e saber mais, Website <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Gilbert+Herdt&btnG=Pesquisar&meta=>

[191] Godelier, Maurice, 1996: *Meurtre du Père, Sacrifice de la Sexualité*, Arcanes, Paris, onde mais uma vez a análise do totem como organizador do comportamento sexual, aparece como ordenador das relações paterno – filiais. Para debate: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Maurice+Godelier+Meurtre+du+P%C3%A9re+Sacrifice+de+la+Sexualit%C3%A9&btnG=Pesquisar&meta=>

[192] Para além do texto *Ethnopsychiatrie dès Indiens Mohave*, referido na nota 15, é preciso saber que no seu (1965) 1977: *Essais d'ethnographie générale*, Devereux

analisa o comportamento das crianças Mohave e as suas relações filiais, especialmente a repulsa dos filhos a relações homossexuais com os pais - pelo que estas existem, como há entre adultos de forma normal, referido no texto citado primeiro. No ensaio de 1965 de este segundo livro, analisa a voz das crianças, como denomina, e define como pré-lógica as formas de agir dos mais novos, ao citar Lucienne Lévy-Bruhl na página 125. Refere e analisa que todas as crianças Mohave, antes da idade de 10 anos, têm acesso completo ao saber sexual dos membros da tribo e têm relações íntimas desde a mais tenra idade, facto que é negado pelos adolescentes que sabem que no contexto inglês do investigador, as relações sexuais são proibidas entre crianças, adolescentes, do mesmo ou diferente sexo. Em consequência, a voz das crianças tem dois sentidos: uma realidade em Mohave, outra em inglês. A voz das crianças muda de conteúdo na base do contexto dentro do qual falam, como as histórias contadas sobre relações incestuosas, de pedofilia e outras, adaptadas ao ouvido do investigador e as suas normas. Dai que Malinowski tome uma análise de observador e não de analista, para ouvir apenas uma voz e uma história e comparar com a sua própria cultura. Para saber mais, website: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Georges+Devereux+&btnG=Pesquisar&meta=> ou <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Georges+Devereux+Bibliographie&btnG=Pesquisar&meta=>

[193] Malinowski, Bronislaw, 1913, sob a orientação do finlandês Edward Westermack, Professor na Universidade de Londres, que procurava organizar um largo conhecimento sobre as formas matrimoniais do mundo.

[194] Malinowski, Bronislaw, publica ambos os seus livros na Routledge and Kegan Paul, hoje textos inexistentes, excepto na colecção completa que a Routledge tem preparado das obras todas, que são mais do que cem textos, pelo que o Website é importante: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Bronislaw+Malinowski+Family+Australian+Aborigines&btnG=Pesquisar&meta=>

[195] Malinowski, Bronislaw, 1922: *The Argonauts of Southern Pacific*, Routledge and Kegan Paul, website para debate e definir conceitos: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Bronislaw+Malinowski+The+Argonauts+of+Southern+Pacific&btnG=Pesquisar&meta=>

[196] Malinowski, (1989) *A Diary in the Strict Sense of the Term*, Stanford, California: Stanford University Press. Estas eram as notas pessoais que o autor escrevia em língua de Cracóvia, mas a sua viúva entregou para publicação. As suas intimidades eróticas aparecem, incluindo o que denominamos hoje em dia pedofilia, uma forma de saber, tal e qual Devereux usou no estudo dos Mohave e Godelier, entre os Baruya. Formas, sejam claras, rituais, como descreve Gilbert Herdt entre os *Sambia* (nome criado pelo autor para ocultar a identidade da etnia) e não por opção pessoal como define Freud em 1906. O estudo de crianças feito por Bion, Klein, Piaget, Winnicott, e eu próprio, não inclui esta prática, como consta nos nossos diários de campo. Vejo-me obrigado a dizer esta frase pelo tipo de vida que hoje levamos no mundo Ocidental: o que é ritual participado é delito entre nós. Para maior informação sobre Malinowski: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Bronislaw+Malinowski+Diary&btnG=Pesquisar&meta=>

[197] Malinowski, Bronislaw, 1926: *Sex and repression in savage societies*, Routledge and Kegan Paul, Londres. Website para saber mais: <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Bronislaw+Malinowski+Sexuality+and+repression&btnG=Pesquisar&meta=> Website com texto on-line, mas data enganada (confunde 1926 por 1921): <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Bronislaw+Malinowski+Sexuality+and+repression&btnG=Pesquisar&meta=>

[198] Malinowski, obra em análise, página 10 ambas citações, da versão francesa que uso.

[199] Iturra, Raúl, 2000: "Mulher a crescer, machismo a tremer", in *Jornal A Página*, ano 9, nº 94, Setembro. Website com texto http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/mulher_a_crescer.htm

[200] Malinowski, obra em análise, página 14.

[201] *Baloma; the Spirits of the Dead in the Trobriand Islands*, Website com texto: <http://www.sacred-texts.com/pac/baloma/index.htm> Este texto analisa não apenas a vida dos mortos, ao deixar as Ilhas de Coral, bem como os espíritos dos mais

antigos andam em procura de uma rapariga pelas praias e as águas do mar para entrar no seu corpo e renascer.

[202] Retirado de Malinowski 1929, *The sexual life of the savages*, dois volumes, Routledge and Kegan Paul, website http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Clasiques_des_sciences_sociales/classiques/malinowski/vie_sevuelle_2.doc y do website de Patrick Reinier, école des hautes études em Sciences Sociales <http://www.reynier.com/Anthro/Parente/Matrilin.html>

[203] Klein, Melanie, ver especialmente os ensaios do volume *Inveja e gratidão e Narrativa da análise de uma criança*, Imago, Rio de Janeiro, 1991 ou a colecção Payot dos anos 80 e 90, Paris. Também, a *História do pequeno Hans* de Freud, notas 39 e seguintes, Capítulo II de este texto.

[204] Freud, Sigmund, para além dos textos citados de 1906 e 1913, especialmente as Histórias mencionadas do Caso do pequeno Hans e o Caso do pequeno Arpád – retirado da análise de Ferenczi, dos seus textos sobre abuso de crianças *Analyse d'enfant avec les adultes* <http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Sandor+Ferenczi+Analysis+Arp%C3%A1d&btnG=Pesquisar&meta=> , ver 1905 *Teoria da sedução na sexualidade infantil* ou *Ritual Abuse* em http://directory.google.com/Top/Society/Issues/Children,_Youth_and_Family/Child_Abuse/Sexual_Abuse/

[205] Freud, Sigmund, em Website http://directory.google.com/Top/Society/Issues/Children,_Youth_and_Family/Child_Abuse/Sexual_Abuse/ , bem como em *Totem e Taboo* e 1905: *O abandono da infância a sexualidade* ou *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* Website em alemão, com texto: <http://www.iep.utm.edu/f/freud.htm#Infantile%20Sexuality> ou teoria tripartida, retirada das ideias de Platão, as análises clínicas e as suas conclusões do Id, Ego e Superego, onde o ego da criança fica neurotizado. Ver Website <http://www.iep.utm.edu/f/freud.htm#Neuroses%20and%20The%20Structure%20of%20the%20Mind> ou

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+Drei+abhandlungen+zur+Sexualtheorie&btnG=Pesquisar&meta=> Versão

inglesa de 1905: *Sexual aberrations*, Penguin, Londres. Website com texto e debates:
<http://www.google.pt/search?hl=pt->

[PT&q=Sigmund+Freud+Sexual+Aberrations&btnG=Pesquisar&meta=](http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&q=Sigmund+Freud+Sexual+Aberrations&btnG=Pesquisar&meta=)

[206] Freud, 1926, *Signal d'angoise* Website
<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Freud+Signal+angoisse&spell=1>

[207] Malinowski, texto citado nota 36, Volume 1.

[208] Nous parlons dam plus d'un passage de ce livre, et plus spécialement dans la chapitre 13, des processus á la faveur desquels on inculque á l'enfant le respect pour le tabou et les traditions de la tribu. Il faut se garder de personnifier la coutume ou de croire qu'elle possède une autorité absolue ou autonome: elle est tout simplement le produit d'un mécanisme spécifique, social et psychologique. (Voir mon ouvrage : *Crime and Custom*, 1926.)

[209] Texto citado na nota anterior, página 52 para a idade e 48 para a vida sexual infantil, descrita com minúcia pelo autor.

Website:

http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/malinowski/vie_sexuelle/chap_3_2

[210] Malinowski, obra em análise, Volume II, páginas 138 em frente. Um outro comentário, pode-se encontrar no texto de Raoul et Laura Levi Makarius, 1961: L'Origine de l'exogamie, website
http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/classiques/makarius_Laura_raoul/origine_exogamie/origine_exogamie.pdf

[211] Flavio Josefo: Jerusalén, 37 d JC-?, c. 100) Historiador judío. Fez parte do partido dos judeus, de forma especial. Quando explode o conflito com Roma, em 66 d.C., Josefo aceita, talvez por ambição, quem sabe por vaidade, o comando da Galiléia. Traiu Roma para defender ao seu povo a sua maneira. Desenvolveu as suas capacidades de sofrimento e criou uma História que até hoje nos domina. Website com texto: http://www.airtonjo.com/flavio_josefo02.htm ou wbsite para debate:

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Fl%C3%A1vio+Josefo+Biografia&btnG=Pesquisar&meta=>

[212] Malinowski, obra citada, volume 1, páginas 58 e seguintes. Ver nota 210.

[213] Iturra, Raúl, 1972, "El Paro de los *conchuchos*" Revista do CEAS, Pontificia Universidad Católica do Chile, Santiago.

[214] Heródoto 484-425 a C: o mais importante dos historiadores gregos mais antigos. Website

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=Her%C3%B3doto&btnG=Pesquisar&meta=>

[215] *Catecismo da Igreja Católica*, Primeira Secção: A Vocação do Homem: A vida no Espírito, página 379, Edição Gráfica de Coimbra, 1992, Promulgado por Karol Wojtila ou Joannes Paulus Papae II – Website

<http://angelgireh.tripod.com/tp01.htm>

[216] Mesmo texto, mesmo autor, páginas 386 a 387.

[217] Mesmo texto, páginas 97 e 98

[218] Miller, Alice, 1996: *Breaking down the wall of silence*, Virago, Barcelona. Website

<http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&ie=UTF-8&q=+Alice+Miller+Breaking+down+the+wall+of+silence&btnG=Pesquisar&meta=>

Os sítios web que não geram hiperligação, podem ser usados, como indicador para o Internet Explorer.